



ISBN 978-972-789-493-2

ÁGORA



ÁGORA

2016

António Guimarães Pinto

Suplemento n.º 5

2016

Adenda ao livro *De Missione Legatorum Japonensium,* de Duarte de Sande: as *Orationes* de Gaspar Gonçalves e de Martinho Hara

S5 ÁGORA

S5



António Guimarães Pinto



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Adenda ao livro
De missione legatorum Iaponensium,
de Duarte de Sande:
As Orationes
de Gaspar Gonçalves e de Martinho Hara

António Guimarães Pinto

Adenda ao livro
De missione legatorum Iaponensium,
de Duarte de Sande:
As Orationes
de Gaspar Gonçalves e de Martinho Hara

Universidade de Aveiro
2016

Ficha técnica:**Título**

Adenda ao livro *De missione legatorum lapponensium*, de Duarte de Sande: As *Orationes* de Gaspar Gonçalves e de Martinho Hara

Autor

António Guimarães Pinto

Design de capa: Serviços de Comunicação, Imagem e Relações Públicas da Universidade de Aveiro com base na gravura *Neue Zeyttung aufi der Insel Japonien* dada à estampa em Augsburg, por Michael Manger, em 1586 (Biblioteca da Universidade de Quioto, Japão), representando a embaixada japonesa, o padre Diogo Mesquita ladeado pelos quatro fidalgos japoneses, à chegada a Milão.

Impressão

Sersilito. Empresa Gráfica, L.da — Maia

Editora

UA Editora

Universidade de Aveiro

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

1.ª edição - dezembro de 2016

Tiragem

450 exemplares

ISBN

978-972-789-493-2

Depósito Legal

418458/16

Este suplemento da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* foi publicado sob a coordenação científica do Departamento de Línguas e Culturas e do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

universidade de aveiro  **dlc** departamento de línguas e culturas

universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

ÍNDICE

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO:	11
1. A voz da Companhia	13
2. A) <i>Acta Consistorii ...</i>	14
B) <i>De trium regum Iaponiorum legatis ...</i>	16
3. Testemunhas da visita a Roma	17
A) O Doutor António Pinto ...	17
B) <i>Relationi della venuta degli Ambasciatori ...</i>	17
4. <i>Oratio habita a Fara D. Martino ...</i>	18
5. <i>Breuis et compendiosa narrativo missionum ...</i>	24
TEXTOS:	27
1. A voz da Companhia	29
a) Desígnios da missão à Europa	29
b) Identificação e posição jerárquica dos quatro jovens fidalgos	31
c) Preparo intelectual dos quatro jovens fidalgos	31
d) Chegada a Goa no regresso	33
e) Entrada na Companhia de Jesus dos quatro jovens fidalgos	34
2. A) <i>Acta Consistorii ...</i>	38
B) <i>De trium regum Iaponiorum legatis ...</i>	68
3. Testemunhas da visita a Roma	75
A) O Doutor António Pinto ...	75
B) <i>Relationi della venuta degli Ambasciatori ...</i>	80
4. <i>Oratio habita a Fara D. Martino ...</i>	82
5. <i>Breuis et compendiosa narratio missionum ...</i>	106

PREFÁCIO

A vinda de uma embaixada de quatro jovens fidalgos japoneses (Miguel Chijiwa, Julião Nacaura, Martinho Hara e Mâncio Ito) a vários reinos europeus no último quartel do século XVI, organizada sob a égide da Companhia de Jesus, constituiu um marco histórico nas relações entre a Europa e o Japão. O contacto entre estas duas civilizações, à época quase desconhecidas uma da outra, principiara cerca de quatro décadas antes com a chegada dos portugueses ao Japão e aprofundara-se bastante nos anos subsequentes graças ao incremento das trocas comerciais e à ação evangelizadora da Companhia de Jesus, em cujo seio haviam sido instruídos e doutrinados os jovens japoneses.

As memórias do extraordinário périplo que os quatro japoneses empreenderam, por terra e por mar, ficaram para sempre gravadas no livro de Duarte de Sande, S. J., *De missione legatorum Iaponensium ad Romanam curiam, rebusque in Europa ac toto itinere animaduersis dialogus, ex ephemeride ipsorum legatorum collectus et in sermonem Latinum uersus ab Eduardo de Sande, sacerdote Societatis Iesu*, publicado em Macau, em 1590, cuja versão integral para língua portuguesa ficou a dever-se ao labor inextinguível do Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, sob o título “Diálogo sobre a missão dos embaixadores japoneses à Cúria Romana e as coisas que eles observaram na Europa, coligido do Diário dos próprios embaixadores e vertido para latim por Duarte de Sande, sacerdote da Companhia de Jesus” (Macau, 1997).

No presente livro, António Guimarães Pinto tem o mérito de coligir, estudar e apresentar ao público um conjunto alargado de textos manuscritos e impressos, de diversa proveniência e de não fácil acesso, relacionados diretamente com a missão dos príncipes japoneses. É essa a razão principal pela qual o Autor apresenta este volume como uma adenda ao referido livro do padre Duarte de Sande, em jeito de pública homenagem (a que nós temos o grato prazer de nos associar) ao nosso comum Mestre, o Prof. Doutor

Américo da Costa Ramalho, a quem os estudos sobre o Humanismo em Portugal tanto ficaram a dever.

A passagem dos japoneses, primeiro por Portugal e Espanha e depois por várias cidades da Península Itálica, entre as quais sobressaem Veneza, Ferrara, Florença e, sobretudo, Roma, despertou um vivo interesse nos locais por onde deambularam, confirmado tanto pelos próprios príncipes, enquanto interlocutores dos colóquios do livro de Sande e autores, eles mesmos, de outros textos, como também pelos ecos havidos da missão nipónica nas demais fontes impressas e manuscritas da época.

António Guimarães Pinto considera que, entre o vasto conjunto de textos dedicados a memorar a embaixada japonesa, sobressaem, pela sua qualidade literária, «três obras saídas de pena e/ou tipografia portuguesa», uma das quais é o próprio *De missione legatorum Iaponensium ad Romanam curiam*, de Duarte de Sande. Ora, ocupam um lugar central no presente livro as restantes duas obras: oferecem-se aqui à estampa os textos latinos e as versões portuguesas da *Oratio* de obediência ao papa Gregório XIII, de Gaspar Gonçalves, S.J., e da *Oratio* panegírica do príncipe japonês Martinho Hara. Os nobres japoneses, instruídos desde tenra idade pelos jesuítas, deixaram alguns textos impressos, onde demonstram um conhecimento não despreciando da língua do Lácio. De entre esses escritos, destaca-se a notável *Oratio* panegírica do japonês Martinho Hara, publicada em 1587, da qual é dada à estampa neste livro a primeira versão para língua portuguesa, fazendo-se prova de que a autoria desta oração pertence inequivocamente ao jovem japonês.

Não obstante a centralidade neste livro das duas orações latinas referidas, sublinha-se também a presença de diversos outros escritos que permitem completar e contextualizar tanto estas duas notáveis peças de oratória, como o próprio livro de Sande. Assinala-se, por exemplo, a publicação da correspondência (texto latino e versão portuguesa) relacionada com a presença dos quatro japoneses em Roma, enviada pelo Doutor António Pinto a Filipe II, descoberta pelo Autor no Arquivo Geral de Simancas; a disponibilização de vários textos dos jovens japoneses, impressos em opúsculos de grande raridade, contendo as versões latinas das cartas dirigidas pelos dáimios japoneses às autoridades pontifícias ou a outros

destinatários portugueses; ou mesmo a apresentação de um conjunto de excertos cuidadosamente selecionados da obra dos jesuítas Alexandre Valignano, Gaspar Coelho e Luís Fróis.

Em suma, consideramos que este trabalho representa, de facto, uma “Adenda” imprescindível para a compreensão global do *De missione* de Duarte de Sande, trazendo nova luz sobre diversos aspetos relacionados com a embaixada dos dáimios japoneses, alguns deles objeto de controvérsia nas últimas décadas, como acontece, por exemplo, com a avaliação do grau de competência linguística dos jovens japoneses na língua latina ou, até, com a discussão sobre a autoria da obra de Duarte de Sande.

Por conseguinte, foi com o maior interesse e satisfação que acolhemos a publicação deste estudo inovador de António Guimarães Pinto, como 5.º volume do Suplemento da *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, por estarmos convictos de que este livro constitui mais um valioso contributo do Autor em prol do conhecimento do Humanismo em Portugal, pondo à disposição do leitor interessado os textos originais que constituíram uma das suas mais significativas manifestações.

António Manuel Lopes Andrade
João Manuel Nunes Torrão

Introdução

Entre 20 de fevereiro de 1582, data em que zarparam de Nagasaki, e 21 de julho de 1590, dia em que desembarcaram na mesma cidade portuária do sul do Japão, quatro jovens fidalgos nipónicos — Miguel Chijiwa (1567- ?), Julião Nakaura (1568-1633), Martinho Hara (1568-1629) e Mâncio Ito (1569-1612) — protagonizaram uma dilatada viagem que, desde a pátria, e com escalas mais ou menos prolongadas em Macau, Malaca, Goa e Moçambique, os levaria a Portugal, Espanha e Itália, num périplo que, pelo seu estrondoso eco na opinião pública europeia de então, nos dá testemunho de um vívido e generalizado interesse pelo *Outro*, de que talvez hoje, a nós, cidadãos de um mundo globalizado, não nos seja fácil medir a real profundidade.

Folheando o minucioso volume que Adriana Boscaro dedicou ao levantamento e descrição das obras impressas consagradas ou diretamente ligadas com esta primeira missão nipónica à Europa¹, podemos ficar com uma ideia, se bem atentarmos nos títulos das espécies arroladas, do genuíno interesse e simpatia humana com que os nossos tão amiúde caluniados antepassados quinhentistas olharam e procuraram compreender e sintonizar com aqueles representantes de uma cultura tão diversa da sua, simpatia para a qual propenderiam (é força confessá-lo) com tanta maior veemência quanto é certo que aqueles meninos, ao desempenharem uma missão de obediência ao papa por parte de soberanos² de tão longínquas terras, induziriam na alma de muitos a esperança de a Europa cristã vir a adquirir no mais remoto

¹ Adriana Boscaro, *Sixteenth Century European Printed Works of the First Japanese Mission to Europe: A Descriptive Bibliography*. Leiden, E. J. Brill, 1973.

² Os textos coetâneos designam-nos por “reis”, conquanto a história nipónica nos ensine que se tratava de “dáimios”, ou seja, senhores feudais, que, ao tempo da partida dos jovens, gozavam de um já periclitante poder soberano sob a “regência” de Oda Nobunaga, autonomia esta que estava destinada a desvanecer-se a brevíssimo trecho com a ascensão ao xogunato do implacável e determinado Toiotomi Hideioxi.

Oriente um novo e aguerrido aliado contra as hostes islamitas então bem presentes e ameaçadoras às portas da mesma Itália.

Outra impressão com que ficamos após a leitura desta erudita monografia é a do reduzido número de espécies portuguesas num acervo bibliográfico tão vasto, destinado sobretudo a memorar a vinda e estada na Europa de pessoas que, feitas as contas, passaram grande parte do tempo transcorrido fora do Japão em território português ou de facto controlado por Portugal (caso de Macau). É certo, porém, que, bem apurado o valor literário por que se liquidou toda a produção impressa diretamente relacionada com a missão japonesa, o saldo é francamente positivo a favor dos autores portugueses ou de formação parcialmente portuguesa, pois parece indisputável que grande parte da imensa atividade editorial averbada pela Professora Boscaro não se eleva acima do que hoje designaríamos por estilo jornalístico-sensacionalista, e mesmo quando os autores se guiam por critérios de comedimento e contenção (caso de algumas relações e cartas jesuíticas), a chã mediania da forma não revela quaisquer veleidades ou propósitos estéticos. Bem diverso juízo nos merecem, constituindo brilhante exceção nesta farragem de nulos ou muito modestos quilates literários, três obras saídas de pena e/ou tipografia portuguesas: a *Oratio* de obediência, de Gaspar Gonçalves, S. J., a *Oratio* panegírica, do japonês Martinho Hara, e o diálogo *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam*, de Duarte de Sande, S. J..

Ora, o texto latino deste último livro, cuja primeira edição foi impressa em Macau no ano de 1590, como terceira produção saída dos prelos que trouxe consigo de Portugal a missão japonesa³ cuja experiência europeia era amenamente narrada no elegante latim do padre Sande⁴, foi recentemente

³ Vd. M. Antoni J. Uçerler, S. J., “Gutenberg comes to Japan: the Jesuit and the first IT Revolution of the Sixteenth Century”: *The Ricci Institute, Public Lecture Series*. September 2005, 9.

⁴ Sobre ser o padre Sande o responsável pelo texto latino deste livro não podem restar quaisquer dúvidas, ao invés do que sucede relativamente à autoria literária da obra, cujo conteúdo aliás se funda em grande parte nos diários, documentos e apontamentos que os quatro jovens e os seus acompanhantes trouxeram consigo.

Américo da Costa Ramalho tem defendido a autoria exclusiva de Duarte de Sande, assumindo posição diversa o estudioso J. F. Moran, que assevera que: *A full reconsideration of the question shows conclusively that de Sande is not and does not claim to be the true author,*

reeditado, antecedido por suculenta introdução e acompanhado por tradução exemplar do nosso Mestre e Amigo o Professor Américo da Costa Ramalho⁵. Pareceu-me, portanto, que seria este o ensejo adequado para oferecer à luz pública e pôr à disposição dos japonólogos os textos latinos e as traduções que realizei das duas *Orationes* que acabei de citar (juntamente com alguns textos que as contextualizam e completam), para desta forma, por um lado, fundamentar o juízo crítico que formulei, e, por outro, ao apresentar este livrinho como uma *Adenda* ao '*De Missione*', publicamente homenagear o seu tradutor, patriarca dos estudos sobre o Humanismo em Portugal, homem e sábio a quem tanto devo.

Para esquivar os deslizes e faltas em que facilmente incorreria um não especialista nesta área de estudos, procurei neutralizar o mais possível a minha intervenção direta e dar sobretudo a voz aos quinhentistas. Passo em seguida a uma sumária caracterização e comentário dos diferentes grupos de textos que irão ler-se:

1. A voz da Companhia: desígnios da Missão à Europa, identificação e posição jerárquica dos quatro jovens, preparo intelectual, chegada a Goa no regresso, entrada na Companhia

Aqui se enfeixam excertos de escritos dos jesuítas Alexandre Valignano, Gaspar Coelho e Luís Fróis, todos três contemporâneos e conhecedores diretos das pessoas envolvidas na missão japonesa a Roma. A extensa rubrica sob o qual os colocámos elucida-nos sobre o seu conteúdo e com a sua leitura cremos que se ajudará não pouco à contextualização e cabal avaliação das demais espécies que integram o presente trabalho. A notoriedade

and that the work was originally composed in Spanish by Valignano. Os respetivos pontos de vista podem ver-se em:

Américo da Costa Ramalho, "O Padre Duarte de Sande, S. I., verdadeiro autor do *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam [...] Dialogus*": *Para a História do Humanismo em Portugal (III)*. Lisboa, INCM, 1998, 209-220; J. F. Moran, "The Real Author of the *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam ... Dialogus*": *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*. Lisboa, volume 2, June 2001, 7-21.

⁵ Duarte de Sande, *Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*. Prefácio, tradução e comentário de Américo da Costa Ramalho. Estabelecimento do texto latino Sebastião Tavares de Pinho. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra / Centro Científico e Cultural de Macau, 2009, 2 tomos.

dos autores jesuítas aqui transcritos forra-nos do trabalho de sumariar-lhes a vida e obra, sentindo-nos apenas tentado, não só como português, mas como alguém que, nestes temas de história oriental, se confessa *cieco, ma non nemico della luce*, a confidenciar com desgosto que nos parece que um certo setor historiográfico tende a exaltar, em alguns casos quicá movido por um compreensível pendor patriótico, mas em outros por uma larvar animosidade antilusitana (indisfarçável em alguns autores franceses e anglo-saxónicos), a realmente prodigiosa figura e hercúleo labor apostólico de Alexandre Valignano, às custas da pioneira, perseverante e heróica ação missionária dos jesuítas de origem portuguesa.

Merece-nos especial menção a edição da obra de Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões*, cujo manuscrito se manteve inédito até 1942, ano em que J. A. Abranches Pinto, Yoshitomo Okamoto e Henri Bernard, S. J., o publicaram em Tóquio, sob a chancela da Sophia University⁶, numa primorosa edição, ricamente ilustrada e copiosa e eruditamente anotada, e que parece ensinar como um povo que preza a sua história e cultura, mesmo no meio das dificuldades imensas inerentes a uma guerra total, como a em que se encontrava mergulhado o Japão ao tempo desta edição, sabe reservar uma parte do seu orçamento para preservar aquela porção do seu património que nunca perece.

2. A) *Acta Consistorii publice exhibiti a S. D. N. Gregorio Papa XIII Regum Iaponiorum Legatis Romae, die XXIII Martii, MDLXXXV, EX AVCTORITATE SVPERIORVM, ROMAE, apud Franciscum Zannettum, MDLXXXV.*

Sob este título reproduzimos o texto latino e oferecemos a nossa tradução do opúsculo de 19 páginas impressas, publicado por Francesco Zannetti pouco depois do Consistório em que se leram os textos que o mesmo contém e que viria a contar com inúmeras edições e traduções contem-

⁶ Na página de rosto o título vem em francês, língua na qual também se encontram redigidas a introdução e anotações: *La Première Ambassade du Japon en Europe. 1582-1592. Première Partie. Le Traité du Père Fróis*. A Biblioteca Nacional de Lisboa possui dois exemplares.

porâneas, que o leitor interessado poderá encontrar descritas e referenciadas na obra de Adriana Boscaro atrás citada.

Além da tradução latina das cartas nas quais os três dáimios nipónicos D. Francisco, D. Protásio e D. Bartolomeu afirmavam a sua obediência à cabeça máxima da Igreja católica, o livrinho é ocupado, das páginas 7 à 17, com a reprodução da *Oração* latina de obediência, que era da praxe pronunciar-se em ocasiões como esta e que, de facto, constituía uma variedade dentro do subgénero das “orações renascentistas”, ao lado das orações de entrada, das orações panegíricas e das orações de sapiência ou académicas⁷. Para escrever e pronunciar este texto, a Companhia de Jesus, principal interessada em dar o máximo relevo e prestígio a esta missão japonesa, escolheu o sacerdote português conimbricense Gaspar Gonçalves⁸, um dos mais conspícuos e dotados humanistas da corporação, o qual, por ordem do Geral, se encontrava em Roma desde 1584, cidade onde irá manter-se até à sua morte, ocorrida em 1590, formando parte da equipa de seis padres encarregada de preparar e redigir o texto definitivo da *Ratio Studiorum*⁹, cuja primeira edição só verá a luz da publicidade em 1599¹⁰.

O leitor interessado em corroborar com mais amplas leituras a boa opinião que, a partir desta *Oratio*, concebeu sobre os dotes oratórios e aprimorado latim do Padre Gaspar Gonçalves, terá de acudir à secção de manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa e da Hispanic Society of America, de Nova Iorque, onde irá deparar com duas notáveis peças

⁷ Consulte-se, na *Enciclopédia Verbo*, t. 14, coll. 677-678, o artigo “Orações Latinas”, da autoria de Américo da Costa Ramalho.

⁸ Segundo Francisco Rodrigues, S. J., *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, tomo 1.º, volume 1.º, 1931, p. 458, Gaspar Gonçalves entrou “no Colégio de Jesus [de Coimbra] a 25 de Maio de 1556 [...] nos seus dezasseis anos de idade.”

Para mais detalhes biográficos, consultem-se, *sub nomine*, os artigos que a *Biblioteca Lusitana*, de Barbosa Machado, e a *Enciclopédia Verbo*, em entrada da autoria de João Pereira Gomes, S. J., consagram a este Autor, em grande parte inédito.

⁹ Francisco Rodrigues, o. c., tomo 2.º, volume 2.º, 1939, pp. 19-20.

¹⁰ Veja-se a recente edição bilingue: *Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus* [1599] Nota Prévia, Introdução, versão portuguesa e notas de Margarida Miranda. Lisboa, Esfera do Caos Editores, 2009.

orações (uma oração em louvor de D. João III e outra dedicada à Rainha Santa), uma mancha de composições poéticas, de diferente extensão e temática, e uma composição teatral, intitulada *Dialogus qui inscribitur Gloria*, redigida, como todas as demais obras manuscritas, quando o Autor era ainda estudante, e representada diante do bispo de Coimbra.

Traduções portuguesas:

a) O já citado *Tratado dos Embaixadores Japões* contém a tradução para português das cartas dos dáimios nipónicos lidas ao papa (carta de D. Francisco, pp. 158-159; carta de D. Protásio, pp. 173-174; carta de D. Bartolomeu, pp. 174-175), da *Oração* de obediência de Gaspar Gonçalves (pp. 163-172) e da resposta de Boccapaduli, em nome de Gregório XIII (pp. 172-173). Ignoramos se a tradução foi feita pelo padre Fróis a partir de um exemplar do impresso trazido da Europa por algum dos integrantes da missão nipónica, ou se é obra de algum dos moços, como parte do seu tirocínio académico com vistas a adquirir dexteridade no manejo das línguas latina e portuguesa.

b) Os mesmos textos acabados de citar aparecem, em versão portuguesa do original francês, na obra: João Grasset, *História da Igreja de Japão [...] vertida em português por Dona Maria Antónia de S. Boaventura e Meneses*, Lisboa, Oficina de Manuel da Silva, 1751, tomo 2.º, pp. 195-217.

B) *De trium regum Iaponiorum legatis, qui nuper Romam profecti, Gregorio XIII Pont. Max. oboedientiam publice praestiterunt, Varia quae Lectorem mirifice delectare et piorum omnium animos ad maximas Deo gratias agendas uehementer excitare possunt. LOVANII, ex officina Ioannis Masii, sub uiridi Cruce, 1585.*

Como peça B) acrescentaram-se nesta secção o texto latino e tradução das páginas 19 a 21 deste opúsculo, que nas páginas antecedentes se limitara a reproduzir *ipsis uerbis* a espécie bibliográfica de que acabámos de nos ocupar e publicada em Roma no mesmo ano de 1585 pelo editor Zannetti.

Conforme informa o seu encabeçamento, trata-se do extrato de uma carta escrita de Roma no 1.º de abril daquele ano e, por conseguinte, oito dias volvidos sobre o Consistório em que a embaixada japonesa foi recebida por

Gregório XIII. É de supor que os destinatários sejam jesuítas dos Países Baixos, uma vez que o Autor da missiva se denuncia como membro da corporação inaciana, ao escrever, na p. 20: *sic enim Summo Pontifici placuerat ut pars quaedam nostrae domus pulcherrime exornata iis attribueretur*. (“É que aprouvera ao Sumo Pontífice que lhes fosse destinada certa parte da *nossa Casa* elegantíssimamente ornamentada”).

3. Testemunhas da visita a Roma:

A) O Doutor António Pinto

Sob este título apresentámos a transcrição dos originais que descobrimos, no Arquivo Geral de Simancas, da correspondência relacionada com a presença em Roma dos enviados japoneses, enviada a Filipe I pelo agente encarregado por então (e até novembro de 1588) dos negócios eclesiásticos pertencentes à Coroa de Portugal, o Doutor António Pinto¹¹. O contacto direto que esta personalidade manteve com os jovens D. Mâncio, D. Miguel, D. Martinho e D. Julião imprimem acrescido interesse às informações, até hoje inéditas, que o zeloso agente dirigiu ao seu amo em Madrid.

B) *Relationi della venuta degli Ambasciatori giaponesi a Roma, fino alla partita di Lisbona (...)* Raccolte da Guido Gualtieri, Milão, Pacifico Pontio, 1587.

Transcrevemos algumas páginas deste raríssimo opúsculo, que deverão ser lidas como complemento e em cotejo com a relação epistolar que o Doutor Pinto faz dos mesmos episódios da receção romana aos enviados japoneses e do Consistório de 23 de março. Tem algum interesse a informação que nos transmite sobre as competências linguísticas dos jovens fidalgos, que preferiam recorrer a intérpretes na comunicação com estranhos, mas, não

¹¹ Sobre esta personalidade, sobrinho do celebrado reitor da Universidade de Coimbra frei Diogo de Murça e autor ele também de uma *Oratio*, lida no Consistório de 22 de abril de 1566, em que o embaixador português D. Fernando de Meneses prestou obediência ao novo papa Pio V em nome do rei D. Sebastião, veja-se o nosso estudo “Quem foi (ou não foi) o António Pinto autor da *Oratio* académica de 1555”, *Convergências e Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa / Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, pp. 339-367.

obstante, pareciam dominar razoavelmente (*mediocremente e prontamente*) o português e o castelhano, entender alguma coisa de italiano, e encontrarem-se ainda então em fase de aprendizagem do latim.

4. *Oratio habita a Fara D. Martino, Iaponio, suo et sociorum nomine, cum ab Europa redirent, ad Patrem Alexandrum Valignanum, Visitatorem Societatis IESV, Goae in D. Pauli Collegio, pridie Non. Iunii, Anno Domini 1587, CVM FACVLTA TE Inquisitorum et Superiorum, Goae, Excudebat Constantinus Douratus, Iaponius, a aedibus Societatis IESV, 1588.*

Como texto 4 publicámos a transcrição e tradução que fizemos desta notável oração panegírica, escrita e lida pelo jovem fidalgo japonês D. Martinho Hara¹², e impressa pelo também japonês Constantino Dourado¹³, num prelo de tipos móveis que os Jesuítas, na pessoa do padre Diogo de Mesquita, adquiriram em Lisboa e destinavam a utilizar na sua evangelização do povo nipónico, como de facto veio a suceder¹⁴. Trata-se de um opúsculo de 16 páginas, de 18 por 11 cm, impresso com nitidez, de que apenas temos notícia de dois exemplares, ambos depositados em Roma (um no arquivo da Companhia de Jesus e outro no Instituto Español de Estudios Eclesiásticos da mesma cidade)¹⁵.

O discurso laudatório do promotor da missão japonesa foi pronunciado no Colégio de S. Paulo, em Goa, a 4 de junho de 1587, ou seja, uma

¹² O grafema *F* com que aparece escrito o sobrenome do nosso Autor é utilizado “pelas convenções ortográficas da altura” para “explicitar o *a* aspirado, em vez de *H*”, de acordo com a amável e pronta explicação com que nos esclareceu o ilustre japonólogo Dr. José Miguel Pinto dos Santos.

¹³ Nasceu em 1567 em Isahaya (Hizen), no sul do Japão, acompanhou a embaixada como “*dôjuku*”, entrou na Companhia de Jesus no ano de 1595, já no Japão, e foi ordenado sacerdote entre 1616 e 1618. Foi nomeado reitor do colégio de Macau da Companhia em 1620, morrendo a 23 de julho deste mesmo ano. *Vd.* Diego Yuuki, S. J., *Os quatro legados dos dáimios de Quiuxu após regressarem ao Japão*, Macau, Instituto Cultural de Macau / Serviços Culturais da Embaixada de Portugal em Tóquio / Câmara Municipal de Omura, 1990, p. 39; Georg Schurhammer, S. J., “Uma obra raríssima impressa em Goa no ano 1588: a *Oratio habita a Fara D. Martino*”: *Orientalia*. Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963, 748.

¹⁴ Sobre este tema veja-se o já citado artigo de Antoni Uçerler.

¹⁵ *Vd.* Georg Schurhammer, o. c., 748.

semana após a chegada dos jovens à capital do Império Português do Oriente, uma das escalas na sua longa viagem de regresso à pátria. Dadas a idade e circunstâncias biográficas do Autor não podemos deixar de classificá-lo como um trabalho notável, tanto pela segurança com que se serve do latim, como, e sobretudo, pela solidez e inteligente ensablamento da estrutura e suporte ideológico da peça oratória. Convém ter presente que não se trata de um “assimilado”, desgarrado desde tenra idade da sua cultura nativa e imbuído exclusivamente de um idioma e valores ideológicos impostos do exterior, mas sim de alguém que sempre viveu imerso na língua, literatura e civilização dos seus maiores, que aliás os seus mentores jesuítas sempre se preocuparam em cultivar e manter vivos, tanto nele como nos seus companheiros de missão, tendo tido o cuidado de os fazer acompanhar, durante todo o longo périplo, de mestres de idioma, escrita e literatura pátrios. Ora, foram talvez considerações deste tipo que levaram a pôr em dúvida a responsabilidade plena de D. Martinho Hara na autoria deste discurso latino, mas, ao que cuidamos e procuraremos provar, sem grande fundamento. Bosquejemos-lhe, porém, em rápidas linhas, o percurso biográfico.

D. Martinho Hara (ou *do Campo*, em tradução portuguesa do sobrenome, tal como aparece em alguns documentos jesuíticos), nasceu em 1568, provavelmente no solar de família ou “yashiki” dos Hara, em Omura, edificação que, ao que parece, ainda hoje existe. Segundo informação veiculada pelo padre Valignano e relativa aos anos de mocidade desta personagem: “D. Martinho tem uma irmã casada com o irmão do Senhor de Omura, e tem outro irmão mais novo, que é senhor de uma fortaleza que é das melhores que há nas terras de Omura, e encontram-se nela muitos serventes e criadas, e pertence aos mais importantes do Senhor de Omura”¹⁶. A sua situação como companheiro dos dois embaixadores propriamente ditos dos dáimios (D. Mâncio e D. Miguel) indica que o seu estatuto social o adscrevia provavelmente à média nobreza rural. Depois de ingressar, no início da adolescência, no seminário de Arima da Companhia, seguirá no início da idade adulta um percurso académico e humano idêntico ao dos seus companheiros na viagem à Europa: entrada, no colégio de Amacusa, no noviciado da Companhia em

¹⁶ Citado por Diego Yuuki, o. c., 37.

Julho de 1591 e profissão dos primeiros votos religiosos em Julho de 1593. É de notar, no entanto, que no catálogo que os superiores locais da Companhia enviam para Roma em 1592, se informe que, ao invés dos outros três companheiros, já concluíra os estudos de latinidade e se dedicava aos de especialização em língua e literatura japonesas, por-menor que parece não só revelar a sua maior facilidade para a aprendizagem, mas sobretudo o pendor para a atividade literária, como aliás se confirma pelo pouco mais que nos foi possível coligir sobre a sua biografia.

Assim, sabemos que, sempre juntamente com D. Mâncio e D. Julião, recebeu em Nagasaki as ordens de subdiácono, em 1606, no ano seguinte as de subdiácono, sendo ordenado sacerdote em setembro de 1608, na igreja de Nossa Senhora da Assunção, da mesma cidade, pelo bispo do Japão D. Luís Cerqueira¹⁷. Neste importante porto vai sobretudo decorrer a sua vida de missionário nos seis anos seguintes, conquistando fama de grande pregador: nesta atividade deu brado e ficou memória da brilhante oração fúnebre que dedicou em fevereiro de 1614 ao prelado que o sagrara presbítero. Consagra-se simultaneamente à atividade de tradutor para a sua língua de obras piedosas que iam saindo da impressora que o acompanhara no regresso da viagem à Europa. A este propósito, e segundo as palavras de um especialista: “Hara was an accomplished linguist. He is responsible for the masterly translation of Granada’s *Guide of the Sinners*. His two-volume Japanese edition of this work was published at the Jesuit college of Nagasaki in 1599 and represents one of the greatest achievements of the mission press not only linguistically, but also graphically”¹⁸. Por força do decreto de expulsão promulgado em 1614 pelo xogum Tocugawa Ieyasu, vê-se D. Martinho obrigado a integrar, em outubro deste ano, o grupo dos sessenta e cinco jesuítas que abandonam o Japão para se instalarem em Macau. É nesta cidade que vão

¹⁷ Diego Yuuki, o. c., 24.

¹⁸ Antoni Uçerler, o. c., 10. Mais adiante, na página 16, este erudito jesuíta avança a seguinte informação: “For a detailed analysis of the translation of Granada’s *Guía de Pecadores* and the two editions of Amakusa, 1591, and Kyoto, 1610, of Thomas à Kempis *Imitatio Christi* in Japanese, see William J. Farge, *The Japanese translations of the Jesuit Mission Press, 1590-1614*. De imitatione Christi and *Guía de Pecadores*. Lewiston, N. Y., Edwin Mellen Press, 2002.”

decorrer os anos que lhe restam de vida, continuando a cooperar, no desterro e dentro do possível, com a obra de assistência religiosa e evangelização clandestinas com que alguns dos seus confrades heroicamente arriscavam a vida na pátria. Consoante reza o “Catálogo dos defuntos enterrados na igreja da Companhia de Macau”: “O padre Martinho de Campos faleceu aos 23 de Outubro de 1629; está na capela das Virgens ao pé do altar da parte do Evangelho junto do arco que vai pera o altar-mor”¹⁹.

Chegaram até nós onze apostilas manuscritas, redigidas em português, com que, pelo seu próprio punho e à roda do ano de 1624, comentou e corrigiu uma também manuscrita obra do padre João Rodrigues, intitulada *Bispos da Igreja de Japão*, depositada hoje na Academia de la Historia de Madrid, sob a cota *legajo Jesuitas 21*, 317-330. Apesar da sua brevidade, a seguinte breve nota marginal comprova-nos não apenas a perfeição com que manejava o português, como igualmente o interesse com que continuava a seguir quanto os prelos europeus publicavam acerca da pioneira missão diplomática de que quarenta anos atrás fora um dos membros destacados:

*Já que Vossa Reverência diz que falou atrás desta ida nossa à Europa, folgara de ver como a escreve por que vá escrita bem na verdade, pera emendar o erro dos outros escritores desta matéria e ocorrer à calúnia dos Frades, que nunca hão-de deixar de picar aqui*²⁰.

Conquanto não se trate propriamente de calúnia nem a pessoa em causa seja frade (ainda que, se não hoje, pelo menos *in illo tempore* foi confrade na Companhia de Jesus do nosso D. Martinho), o certo é que Michael Cooper, autor de recente livro de vulgarização sobre a embaixada à Europa dos quatro fidalgos japoneses, fundado (como honestamente reconhece)²¹ sobre

¹⁹ Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino, *códice 1659*, segundo a informação de Diego Yuuki, o. c., 28.

²⁰ Josef Franz Shutte, S. J., “A história inédita dos bispos da Igreja do Japão do Padre João Rodrigues Tçuzu, S. J.”: *Actas do Congresso Internacional da História dos Descobrimentos*. Lisboa, 1961, volume V, 1.ª parte, 315-316.

²¹ “Instead of a direct translation, therefore, I have paraphrased this invaluable Portuguese text, using it as the principal source of information and making full use of the hundreds of detailed and informative footnotes compiled by the three editors”, Michael Cooper, *The Japanese Mission to Europe, 1582-1590. The Journey of four samuray boys through Portugal, Spain and Italy*. Folkestone, Global Oriental, 2005, 197.

tudo no *Tratado dos Embaixadores Japões*, de Luís Fróis, põe sérias dúvidas, quando não recusa explicitamente, a pertença a D. Martinho da autoria do discurso que nós aqui reeditámos e traduzimos (ao que julgámos pela primeira vez integralmente para qualquer idioma). De facto, leiam-se as seguintes passagens do sábio japonólogo britânico:

*Martin delivered a speech in Latin at the Jesuit College [=Goa] in the presence of Valignano and others. This public oration, doubtless written or at least polished by Mesquita or someone skilled in Latin [...]. Who composed the encomium? Certainly not Martin himself. Possibly Mesquita or any of the Jesuit professors teaching at the College in Goa*²².

Ora, cremos que o estudioso acabado de citar não tomaria um tom tão assertivo se tivesse lido com atenção quer o texto do *Tratado dos Embaixadores Japões*, quer o do *De Missione*, as fontes mais diretas para o conhecimento íntimo dos moços viajantes. Assim, sobre as capacidades de latinista, demonstradas por D. Martinho já na viagem por mar de ida para a Europa, informa-nos o *Tratado*, com referência ao mês de fevereiro de 1582, que os jovens:

*Tomavam cada dia três horas pera sua recreação, e o mais do tempo gastavam em seus exercicios acostumados, scilicet, em ler e escrever japon, e o restante em latim. [...] D. Martinho se pôs a compor ũa oração em latim, e depois a decorou para a ter diante de nosso Padre geral; e D. Mâncio fez outra, mais breve, que um padre nosso lhe emendou depois em Évora em algumas palavras, e como tem muito boa memória e habilidade, a tem já quasi estudada para a recitar diante do Papa; os outros três fizeram cada um seu epigrama em louvor de S. Sebastião*²³.

Trata-se de livro de amena leitura no qual, para grata surpresa nossa, e à semelhança da biografia que anteriormente dedicara ao padre João Rodrigues Tçuzzu, o Autor revela um conhecimento das coisas ibéricas que não é muito corrente nos seus compatriotas. A divergência pontual de que damos conta no corpo do texto e um ou outro lapso ou confusão em que incorre (p. ex.: na p. 45 designar como sobrinho de Carlos V o seu neto o cardeal Alberto; confundir este com o seu tio-avô o cardeal-rei D. Henrique, pp. 145 e 159; perguntar-se, como o faz na p. 48, se os jovens fidalgos terão visitado, em 1584, os túmulos de Vasco da Gama e de Camões nos Jerónimos) não são suficientes para abalar a opinião francamente positiva que o livro nos merece.

²² Michael Cooper, o. c., 145 e 147.

²³ Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões*, edição citada, 24.

Daqui decorre que a oração que D. Martinho escreveu a bordo para ler em Roma na presença do Geral Acquaviva não foi objeto de qualquer intervenção ou correção por parte dos padres, ao contrário do que sucedeu com a redigida por D. Mâncio, a qual, ainda que mais breve, foi objeto de algumas pequenas emendas, mesmo assim registadas pelo cronista²⁴. Vemos também que os conhecimentos que os jovens fidalgos nipónicos tinham do idioma do Lácio eram pelo menos suficientes para escreverem pequenas composições em verso.

Por outro lado, os termos com que o *De Missione* se refere à *Oratio* pronunciada por D. Martinho (poucos dias após a chegada a Goa) e impressa logo a seguir com o seu nome não sugerem que se deva atribuí-la ou creditá-la em grande parte ao saber humanístico de outra ou outras pessoas. Leia-se o que o latim do padre Duarte Sande põe na boca de D. Mâncio e de D. Martinho, a propósito da permanência dos jovens na Roma do Oriente.

MANCIVS — *Inter honestas litterariasque exercitationes numerare possumus eam quam suscepit Martinus noster, orationem quandam de nostra nauigatione et eius fructibus latino sermone elaborate compositam, coram patre visitatore et ceteris collegii Goensis uenuste et eleganter habens.*

MARTINVS — *Nescio an uelis, carissime Mancii, diuturnitatem huius colloquii istis ueluti salibus aspergere, meamque in dicendo insulsitatem irridere.*

“MÂNCIO — *Entre as práticas honestas e literárias podemos contar aquela de que o nosso Martim se incumbiu, um discurso sobre a nossa viagem marítima e os seus resultados, cuidadosamente composto em língua latina, que ele pronunciou, com graça e elegância, diante do padre visitador e dos restantes do colégio de Goa.*

MARTIM — *Não sei se queres, caríssimo Mâncio, salpicar a longa duração deste colóquio com essa espécie de graças e troçar da minha falta de jeito, ao discursar*²⁵.

Parece-nos que a personagem dialógica Martinus, que, como é evidente, não poderia afastar-se muito da pessoa real D. Martinho Hara, em vez da forma graciosa e polida de que se reveste a sua modéstia embaraçada, seria obrigada, por uma questão de verosimilhança psicológica, a repor a verdade e

²⁴ Nas fontes que consultei não encontrei nenhuma outra referência a estas duas peças oratórias.

²⁵ Duarte de Sande, o. c., tomo 2.º, 704 e 705. A tradução é do Professor Costa Ramalho.

a apontar os verdadeiros autores, no caso de não lhe caber a total responsabilidade na redação da obra que publicamente leu no Colégio de S. Paulo.

Edições do texto latino:

Georg Schurhammer, “Uma obra raríssima impressa em Goa no ano 1588: a *Oratio habita a Fara D. Martino*”, Goa, *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, 73 (1956), pp. 1-18; artigo reimpresso na coletânea do mesmo Autor intitulada *Orientalia*, já atrás citada, onde o texto da *Oratio* ocupa as pp. 749-753.

5. *Breuis et compendiosa narratio missionum quarundam Orientis et Occidentis. Excerpta ex quibusdam litteris a PP. Petro Martinez, Prouinciali Indiae Orientalis, P. Ioanne de Atienza, Prouinciali Peruanae, et P. Petro Diaz, Prouinciali Mexicanae Prouinciarum, datis anno 1590 et 1591, ad Reuerend. P. Generalem Societatis IESV, et collecta per P. Gasparum Spitilli eiusdem Societatis. Antuerpiae, Excudebat Martinus Nutius ad insigne duarum cyconiarum, Anno 1593.*

É este o título de um raro opúsculo, de que existe um exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, e do qual transcrevemos, sob o n.º 5, os textos latinos que ali se encontram entre as páginas 12 e 24. Trata-se da tradução dos originais japoneses de cartas que os dáimios D. Sancho, de Omura, e D. Protásio, de Arima, dirigiram a 22 de setembro de 1590 ao papa Sisto V, e de duas outras espécies epistolares, datadas de Nagasaki, a 4 e a 8 de outubro do mesmo ano, e endereçadas por D. Miguel Chijiwa respetivamente ao arcebispo de Évora, D. Teotónio de Bragança, e ao padre Pedro da Fonseca, figura grada da Companhia de Jesus em Portugal, nas quais lhes dá novas sobre a situação política e religiosa do Japão e sobre o modo como foram acolhidos por familiares, amigos e compatriotas em geral. Não podemos dizer se estas duas últimas cartas foram originariamente escritas em português, idioma que sabemos ser familiar aos quatro jovens fidalgos japoneses, ou se estamos diante de originais latinos. A consulta, porém, do valioso repositório bibliográfico de Adriana Boscaro, dá-nos conta da publicação em 1592, em Milão, pelo editor Gio. Battista Colonio, de uma brochura com o seguinte dilatado e informativo título: *Copia d’ una lettera del P. Nicolo Levanto al P. Paolo Biscioli della Compagnia di Giesu nella qualle da Lisboa li da aviso dell’ arrivo delli SS. ambasciatori giaponesi alla patria con la copia di due*

lettere di là scritte da Don Michele Cingiua l' vna all' Illmo arcivescouo di Evora l' altra al P. Pietro di Fonseca, ed altre nuoue dell' India. É possível que a consulta do encabeçamento destas cartas esclareça a dúvida sobre a língua em que inicialmente saíram do punho de D. Miguel, que revela uma mente metódica e um estilo enxuto e desempeçado.

Efetuámos a tradução para português de três destes quatro textos. Constitui a exceção a versão aqui apresentada da carta que D. Protásio escreveu ao papa, que aparece em português nas páginas 56 v.^o-58 r.^o do opúsculo *Cartas do Japão nas quais se trata da chegada àquelas partes dos fidalgos japões que cá vieram (...)*, Lisboa, Simão Lopes, 1593. Sem qualquer referência às cartas de D. Miguel, aqui se consigna, imediatamente após a transcrição da versão de que falamos: “Outra carta semelhante escreveu D. Sancho, filho de D. Bertolameu e soçessor em seus estados, a Sua Santidade; e na mesma conformidade, assi ele como D. Protásio, rei de Arima, escreveram também a el-rei nosso Senhor.” (p. 58 v.^o)

Caberia aqui dizer que D. Miguel foi, dos quatro jovens fidalgos, o único que não prosseguiu a vida religiosa que, a fiarmo-nos no texto que mais à frente transcrevemos do padre Fróis, com tanta vontade professara, desprezando mesmo os rogos e estorvos que a mãe interpôs para impedi-lo de entrar na Companhia de Jesus. Inclusivamente apostatou da fé cristã e parece ter caído no ateísmo ou no indiferentismo religioso. Sabe-se que os derradeiros anos da sua existência foram atribulados, ignorando-se a data em que morreu.

Para concluir, resta-nos dizer que regularizámos a ortografia e pontuação e abrimos parágrafos nos textos latinos e portugueses aqui transcritos, com a preocupação de, nestes últimos, respeitarmos as peculiaridades fonéticas do nosso idioma no século XVI. Nas citações em italiano conservou-se a ortografia dos originais impressos.

Tal como adverte o título, este livro parte do pressuposto de que o leitor está inteirado do conteúdo e circunstâncias que rodearam a escrita do *De Missione*, de Duarte de Sande, pelo que considerei de mau gosto e ocioso sobrecarregá-lo com anotações e explicações que nada acrescentassem ao que se supõe já conhecido.

Ao acolherem este livro, destinando-o a constituir o suplemento 5 da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, os Professores António Manuel Andrade e João Manuel Torrão tornam-se credores da gratidão de um latinista que deste modo penetra, muito discreta e humildemente, no terreno que sempre o fascinou da cultura nipónica. Quero também deixar aqui consignada a profunda gratidão com que me onerou a generosidade intelectual de que deu provas o Dr. José Miguel Pinto dos Santos, pelos inúmeros e eruditos esclarecimentos com que o seu saber de insigne japonólogo iluminou a ignorância profunda deste japonófilo. Numa área em que a empáfia dos medíocres semi ou pseudoeruditos pede meças à sua ridícula soberberia, é reconfortante mais uma vez confirmar que os verdadeiramente sábios são humildes. Bem haja!

Por derradeiro, como coronal destas palavras proemiais, consigne-se que o pequeno volume que o leitor tem entre mãos nasceu do propósito de homenagear o Professor Américo da Costa Ramalho, tradutor precisamente do *De Missione*. O dilatado intervalo decorrido entre a redação deste meu trabalho e a data da sua publicação não tornou possível que o discípulo depositasse nas mãos do Mestre mais esta modesta prova de amizade grata e admiração: o Professor Ramalho faleceu em 4 de julho de 2013. Nestas circunstâncias, sai consagrado à saudosa memória de quem foi o patriarca dos Estudos Humanísticos em Portugal e Brasil e alguém que generosamente me apoiou e alentou em horas de dura provação. *Requiem aeternam dona ei, Domine.*"

Belém do Pará, 22 de abril de 2010²⁶

²⁶ "Concluído de facto na data exarada no corpo do texto, este livrinho padeceu inúmeros avatares, que a caridade cristã nos admoesta a remeter ao silêncio. As únicas alterações e acrescentos ora efetuados são os que decorrem do decesso do Professor Ramalho e da nobilíssima acolhida que enfim encontrou entre os diletos amigos aveirenses. Manaus, 22 de julho de 2016."

Textos

1.

A voz da Companhia

a) Desígnios da Missão à Europa

1)

Juntamente pareceu bem que fossem alguns mininos nobres japões que, em nome dos Senhores cristãos destas partes, pudessem pedir ajuda e favor a Sua Santidade e a Sua Majestade, polo que leva o Padre quatro mininos mui nobres, um dos quais é neto del-rei de Arima e sobrinho de D. Bertolameu, senhor de Vomura: houvera de ser um sobrinho del-rei de Bungo, filho del-rei de Fiunga, mas, por não poder vir a tempo de Miaco, vai em seu lugar um primo seu, neto del-rei de Fiunga velho. Os outros dous são fidalgos, dos quais se poderá em Europa ver quais sejam os Japões.

Certo pareceu esta obra ordenada pola divina Providência, pois com tanta facilidade consentiram tão grandes Senhores irem estes mininos com o Padre Visitador a partes tão remotas, em viagens tão compridas e perigosas e, o que mais é, suas mães, não tendo algũas delas outros filhos, e tendo-lhes tanto amor que nos pareceu cousa impossível poder-se isto efetuar. E elas foram contentes de deixar os filhos e os mesmos mininos de deixar suas mães e irem com o Padre, cousa não esperada em Japão.

Os mininos dão tão boas mostras de si que, com sua prudência e raro modo de proceder, causavam cá espanto, sendo de tão tenra idade que não passam de catorze anos, pelo que esperamos em o Senhor que, passando polos Colégios de Europa, satisfarão muito aos padres e irmãos e os Senhores que os tratarem.

E pera que Vossa Paternidade não tivesse somente conhecimento e experiência da gente secular de Japão, mas também dos nossos mesmos irmãos, leva o Padre Visitador consigo um irmão japão, o qual também

pudesse ensinar os mininos a ler e escrever em sua língua, pera lhe não esquecer o que já sabem.

Esperamos que, levando Nosso Senhor todos a Roma, ficará Vossa Paternidade mui consolado e toda Europa entendendo de quanta importância seja a impresa que a Companhia tem em Japão, e, quando embora tornarem, como são pessoas tão nobres e que terão visto Europa, poderão dar em Japão testemunho da grandeza e glória da religião cristã, pelo que sem dúvida / esperamos ser esta ãa das importantes cousas que pera o bem e cristandade do Japão se podia a este prepósito imaginar, principalmente sendo eles tratados de Vossa Paternidade e de todos os Senhores cristãos de tal maneira que não somente eles tornem mui contentes e edificados, mas que também cause sua tornada a Japão em os Senhores cristãos dele grande contentamento e alvoroço, com muito crédito.

“Carta ânua de Japão que escreveu o padre Gaspar Coelho, de Nangaçáqui, a 15 de Fevereiro do ano de 1582, ao Padre Geral da Companhia de Jesu”, *Segunda Parte das Cartas de Japão que escreveram os padres e irmãos da Companhia de IESVS*, Évora, Manuel de Lira, 1598, ff. 17-18.

2)

Vão também quatro moços fidalgos japões, dos quais os dous são filhos de grandes Senhores, por ser um deles neto del-rei de Fiunga, e outro neto e sobrinho del-rei de Arima e D. Bertolameu, os quais manda el-rei de Bungo e os ditos Senhores seus tios pera beijar a mão a Sua Majestade e os pés a Sua Santidade, dando-lhe a divida obediência, e parece-nos isso bem, assi pera que os Japões fossem conhecidos em Europa, como também por que eles conheçam a grandeza de nossa lei cristã e a glória e majestade de Sua Santidade e mais príncipes de Europa, vendo essa corte e a corte romana, pera que depois, tornando a Japão, possam dar testemunho do que viram, e entendam os seus naturais o que em Japão pretendemos e qual é a lei que lhe pregamos: polo que importa muito que sejam favorecidos e tratados de tal maneira que tornem contentes e satisfeitos a Japão. E porque sei quanto Vossa Senhoria folgará de os ver e não faltará de lhes fazer muitas honras e favores polo amor

particular que tem a Japão, não me parece necessário pedir a Vossa Senhoria que os queira favorecer.

“Carta do padre Alezandro Valegnano, Provincial da Índia, pera o Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora. De Goa, 17 de Dezembro de 1583”, *Segunda Parte das Cartas de Japão*, o. c., f. 89.

b) Identificação e posição jerárquica dos quatro jovens fidalgos

Estes senhores japões são dous os principais e que propriamente tem nome de embaixadores e autoridade. Um deles se chama D. Mâncio: é neto del-rei de Fiunga e primo co-irmão de um sobrinho del-rei de Bungo, o qual rei o mandou, como a parente tão propínquo, com ãa carta sua para que em seu nome beije o pé e dê a obediência ao Sumo Pontífice, e per rezão de ser este rei de Bungo o maior e mais poderoso de todos os que em Japão são cristãos, por este respeito D. Mâncio é o que entre os dous precede. E o outro se chama D. Miguel, o qual é primo co-irmão do rei de Arima, que poucos anos há foi baptizado pelo Padre Alexandre Valignano, Visitador da Companhia naquelas partes, e este rei de Arima e D. Miguel são filhos de dous irmãos de D. Bartolomeu, seu tio, Senhor que é de Vomura, e traz cartas de ambos para Sua Santidade, escritas com grão mostra de sua devoção e cristã piedade.

Trazem consigo outros dous cavaleiros fidalgos seus parentes, chamados D. Julião e D. Martinho, e todos serão de dezassete até dezanove anos de idade.

Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões*, edição citada, p. 149.

c) Preparo intelectual dos quatro jovens fidalgos

Nestas partes do Ximo temos cinco residências, a principal das quais está em Arima, onde também temos um seminário, no qual estiveram este ano vinte e seis mininos muito nobres. (...) Quanto ao seminário não posso encarecer a Vossa Paternidade o grande contentamento em o Senhor que

temos em ver o recolhimento e aproveitamento dos mininos que nele há, nem cuidado que se possa facilmente entender o seu bom modo de proceder, porque nestes dous anos se não ouviu entre eles cousa que causasse desgosto nem entre si soltar palavras imodestas e mal compostas, antes vivem em suma paz e união, parecendo com sua modéstia e devação não ser inferior o seminário ao noviciado.

No estudo são mui diligentes, tanto que excedem a toda a expectação que deles se pode ter, e comumente na memória e engenho levam muita vantagem aos mininos de Europa, porque, com lhe ser a eles a nossa letra peregrina, em poucos meses aprendem a ler e escrever muito bem nela. E não se pode negar fazerem muita ventagem aos mininos que nos nossos seminários em Europa se criam.

Tem seu tempo repartido, gastando parte do dia em aprender a ler e escrever japonês (que tem necessidade de muito tempo), parte em ler e escrever latim e estudar a gramática latina conforme a suas capacidades, e posto que a língua latina lhe seja mui dificultosa, todavia são tão ajudados do entendimento, da memória e diligência que põem em estudar que parece sairão bons latinos no mesmo tempo ou em menos do que os nossos soem gastar. Também aprendem o canto de órgão e a tanger cravo e tem já ãa capela mui arzoada, cantando muitos deles com facilidade ãa missa solene.

O fruto deste seminário, além do que está dito, se pode entender / das primícias que dele a Vossa Paternidade se oferecem, porque assi o irmão como os quatro mininos que o Padre Visitador leva consigo são fruto deste seminário, porque o irmão, em poucos meses que nele esteve, deu tais mostras de si que o Padre o recebeu na Companhia e, depois de um ano de noviciado, lhe coube tão ditosa sorte como foi ir ver a Vossa Paternidade e os padres e irmãos de Europa. Os quatro meninos lá os verá Vossa Paternidade e por eles julgará os mais que cá ficam: são de idade de treze ou catorze anos.

Bem se verá agora que o remédio do Japão está nestes seminários, nos quais é necessário haver modo pera sustentar cada um deles até cem pessoas, e desta maneira teremos em breve tempo obreiros, assi pera a Companhia como pera clérigos seculares.

“Carta ânua”, já citada, de Gaspar Coelho, *ibi.*, ff. 20-21.

d) Chegada a Goa no regresso

Mas antes que comece a responder a esta carta, quero dar a Vossa Senhoria a mais desejada nova que deseja por agora saber, que é serem estes seus filhos japões chegados a salvamento aqui a Goa, depois de haverem passados muitos e perigosos trabalhos, assi antes de chegarem a Momçambique, aonde foram forçados a invernar por lhe faltar a monção, como também depois que de lá partirem que se viram algũas vezes perdidos em um galeãozinho que D. Jorge de Meneses, alferes-mor, lhes deu, assi por sua fidalguia, como por lho ter daqui encomendado o Viso-rei, e chegaram aqui a 29 de Maio, tempo em que os outros anos estão todas estas barras fechadas por ser já princípio do Inverno, o qual parece que Nosso Senhor com particular providência deteve este ano, pera que não entrasse tão cedo, porque se entrara como sói, sem dúvida se haviam de perder, mas trouxe-os Nosso Senhor a salvamento dous meses e meo depois que partiram de Momçambique e treze e meo depois que deram à vela de Lisboa, ordenando Nosso Senhor, como eles mesmos dizem, que não somente recebessem contentamentos e mimos tão grandes, como em todas as partes lhe fizeram, mas que também experimentassem os grandes trabalhos e perigos que os padres nesta viagem passam pera ir procurar a salvação dos Japões.

Foram aqui mui bem recebidos do Viso-rei e dos fidalgos e com sua chegada houve contentamento universal por toda a Índia, e tanto maior quanto estivemos todos por muito tempo em grandes perplexidades e angustias do que lhes pudesse ter acontecido. Fez-lhe o Viso-rei muitas honras e mercês e lhes mandou de presente quatro cavalos arábios muito fermosos em que pudessem passar, e com ajuda de Deus se embarcarão em Abril pera Japão, e eu com eles. / (...) e por isso tenho mandado vir impressão, que levo comigo a Japão pera imprimirmos os livros lé purgados e alimpados quais convém a Japão.

“Carta do padre Alexandre Valegnano, Provincial da Índia, pera o Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora. De Goa, o 1º de Dezembro de 1587”, *Segunda Parte das Cartas de Japão*, o. c., ff. 232 e 233¹.

¹ Dezoito dias depois de escrever esta carta ao arcebispo de Évora, Valignano informava o Geral da Companhia sobre a chegada a Goa dos quatro moços japoneses em

e) Entrada na Companhia de Jesus dos quatro jovens fidalgos

1)

Foi neste comenos o Padre Visitador ao colégio de Amacusa, assim para consolar os irmãos e dar a ordem conveniente àquele colégio, como para receber os quatro fidalgos japões.

Os quais, para que correspondessem *ultima primis*, como aqueles a quem Deus Nosso Senhor tinha tomado por instrumento para fazer em Japão grandes cousas, os foi o mesmo Senhor de tal maneira ensinando e instruindo que, depois de haverem ido com o Padre Visitador ao Miaco, e serem vistos também de Quambacudono² e tratados com tanta honra de todos os Senhores daquela corte, e depois de haverem entregado com grande solenidade os presentes que traziam de Sua Santidade a Arimadono e Vomuradono, se resolveram em deixar as vaidades do mundo e entrarem na Companhia para nela servir a Nosso Senhor; porque, posto que havia já tempo que assim o tinham determinado, foram dilatando a execução e efeito de seus desejos até dar fim a todas estas cousas.

Depois das quais acabadas, começaram a instar grandemente e com muita humildade o Padre Visitador os quisesse já admitir na Companhia, o

termos quase idênticos aos acabados de ler: *Fu seruito finalmente Dio Nostro Signore di consolare tutti noi che grandemente erauamo afliti, si per la lunga dimora che i Signori Giaponesi faceuano, senza sapersi doue fossero, essendo stati per viaggio piu di tredici mesi, si anco per il naufragio dell' anno passato, con la perdita della naue Santo Giacomo, e morte de tanti nostri Padri, che in quella veniuano: In cui ricompensa / quest' anno habbiamo riceuuto dalla mano del Signore dicisette nostri Padri e fratelli com li Signori Giaponesi; i quali secondo i trauagli et euidenti pericoli di perdersi che diuerse volte hanno patito, possiamo dire che Dio Nostro Signore com singolare prouidenza, ce li hà conseruati: percioche auanti d' arriuare à Mozambico, doue per mancamento de venti furono costretti à fermarsi à suernare. (...) Alli vintinoue dunque di Maggio arriuarono à Goa questi Signori com la loro famiglia tutti sani et saluti per la dio gratia.*

Passagem extraída d' *una del Padre Prouinciale scritta di Goa al Reuerendo Padre Generale, alli 19 di Decembre 1587, que pode ler-se no opúsculo intitulado Avvisi della Cina et Giappone del fine dell' anno 1586. Con l' arriuo delli Signori Giaponensi nell' India – Cauati dalle lettere della Compagnia di Giesù. Riceuute il mese d' Ottobre 1588. Roma, Francesco Zannetti, 1588, 63-64.*

² Toiotomi Hideioxi.

que para todos não foi de pequena edificação e alegria. Porque no tempo que nossas cousas estavam em tanto perigo e se esperava correrem maiores tormentas, tendo eles parentes tão grandes de quem podiam ser ajudados e favorecidos, foi grande sinal de sua virtude resolverem-se em entrar na Companhia, especialmente D. Mâncio e D. Miguel, que tinham para este fim suas mães por contrárias e faziam quanto podiam para os impedir e estorvar de seu intento. Porque a mãe de D. Miguel fazia com Arimadono o que podia para que estorvasse a D. Miguel, mandando-lhe Arimadono oferecer honrosos partidos e rogando ao Padre Visitador que lho quisesse largar, dizendo que, tirando seus dous irmãos, não tinha outro parente de quem se pudesse confiar como de D. Miguel, que era seu primo.

E sendo ambos pelo Padre Visitador deixados em sua liberdade para que livremente pudessem fazer o que quisessem, não somente se não deixaram mover de suas mães, mas D. Mâncio persuadiu a outro seu irmão, chamado Justo, que quisesse também entrar na Companhia, sendo moço de 18 anos; e de tal maneira o moveu com seu exemplo que se determinou pouco depois de o fazer assim. Sobre o qual passaram ainda algumas dificuldades, porque sua mãe por nenhuma via queria consentir, e Ytodono seu primo em todo caso o queria ter consigo, ameaçando-o por cartas e recados que, se lho não mandassem, o faria a saber a Quambacudono; tanto que foi necessário depois de diversos recados entregá-lo aos que vinham para o levar. Mas ele falou de tal maneira com eles que ficaram espantados, dizendo que antes se deixaria fazer em postas que deixar de efetuar o que pertendia. E finalmente, com as cartas e recados que ele e seu irmão D. Mâncio mandaram a sua mãe e a seu primo, ficaram de tal maneira convencidos que o não puderam estorvar.

E D. Miguel, depois de dar as devidas graças a D. Protásio, lhe fez a saber que, ainda que lhe deram outro estado tão grande como era o de Arimadono, não deixaria de entrar na Companhia. E todos quatro diziam que, nem convinha para a sua honra nem para suas almas, ser tão ingratos a Deus Nosso Senhor: que tendo-os escolhido entre todos os japões para verem tantas cousas de Europa e receber nela tantas honras, fizessem agora em Japão outro ofício que serem testemunhas a seus naturais das cousas que viram; nem queriam pôr suas almas a tão manifestos perigos, como fariam

se, seguindo as vaidades do mundo, deixassem de servir a Deus Nosso Senhor conforme a esta vocação que tinham.

Finalmente depois de tomarem todos quatro os *Exercícios Espirituais* por alguns dias, para melhor considerarem o que faziam, os levou o Padre Visitador para Amacusa, e aos 25 de Julho do ano de 1591, no dia do glorioso apóstolo Santiago, foram com grande alegria sua e de todos os nossos recebidos na Companhia, cantando o Padre Visitador uma missa solene em canto de órgão com diversos instrumentos músicos e fazendo uma pregação aos cristãos, na qual se lhes deu conta desta sua tão honrosa e santa resolução. E no mesmo dia, convidando ao *tono* e a seus irmãos a comerem com os quatro fidalgos, com os mais padres e irmãos daquele colégio, depois do convite os levou o Padre à casa do noviciado, aonde os entregou a seu Mestre.

Luis Fróis, *Historia de Japam*, edição anotada por José Wicki, S. J., Tomo V (1588-1593). Lisboa, Biblioteca Nacional, 1984, 353-354.

2)

Grande esperança vão dando de si os meninos do seminário [...] e sendo ensinados pelos quatro fidalgos japões que foram à Europa, que agora são nossos irmãos, logo aprenderão muitos deles e tangiam entre si música tão concertada, como faziam os mesmos que aprenderam em Europa, pela grande destreza e facilidade que tem nas mãos.

Id., o. c., 434.

3)

No catálogo enviado para Roma e que consignava os alunos do colégio de Amacusa no ano de 1592, informa-se que Mâncio e o seu irmão Justo frequentavam a 1.^a classe de latim, Miguel Chijiwa e Julião Nakaura a 2.^a e Martinho Hara, que concluíra os estudos desta língua, “já estava entre os que se especializavam em língua e literatura japonesas.”

Diego Yuuki, S. J., o. c., 16-17.

“Os quatro fizeram os votos religiosos a 25 de Julho de 1593, como consta da carta que Ito Mâncio escreveu ao Padre Geral a 6 de Março de 1594.”

Id., o. c., 17.

2.

A)

ACTA CONSISTORII PVBLICE EXHIBITI A S. D. N. GREGORIO PAPA XIII REGVM IAPONIORVM LEGATIS ROMAE, DIE 23 MARTII 1585, EX AVCTORITATE SVPERIORVM, ROMAE, apud Franciscum Zanettum, 1585

[2]

ACTA CONSISTORII LEGATIS IAPONIIS PVBLICE EXHIBITI

Sedente Gregorio XIII Pontifice Maximo in aula regibus admittendis eorumque legationibus destinata, die 23 Martii 1585 matutinis horis, in amplissimo S. R. E. cardinalium confessu et magna principum antistitumque frequentia, summo omnium ordinum studio et celeberrimo comitatu, introducti regum Iaponiorum legati duo, Mancius et Michael (qui idem principis Omurae) et, e legationis eiusdem comitibus Iaponiis praecipuae nobilitatis item duobus, alter Martinus nomine (nam alter, Iulianus, graui morbo implicitus tenebatur). Post solemnem Summi Pontificis adorationem et beatorum pedum oscula, ab eodem eximia cum significatione benevolentiae et caritatis accepti, in locum a designatore praestitutum magna cum modestia secesserunt. Posthaec, allatae ab iis regum litterae, publice recitantur ex Iaponico in Italicum sermonem atque in Latinum deinde conuersae in haec uerbis:

2.

A)

**ATAS DO CONSISTÓRIO PUBLICAMENTE REALIZADO
PELO SANTÍSSIMO SENHOR NOSSO O PAPA GREGÓRIO
XIII PARA OS EMBAIXADORES DOS REIS DO JAPÃO EM
ROMA NO DIA 23 DE MARÇO DE 1585, COM AUTORIZAÇÃO
DOS SUPERIORES, EM ROMA, Francesco Zannetti, 1585**

[2]

**ATAS DO CONSISTÓRIO PUBLICAMENTE REALIZADO
PARA OS EMBAIXADORES JAPONÊSES**

Encontrando-se sentado o Pontífice Máximo Gregório XIII no salão destinado a receber os reis e as suas embaixadas, no dia 23 de março de 1585, pela manhã, com vastíssimo concurso de eminentíssimos cardeais e numerosa afluência de grandes senhores e prelados, em fileiras impecavelmente ordenadas e com numeroso séquito, foram introduzidos dois embaixadores dos reis do Japão, Mâncio e Miguel (que também o era do príncipe de Omura) e, dos outros dois japoneses participantes da mesma embaixada, pertencentes à primeira nobreza, um chamado Martinho (pois Juliano, o outro, encontrava-se impedido por grave doença). Depois de fazerem solene adoração ao Sumo Pontífice e de lhe beijarem os santos pés, que ele aceitou com extraordinárias mostras de afeto e amor, colocaram-se com grande discrição no lugar que o mestre de cerimónias lhes determinara de antemão. Em seguida, depois de apresentarem as cartas dos reis, estas são publicamente lidas, em tradução do japonês para o italiano, e depois passadas para latim, com o seguinte teor:

[3]

**LITTERARVM EXEMPLA REGVM IAPONIORVM AD
GREGORIVM XIII PONTIFICEM MAXIMVM****FRANCISCI, REGIS BVNGI, etc.**

Summi Dei auxilio suppliciter implorato, magna cum humilitate ad Sanctitatem Vestram scribere aggredior. Dominus, rector caeli terraeque, cuius imperium super Solem, Lunam et stellas, ignoranti mihi et profundis immerso tenebris, claritatis suae lumen iussit splendescere ac, nostratibus praecipue populis reserans arcam suae misericordiae atque gemmarum, dignatus est ante annos amplius quattuor et triginta destinare in haec Iaponis regna patres e Societate IESV, quorum e salutari ac diuina semente nonnihil in meum quoque, Dei benignitate, cecidit pectus.

Quod tam insigne beneficium aliaque multa, o sanctissime totius christiani populi parens, uestrae potissimum precationi meritisque accepta equidem refero. Ac proinde, nisi me bella, senium et affecta ualetudo impedirent, conferrem ipse me ad uisenda ac ueneranda sacratissima istaec loca, ac, simul oboedientiam exhibens, pedes Vestrae Sanctitatis, post pia ipsorum oscula, capiti meo superimponerem et sanctissima uestra manu pectus meum signo crucis muniendum curarem. Sed quoniam iis quas dixi [4] causis impediatur, sororis meae filium D. Hieronymum, regis Fiungae filium, cogitabam legare pro me. Verum, quando is in praesenti longe abest et Patris Visitoris instat profectio, D. Mancium, eius consobrinum, eodem nomine mittere uisum est.

A Vestra Sanctitate magni beneficii accipiam loco, si pro ea, qua fungitur in Terris, Dei uice, meque et christianum hunc gregem, uti facit, fouere atque adiuuare perrexerit.

Reliquariam thecam per eundem Patrem Visitatorem a Vestra Sanctitate mihi dono transmissam accepi libens ac meo uertici uenerabundus imposui, atque ob id Vestrae Sanctitati gratias ago habeoque tantas ut explicandis iis nullae neque linguae neque ora sufficiant.

[3]

REPRODUÇÃO DAS CARTAS DOS REIS JAPONESES AO PONTÍFICE MÁXIMO GREGÓRIO XIII

DE FRANCISCO, REI DE BUNGO, etc.

Depois de em atitude suplicante ter implorado o auxílio do altíssimo Deus, com grande humildade me disponho a escrever a Vossa Santidade. O Senhor, que rege o céu e a terra, que domina sobre o Sol, a Lua e as estrelas, ordenou que a luz da sua claridade resplandecesse sobre mim que o ignorava e estava imerso em profundas trevas e, abrindo sobretudo para os nossos povos a arca da Sua misericórdia e das joias, dignou-se há mais de trinta e quatro anos destinar para estes reinos do Japão padres da Companhia de Jesus: graças à bondade de Deus, da sementeira destes também alguma coisa caiu no meu peito.

Este tão grande benefício, e muitos outros, ó santíssimo pai de todo o povo cristão, não duvido em atribui-los sobretudo às vossas orações e merecimentos. E por isso, se as guerras, a velhice e uma saúde debilitada me não impedissem, eu próprio me deslocaria para ver e venerar esses santíssimos lugares, e, ao mesmo tempo que mostrava obediência, depois de piedosamente beijar os pés de Vossa Santidade, colocá-los-ia sobre a minha cabeça, e trataria de fortificar com a vossa santíssima mão o meu peito mediante o sinal da cruz. Mas visto que me vejo impedido por estes motivos que apontei, [4] pensava mandar em meu lugar o filho da minha irmã, Jerónimo, filho do rei de Fiunga. Porém, uma vez que de momento ele se encontra longe e está próxima a partida do Padre Visitador, pareceu bem enviar com a mesma função D. Mâncio, seu primo por parte da mãe.

Receberei como um grande favor de Vossa Santidade se, em conformidade com este cargo que desempenha de Deus na Terra, continuar, tal como tem feito, a favorecer-nos e a ajudar-nos, tanto a mim como a este rebanho cristão.

Recebi com muito prazer o cofre de relíquias que Vossa Santidade me enviou de presente por mediação do mesmo Padre Visitador e em sinal de reverência coloquei-o em cima da minha cabeça, e por ele fico tão grato e penhorado a Vossa Santidade que não existem línguas nem bocas que sejam bastantes para expressar o meu agradecimento.

Non ero longior, quippe tum de regni huiusce rebus, tum de me ipso coram ex Patre Visitatore et ex D. Mancio plura cognosceret Sanctitas Vestra, quam ego uere et ex animo adorans, multo cum timore ac tremore hasce litteras exarauit.

11 die Ianuarii anno post Domini aduentum 1582.

Inscriptio:

Adorando et Caeli Regis locum in Terris obtinenti,
Magno et Sanctissimo Papae

Subscriptio:

Sanctissimis pedibus Beatitudinis Vestrae substratus
Franciscus, Bungi rex

[5]

PROTASII, REGIS ARIMANORVM

Cum Dei gratia demisse et humiliter hasce litteras offero Sanctitati Vestrae. Ante hoc biennium, qui fuit annus ab aduentu Domini 1580, per Quadragesimam, quibus maxime diebus pretiosa Passio Domini nostri IESV Christi recolitur, in magnis belli tumultibus, magna meorum rerum familiaeque perturbatione, denique in profundo gentilium tenebrarum iacenti mihi, dignatus est Pater misericordiarum lucem ueritatis et rectum ad salutem iter ostendere per uenerabilem Visitatorem aliosque Verbi Dei praedicatores e Societate IESV, qui enixe me adiuuerunt perque baptismi sacramentum super me meosque diuinae gratiae rorem e Caelo deuocarunt. Pro quo tali ac tanto beneficio mire laetus, infinitas Regi Caelorum ago gratias. Cumque Sanctitas Vestra christianum gregem uniuersum moderetur et pascat, ualde mihi fuit optatum istuc uenire coramque humi status magna cum submissione exhibere illi oboedientiam et, post pedum oscula beatorum, eosmet meo capiti superimponere. Sed, quoniam rebus uariis impedito id mihi non licet, mitto cum

Não me alongarei mais, visto como, não apenas acerca dos assuntos do meu reino, como também acerca de mim mesmo, o Padre Visitador e D. Mâncio darão de viva voz muitas informações a Vossa Santidade, diante de quem com todas as veras e do fundo da alma eu me prostro, e a quem com muito temor e tremor escrevi esta carta.

Em 11 de Janeiro do ano de 1582 após a vinda do Senhor.

Destinatário:

Para o venerando e Vigário do Rei do Céu na Terra, Grande e Santíssimo Papa

Assinatura:

Prostrado aos santíssimos pés de Vossa Santidade Francisco, rei de Bungo

5]

DE PROTÁSIO, REI DE ARIMA

Com a graça de Deus envio submissa e humildemente esta carta a Vossa Santidade. Há dois anos atrás, no ano da vinda do Senhor de 1580, durante a Quaresma, nos dias em que sobretudo se celebra a preciosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, a mim, que me encontrava no meio dos alvoroços grandes da guerra e de grande perturbação dos meus assuntos e da minha família, enfim, a mim que jazia no abismo das trevas gentílicas, dignou-se o Pai das misericórdias mostrar-me a luz da verdade e o caminho direto para a salvação através do venerável Visitador e de outros pregadores da palavra de Deus pertencentes à Companhia de Jesus, os quais afincadamente me ajudaram e, mediante o sacramento do batismo, fizeram descer do Céu sobre mim e os meus o orvalho da graça divina. Extraordinariamente contente com um tal e tão grande benefício, dou infinitas graças ao Rei dos Céus. E, uma vez que Vossa Santidade governa e apascenta todo o rebanho cristão, senti grande desejo de ir até aí e, publicamente prostrado no chão, com grande acatamento mostrar-lhe obediência e, depois de beijar-lhe os santos pés, colocá-los sobre a minha cabeça. Mas visto que, impedido por vários embaraços, tal não me é possível, envio com

eodem Patre Visitatore patruelem meum D. Michaellem uti pro me hoc munere pietatis officiique fungatur. Ex eo ipso mea uota et alia cognoscat Vestra Sanctitas, ac proinde non ero fusior, quam ego ex animo sincero et humili uenerabundus adoro.

Die 8 Ianuarii anno post Domini aduentum 1582.

Inscriptio:

Reddatur epistola magno illi et sancto Domino, quem Adoro Dei uices gerentem

Subscriptio:

Sanctitatis Vestrae substernitur calceis D. Protasius

[6]

BARTHOLOMAEI, PRINCIPIS OMVRANORVM

Vereor ne crimen audaciae subeam: attamen, cum Regis Caelorum gratia, rudem hanc epistolam offero Sanctitati Vestrae, quae, cum in Terris locum obtineat Dei, ac simul ex ipsius doctrina et magisterio christianus populus pendeat uniuersus, aequum sane fuerat memet maria transmittere ipsumque ad Vestram Sanctitatem inuisendam sacrosque eius pedes post pia illorum oscula, super meum caput imponere. Sed quominus hoc fungar officio multae me hoc tempore prohibent causae.

Nuper ad haec tam remota loca lustranda Pater Visitator e Societate IESV contendit, multisque rebus pie ac laudabiliter institutis, iam nunc redit in patriam. Qua ego tam praeclara occasione inuitatus, deesse nolui quin fratris mei filium D. Michaellem cum eo mitterem istuc, qui, licet muneri tanto sit impar, tamen gratissimum fuerit mihi si eum Vestra Sanctitas ad beatorum pedum oscula admiserit. Interea Vestram Sanctitatem supplex oro obtestorque ut mei memoriam conseruare meque et Iaponios hosce christianos fouere dignetur. Id unum in uotis est mihi.

o mesmo Padre Visitador o meu primo pelo lado paterno D. Miguel, para em meu nome desempenhar esta missão e encargo. Por ele mesmo se inteirará Vossa Santidade dos meus desejos e de outros assuntos, motivo pelo qual não serei mais prolixo diante de Vossa Santidade, a quem com sinceridade e humildade reverentemente venero.

No dia 8 de janeiro do ano de 1582 após a vinda do Senhor.

Destinatário:

Entregue-se a carta àquele grande e santo Senhor, A quem venero como
Vigário de Deus

Assinatura:

D. Protásio prostra-se por baixo do calçado de Vossa Santidade

[6]

DE BARTOLOMEU, PRÍNCIPE DE OMURA

Temo incorrer na pecha de audacioso: todavia, com a graça do Rei dos Céus, envio esta rude carta a Vossa Santidade, que, uma vez que desempenha na Terra o lugar de Deus, ao mesmo tempo que todo o povo cristão pende dos vossos ensinamentos e magistério, certamente tinha sido justo que eu passasse os mares e viesse pessoalmente visitar Vossa Santidade e, após beijar piedosamente os vossos sagrados pés, os colocasse sobre a minha cabeça. Há, porém, muitos motivos que nesta ocasião me impedem de cumprir este dever.

Recentemente o Padre Visitador da Companhia de Jesus empreendeu percorrer estas paragens tão remotas e, após ter estabelecido muitas coisas de forma louvável e piedosa, regressa agora à pátria. Eu, induzido por tão oportuno ensejo, não quis deixar de aí enviar na companhia dele D. Miguel, filho do meu irmão, que, embora não esteja à altura de uma tão grande missão, todavia sentir-me-ia muito agradecido se Vossa Santidade permitir que ele lhe beije os santos pés. Entretanto suplicantemente peço e rogo a Vossa Santidade que se digne lembrar-se de mim e favorecer-me, a mim e a estes cristãos japoneses. São estes os meus únicos desejos. O resto sabê-lo-á Vossa Santidade

Reliqua ex Patre Visitatore et ipso D. Michaele coram cognoscet Sanctitas Vestra, quam ex animo adorans, cum timore scripsi.

Die 27 Ianuarii anno post Domini aduentum 1582.

Inscriptio:

Sublatis manibus adorans offero haec Sanctissimo Domino Papae, magni Dei uices gerenti

Subscriptio:

Ego D. Bartholomaeus sanctis eius pedibus Humi substratus

[7]

Recitatis litteris et silentio indicto, ipsorum legatorum et regum nomine sequens oratio est habita a Gaspare Gonsaluo, Lusitano, presbytero Societatis IESV:

ORATIO HABITA IN LEGATORVM IAPONIORVM INTROITV

Iaponiorum insulas tanto locorum ac marium interuallo a nostris regionibus natura disiunxit ut tenuissimo nominis uestigio paucissimis ante cognitatas, ceteris omnibus ignotas, nunc etiam nonnulli ut esse credant uix adduci posse uideantur. Sunt tamen, Pater Beatissime, et sunt numero multae, magnitudine amplissimae, urbibus frequentes, hominum ingenii ac militaribus studiis usque adeo praestantes ut, qui eas uiderunt, ceteris illius caeli regionibus longe antecellere, nostris uero ut comparari possint, nihil illis aliud quam religionem, qua carebant, ac uerae fidei lucem deesse credant. Et quidem illa non multis ante annis, Apostolicae huius Sedis auspiciis, in remotis adeo locis disseminari coepta, exiguo sane principio (quod nascente quondam Ecclesia factum esse scimus) a tenuissimis primum hominibus, mox optimo maximoque Deo incrementum afferente, paulatim a nobilioribus recepta,

de viva voz do Padre Visitador e do mesmo D. Miguel. Do fundo da alma me prostro diante de Vossa Santidade, a quem com reverência escrevi.

No dia 27 de janeiro do ano de 1582 após a vinda do Senhor.

Destinatário:

De mãos erguidas envio reverente esta carta ao Santíssimo Senhor Papa,
Vigário do grande Deus

Assinatura:

Eu D. Bartolomeu aos seus santos pés rojado no chão

[7]

Depois de lidas as cartas e imposto silêncio, em nome dos próprios embaixadores e dos reis, Gaspar Gonçalves, português, presbítero da Companhia de Jesus, pronunciou o seguinte discurso:

DISCURSO PRONUNCIADO NA APRESENTAÇÃO DOS EMBAIXADORES JAPONESES

A natureza separou as ilhas do Japão das nossas regiões com uma tão grande distância de terras e mares que, conhecidas anteriormente de muitíssimo poucos por uma mui vaga alusão do nome e ignoradas dos demais, mesmo hoje parece que há alguns que só dificilmente podem ser levados a acreditar que elas existem. Elas, porém, existem, Santíssimo Padre, e são muitas em número, em grandeza vastíssimas, abundantes em cidades e em tal grau avantajadas pelas capacidades intelectuais e militares dos seus homens que, os que as viram, lhes dão a indisputada primazia sobre as demais regiões daquela parte do mundo, e creem que, para poderem ser postas na mesma plana das nossas, nada lhes faltava senão a religião, de que careciam, e a luz da fé verdadeira. Esta, depois de, não muitos anos atrás, ter começado a ser disseminada sob os auspícios desta Sé Apostólica em lugares tão apartados, de início com modestos começos por entre pessoas de condição humilde (tal como sabemos que antigamente sucedeu nos primeiros tempos da Igreja), em breve, tendo Deus todo-poderoso ocasionado o seu aumento, foi progressivamente acolhida pelos mais nobres, e finalmente, nos anos precedentes, e sobretudo no

tandem superioribus annis, atque in primis felicissimo tuo ac plane aureo pontificatu, Pater Beatissime, ad principes, ad dynastas, ad reges peruenit.

[8] *Hoc tibi cum laetum ac iucundum plurimis de causis accidere debueri, tum uero maxime quod, multis haereticorum machinis in uicinis adeo locis labefactatam ac paene conuulsam religionem, dum magna animi contentione restaurare pergis, tantum aliunde incrementi ad Christi Optimi Maximi gregem atque adeo ad catholicam religionem factum esse uideas. Verum huius laetitiae fructum, quamuis tu quidem antea auribus accipere, nonnulla etiam ex parte degustare animo potueris, tamen hodierna die uel maximum haurire oculis et in totius curiae luce palam oblatum, manu ipsa contingere ac plenissimam ex eo uoluptatem non capere tantum animo quasi propriam, sed ceteris etiam, quasi Ecclesiae totius communem, potes impertiri.*

Quantis enim gaudiis Ecclesiam uniuersam, quantis populum Romanum exsultare par est, cum hodierna die uideat nobilissimorum principum legatos ex Iaponensium insulis, hoc est, ex ultimis omnium Terrarum finibus, religionis ergo – quod nullis ante saeculis auditum est –, tibi ad pedes accidere, et bellicosissimos reges, fidei armis et Euangelii praedicatione perdomitos, ad tuam, hoc est, Christi dicionem accedere, et quod ipsi per se non possunt, tantis locorum spatiis disiuncti, per hos, sibi amore ac sanguine coniunctissimos, oboedientiam tibi ac fidem polliceri. Ego uero rei tantae magnitudinem mecum ipse reputans, nihil censeo summo religionis antistiti iucundius, nihil huic Ordini praeclarius, nihil Ecclesiae uniuersae ac populo Romano accidere potuisse gloriosius.

Beatam se quondam ac felicem Caesare Augusto imperatore Roma esse credidit quod eius principatu Romani imperii nomen ac fama longe adeo lateque propagata erat ut, eius amplitudine commoti, nonnulli Indiae populi, amicitiae componendae

vosso assaz venturoso e deveras áureo pontificado³, Santíssimo Padre, chegou até aos príncipes, aos grandes senhores e aos reis.

[8] Isto deve ter-vos causado alegria e contentamento por inúmeros motivos, mas principalmente porque, ao tempo em que com grande determinação continuais a restaurar a Igreja, abalada e quase derrubada em regiões tão próximas pelas muitas maquinações dos hereges, vedes que de outras partes veio tão grande aumento para o rebanho de Cristo Nosso Senhor e sobretudo para a religião católica. O verdadeiro gozo desta alegria, embora anteriormente o tivésseis podido escutar e parcialmente saborear em espírito, hoje todavia podeis até fitá-lo e, oferecido em público e às claras a toda a cúria, tocá-lo com as próprias mãos, e ao seu prazer transbordante não apenas guardá-lo na vossa alma como exclusivo, mas também compartilhá-lo com os demais, como comum a toda a Igreja.

É que é justo que o povo de Roma exulte com os mesmos contentamentos da Igreja universal, ao ver que hoje os embaixadores dos mais nobres príncipes das ilhas do Japão, isto é, dos mais distantes confins da Terra, por causa da religião – algo que antes jamais se ouviu – se prostram aos vossos pés, e que os reis mais aguerridos, submetidos pelas armas da fé e pela pregação do Evangelho, acedem a acatar a vossa autoridade, isto é, a de Cristo, e, porque o não podem realizar pessoalmente por estarem separados por tão grande distância, por mediação destes a quem estão unidos pelos mais estreitos laços de afeto e sangue vos prometem obediência e lealdade. E eu, refletindo comigo mesmo na magnitude de um facto tão importante, considero que nada poderia ter acontecido mais agradável para o chefe supremo da religião, mais excelente para esta Ordem e mais glorioso para toda a Igreja e para o povo de Roma.

Roma outrora julgou-se venturosa e feliz com o imperador César Augusto porque durante o seu principado o nome e fama do império romano se estendera tão longe que alguns povos da Índia, movidos pela sua grandeza,

³ Gregório XIII foi eleito Papa em 14 de maio de 1578 e viria a falecer dezoito dias depois deste Consistório, a 10 de abril de 1585.

gratia, legatos ad Caesarem destinassent. Concurrerat undique populus ad inspiciendum inusitatum hominum [9] genus, novos Romanis uultus, insolitos habitus, inauditum sermonem oculis atque auribus audissime hauriebat. Sed age iam legationem illam Indorum cum hac Iaponensium legatione, si placet, conferamus.

Erat illa quidem ex remotissimis Terrarum oris, at haec quanto ex remotioribus? Cum longissimo primum tempore ex Iapone ad Sinarum portus, inde ad Auream Chersonesum, mox in Indiam ueniendum fuerit, ut ex India tandem in Lusitaniam nauigari, ex Lusitania uero, Hispania, quam longa est, peragrata, toto triennio partim in itinere, partim in nauigatione posito, Romam ultimo ad Gregorium Pontificem Maximum posset perueniri. Iam uero Augusti temporibus, Romani tantum imperii nomen in India auditum, numquam arma conspecta, uexilla numquam explicata fuerant. Amicitiam a Romanis Indi ut socii flagitabant, non oboedientiam offerebant; foedus ab imperatore quasi pares, non tamquam a superiore uiuendi leges postulabant.

At nos hodierna die Romae, in hoc ipso orbis Terrarum theatro amplissimo, quid uidemus? Hos nimirum summo loco natos ac regiae familiae iuuenes, Gregorio Pontifici Maximo ante pedes procumbere ac suorum regum nomine non amicitiam petere ut pares (quamuis amorem sibi ut filii pollicentur), sed oboedientiam offerre ut subditos, et qui externorum hostium armis ex omni hominum memoria (quod ego quidem sciam) nullam de se umquam uictoriam concesserunt, illi in suis hodie regionibus uictoria Christi signa, Gregorio duce, explicata intuentes, inuictissimis se armis Romanae fidei, hoc est, christianae ac catholicae, superatos esse libentissime confitentur: quod eam sibi uictoriam non minus salutarem fore putent quam

tinham designado embaixadores ao César para pactuarem amizade⁴. O povo acorria de todos os lados para ver uma raça de homens desacostumada [9] e via e ouvia com enorme avidez feições novas para os Romanos, costumes insólitos e uma linguagem nunca escutada. Ora, se vos parece bem, comparemos agora essa embaixada de Indianos com esta de Japoneses.

É certo que aquela era de apartadíssimas regiões, mas de quão mais apartadas não é esta? Porquanto foi-lhe primeiro necessário vir durante um dilatado prazo de tempo do Japão até a um porto da China, daqui até Malaca⁵ e depois até à Índia, por forma a poder, por derradeiro, navegar da Índia até Portugal e, a partir daqui, depois de atravessar toda a extensão da Península Ibérica, chegarem por fim à presença do Pontífice Máximo Gregório, após um período de tempo de três anos, passados em parte a navegar, e em parte a viajar. Por outro lado, na época de Augusto só o nome do império romano fora ouvido na Índia, pois nunca aí foram vistas as suas armas ou desfraldados os seus pendões. Os Indianos não prestavam obediência aos Romanos, mas na qualidade de aliados lhes propunham amizade; como iguais pediam ao imperador um tratado, não leis a um superior pelas quais se regerem.

Nós, porém, que vemos hoje em Roma, neste mesmo amplíssimo palco da Terra? Nada menos que estes jovens da mais remontada estirpe e de linhagem régia prostrarem-se diante dos pés do Pontífice Máximo Gregório e, em nome dos seus reis, não pedir amizade como iguais (embora se comprometam a amar como filhos), mas oferecer obediência como súbditos, e os que, desde que os homens se lembram (que eu saiba) jamais foram vencidos pelas armas de inimigos estrangeiros, são os mesmos que, ao verem hoje vitoriosa na sua terra a bandeira de Cristo, desfraldada às ordens de Gregório, de muito bom grado confessam que foram subjugados pelas invictas armas da fé romana, isto é, cristã e católica: porque pensam que esta vitória não há de ser

⁴ Cf. Suetónio, *O divino Augusto*, 21: *Qua uirtutis moderationisque fama Indos etiam ac Scythas auditu modo cognitos pellexit ad amicitiam suam populi que Romani ultro per legatos petendam*. (“Com esta nomeada de denodo e comedimento atraiu até os Indianos e os Citas, conhecidos só de outiva, a que, através de embaixadores, pedissem a sua amizade e a do povo romano”).

⁵ O original latino utiliza a designação “Aurea Chersonesus”, para se referir à “própria que os antigos chamaram Samatra, em as partes orientais, mas de ordinário se toma por Malaca.” João Franco Barreto, *Micrologia Camoniana*. Lisboa, INCM, 1982, 124.

Terrarum orbis uniuersus Ecclesiae iucundam, tibi uero, Pater Beatissime, cuius auspiciis, Deo bene iuuante, parta est, existimet esse gloriosam. Et quidem, quod ad Ecclesiam attinet, multum illa quondam suae [10] felicitati ac gloriae accessisse existimauit, cum, Gregorii Magni temporibus, sanctissimi illius pontificis industria ac opera amplissimam Angliae insulam et “toto”, ut ait ille, “diuisos orbe Britannos”, ad Christi fidem adiunctos esse uidit. Sed quantum illo Pontifice gloriae unius insulae accessione acquisisse, tantum suis ornamentis illius postea defectione detractum esse maerebat. Sed ecce tibi alterius Gregorii diligentia ac felicitate summa (ne quid illa suae gloriae deesse doleat), unius insulae loco insula altera, immo uero insulae plures ac regna et “toto a nobis orbe, toto mari diuisae” gentes magno numero ad Ecclesiam accesserunt, ut, praeterito illo damno, quod sane fuit maximum, non minore fortasse lucro, spe uero etiam maiore cumulatissime compensato, pristinum animi maerorem nouo gaudio et incredibili Ecclesiae totius iucunditate leuare liceat.

Quam mihi Ecclesiae communem publicamque laetitiam, tam multis ante saeculis praeuisam, multo etiam iucundiorem suis carminibus diuini uates facere uidentur. Videor enim mihi hodierna die regium propheta, dum incognitam superioribus saeculis nationem, tanta hominum multitudine ad Ecclesiam accessisse gaudemus, diuinum illud carmen Ecclesiae nomine quasi ad citharam concinentem audire: “Populus quem non cognoui seruiuit mihi, in auditu auris oboediuit mihi.” Quod si quis paulo alienius esse putat quam ut de re praesenti dictum esse uideatur, quid illud Isaiae uaticinium? Non huius diei proprium esse censebit, non Romanam ecclesiam praeclearo illo carmine a diuino uate appellatam esse iudicabit? “Gentem”, inquit, “quam nesciebas uocabis, et gentes quae te non nouerunt ad te current propter Deum tuum et sanctum Israel, qui glorificauit te.” Nec uero in tam publico omnium gaudio suam a nobis operam senior ille Tobias desiderari patietur, quin praesentem Ecclesiae felicitatem gratulatus, illa quasi cycnea uoce [11] communem omnium

menos salutar para eles mesmos, quanto a Terra inteira considera que ela será agradável para a Igreja, e gloriosa para vós, Santíssimo Padre, sob cujo patrocínio, com a ajuda de Deus, ela se alcançou. E, no que concerne à Igreja, esta no passado [10] considerou que muito se aproximou da ventura e glória quando, no tempo de Gregório Magno, por indústria e obra deste santíssimo pontífice, viu a ilha de Inglaterra e os *britanos* (conforme diz o poeta) *apartados do mundo inteiro*,⁶ juntarem-se à fé de Cristo. Mas quanto parecia que graças a este pontífice tinha adquirido em glória com o acrescentamento de uma única ilha, tanto deplorava depois o que com a sua defeção perdera em luzimento. Mas eis que, graças ao desvelo e suprema ventura de um outro Gregório (para que ela não se lastime de faltar alguma coisa à sua glória), se juntaram à Igreja, em vez de uma única ilha, uma outra, ou melhor, muitas ilhas e reinos e grande número de povos *apartados do mundo inteiro* e separados pelo inteiro mar, por forma a que, depois de plenamente contrabalançada aquela perda passada, que sem dúvida foi imensa, não digo com um ganho não menor, mas com uma esperança até maior, se possa aliviar o desgosto anterior com um novo contentamento e uma enorme alegria de toda a Igreja.

Esta geral e comum alegria da Igreja, prevista tantos séculos antes, também me parece que a fazem mais jubilosa os profetas divinos com os seus cânticos. É que hoje – a ocasião em que rejubilamos por um povo desconhecido pelos tempos passados se ter agregado à Igreja com tão grande multidão de homens – parece-me escutar o régio profeta em nome da Igreja como que entoar acompanhado à cítara aquele cântico divino: *Um povo que não conheci me serviu, ao ouvir a minha voz me foi obediente*. [Sl 18. 45.] Se alguém pensa que estas palavras são um pouco descabidas para que pareça que foram ditas acerca do caso presente, que significa aquela célebre profecia de Isaías? Não julgará que se aplica a este dia, não achará que o divino profeta naquele extraordinário cântico se referiu à igreja romana? *Chamarás a um povo que não conhecias, e as gentes que te não conheceram correrão a ti por amor do Senhor teu Deus e do santo de Israel, que te glorificou*. [Is 55. 5.] E, numa tão pública alegria de todos, aquele antigo Tobias não tolerará que sintamos a falta do seu serviço, e até, felicitando a Igreja pela presente ventura, [11] incitará à geral alegria de todos com aquela

⁶ Virgílio, *Écloga* 1.^a, v. 67.

laetitiam excitabit: "Luce", inquit, "splendida fulgebis et omnes Terrae adorabunt te; nationes ad te uenient de longinquo et terram tuam in sanctificationem habebunt." Ne uero sibi haeretici de Romanae Ecclesiae contemptu nimium blandiantur: "Maledicti", inquit, "erunt omnes qui blasphemauerint te. Beati omnes qui diligunt te et qui gaudent super pace tua."

Sed me nescio quomodo diuinorum carminum suauissimus concentus mei ipsius quodammodo oblitum longius a proposito abduxit quam initio putaram. Quare, ut eo redeat oratio (quod huius potissimum temporis atque huius loci meique muneris uidetur esse), habes in conspectu tuo, Pater Beatissime, regio hos iuuenes, qui suorum ad te regum, quibus sunt sanguine et amore coniunctissimi, mandata deferunt: quorum siue nobilitatem generis, siue religionis studium, siue in Romanam Sedem obseruantiam, longissima peregrinatione comprobata, spectare uelis, dignos sanctissimorum pedum osculo, dignos benedictione tua, dignos in hac aetate omnium admiratione iudicabis.

Enimuero philosophum nescio quem, hominem alioqui uanissimum, tamen ob insignem discendi cupiditatem longinqua peregrinatione suscepta, quantum adeo omnis Antiquitas mirata est, quantum omnis posteritas commendauit? "Intrauit ille Persas, pertransiuit Caucasum, Albanos, Scythas, Massagetas", ut Hieronymi uerbis dicam, "et opulentissima Indiae regna penetrauit, ut Hiarcham, in throno sedentem aureo, inter paucos discipulos de natura, de siderum motu, de dierum cursu docentem audiret." Magnum et inusitatum, sed tamen inutile ac uanum unius hominis discendi studium! At in his quanto admirabilior religionis amor, quanto fidei cupiditas ardentior, quibus hac una de causa tanto longinquior suscepta est peregrinatio?

Quantulam enim orbis partem ille philosophus obiuit, si cum iis [12]

voz como de cisne: *Com luz brilhante hás de refulgir e todos os confins da Terra hão de adorar-te; as nações virão até ti de longe e respeitarão como santa a tua terra.* [Tb 13. 13.] Mas para que os hereges não se comprazam demasiado com o desprezo da Igreja romana, diz: *Malditos serão os que te desprezarem e malditos serão todos os que te blasfemarem. Benditos todos os que te amam e os que se alegram com a tua paz.* [Tb 13. 14.]

Mas, não sei como, a suavíssima harmonia dos cânticos divinos fez-me em certa maneira esquecer de mim mesmo e desviou-me do meu propósito para mais longe do que de início pensara. Por conseguinte, para que o fio do discurso ali volte (consoante parece ser o mais próprio da ocasião, deste lugar e do meu cargo), tendes diante de vós, Santíssimo Padre, estes jovens de sangue real, que vos trazem as mensagens dos seus reis, a quem estão muito estreitamente ligados pelo sangue e pelo afeto: se quiserdes atender quer à nobreza da sua linhagem, quer ao seu zelo da religião, quer ao acatamento pela Sé Apostólica, demonstrado por uma longuíssima viagem, julgá-los-eis dignos de beijarem os santíssimos pés, dignos da vossa bênção e dignos nesta época da admiração de todos.

Ora, a que ponto toda a Antiguidade admirou e quanto toda a posteridade elogiou um certo filósofo que, conquanto homem de grande vaidade, todavia empreendeu viagem por longes terras por causa de um imenso desejo de aprender? *Ele entrou na Pérsia, atravessou o Cáucaso, a Albânia⁷, a Cítia, a terra dos Massagetas, para me servir das palavras de São Jerónimo, e penetrou nos riquíssimos reinos da Índia para escutar a Hiarca, sentado em um trono de ouro cercado de poucos discípulos, dar lições acerca da natureza, do movimento dos astros e do curso dos dias⁸.* Grande e inusual, mas também inútil e vão desvelo em aprender de um único homem! Mas nestes moços, quão mais admirável amor da religião, quão mais ardente desejo da fé, que por este único motivo os levaram a empreender esta jornada muito mais longa?

É que, como foi diminuta a parte do mundo que aquele filósofo percorreu, se [12] comparada com estes, os quais, partindo dos mais remotos confins do mundo, depois de atravessarem mares, reinos, nações e quase tudo

⁷ Os antigos designavam com este nome uma região no litoral do mar Cáspio.

⁸ São Jerónimo, *Ep 103 de Apollonio*.

conferatur, qui maria, regna, nationes et quantum fere aquarum ac terrae globus complectitur, ab extremis eius finibus emensi, Romam usque ad hanc christianae fidei arcem, Ecclesiae monumentum, religionis praesidium penetrarunt? Maior profecto ipsorum labor, ardentius studium, difficilior peregrinatio, sed multo etiam maiore lucro et fructu longe uberiore compensatur. Nec enim illi hodierna die inter paucos discipulos Hiarcham, sed in hoc purpuratorum patrum amplissimo consessu Gregorium XIII intuentur, non in throno sedentem aureo, sed in beatissima Petri sede positum, non disserentem de siderum ac caeli euersu, sed qua fide, quo operum cursu in Caelum tendendum sit, certissima ratione ostendentem.

O gratum oculis, o iucundum animis spectaculum! Multa illi quidem tam longis Terrarum spatiis uiderunt, multa spectarunt, mores hominum diuersos, regna multa et uaria naturae miracula contemplati sunt, sed nullius adeo rei specie quam tuo hodie conspectu recreati sunt, Pater Beatissime. Nunc bene collocatos labores suos, nunc susceptas itineris et nauigationis molestias iucundas esse putant. Sed hunc suorum laborum ac peregrinationis tam iucundum ac suauem fructum tum demum arbitrantur fore plenissimum, si regum illorum oboedientiam, a quibus tanto interuallo ad te missi sunt, si promptum paratumque animum, si testatam litteris fidem paterno ipse animo ac benigne suscipias: quod sane ut facias tum morum ac naturae tuae bonitas singularis, tum regum illorum religio et praeclara in fidem christianam merita non postulare modo, sed quodammodo etiam uidentur flagitare.

Franciscus enim rex in Iapone potens atque inter primos illarum regionum iure numerandus, nuper ille quidem fide suscepta baptismo expiatus est, sed multis ante annis christianam religionem ac fidem, tum primum in sua prouincia nascentem ac teneram, usque adeo fouit ut quidquid in religionis [13] negotio in Iapone perfectum est, illius industriae ac fauori, secundum Deum, acceptum referamus. Ille Franciscum Xauerium, praeclara sanctitate uirum ex eorum numero qui minimae Societatis nostrae cum Ignatio Loiola fundamenta posuerunt, cum primus omnium ad eas insulas appulisset, humanissime complexus, libere in suo regno christianam fidem praedicare uoluit. Ille ceteros Euangelii ministros, qui Franciscum postea ad

quanto o globo abarca em águas e terra, chegaram a Roma e penetraram neste baluarte da fé cristã, reduto da Igreja e fortaleza da religião? Certamente que foram maiores as dificuldades destes, mais ardente o seu desvelo, mais difícil a sua jornada, mas também são recompensados com muito maior ganho e com um fruto de longe mais abundante. De facto, hoje não hão de ver Hiarca no meio de um punhado de discípulos, mas Gregório XIII nesta vastíssima assembleia de padres purpurados, assentado, não em trono de ouro, mas colocado na bem-aventurada cadeira de Pedro, não a discorrer acerca dos astros e do movimento do céu, mas a mostrar com método infalível com que espécie de fé e com que carreira de obras nos cumpre fazer caminho para o Céu.

Oh que espetáculo agradável para os olhos e alegre para as almas! Decerto que em tão dilatado percurso eles viram e observaram muitas coisas, contemplaram muita diversidade de costumes dos homens, muitos países e várias maravilhas da natureza, mas com nenhuma vista se deleitaram tanto como hoje com a vossa presença, Santíssimo Padre. Agora consideram que os seus trabalhos foram bem empregues, que foram prazenteiras as moléstias que suportaram nas jornadas e navegações. Mas pensam que este tão gostoso e suave fruto dos seus trabalhos e peregrinações só há de ser totalmente grado se, dando crédito às cartas, com decisão e afoiteza, com ânimo paternal e benignidade aceitais a obediência daqueles reis pelos quais eles foram de tão longe a vós enviados: algo que parecem não só pedir, mas também em certa maneira exigir que façais, tanto a singular bondade do vosso carácter e natureza, quanto a religiosidade e brilhantes serviços à fé cristã daqueles reis.

Ora, Francisco, rei poderoso no Japão e que com justiça se deve numerar entre os principais daquelas regiões, é certo que, após ter acolhido a fé, foi há pouco batizado, mas desde há muitos anos que de tal maneira tem favorecido a religião e a fé, que então nasciam e davam os primeiros passos pela primeira vez na sua província, que tudo quanto em matéria de religião [13] se realizou no Japão atribuímo-lo, depois da vontade da Deus, à sua diligência e favor. Foi ele que a Francisco Xavier, varão de admirável santidade, do número dos que, juntamente com Inácio de Loiola, lançaram os fundamentos da nossa mínima Companhia, quando foi o primeiro de todos a aportar àquelas ilhas, acolhendoo com toda a afabilidade, quis que pregasse livremente no seu reino a fé cristã. Foi ele que aos demais ministros do Evangelho, que vieram depois de Francisco

eas regiones sunt consecuti, tam longe a suorum congressu positos et inter remotissimas nationes, omni paene auxilio atque ope destitutos, singulari amore ac benevolentia prosecutus, nihil desiderare passus est quod ab optimo rege ac nostrae religionis amantissimo optari posset. Ille aditus nostris tuto ad proximas prouincias patefecit, ille uicinorum regum amicitiam ac fauorem litteris ac nuntiis conciliauit. Ille in maximis suis periculis, inter grauissimas bellorum tempestates ac fluctus, ut nostri salui et securi esse possent diligentissime curauit.

Quid aliud tam amico regi, tot beneficiis susceptis, religione ac fide ipsius potissimum fauore propagata, quam religionem ipsam ac fidem nostri optarent? Dilata res est diutius quam uellemus, sed ita tandem singulari Dei Optimi Maximi beneficio omnium uota consecuta est ut, quantum optimo regi detrimenti mora illa potuit attulisse, tantum hodie incredibili fidei feruore recuperasse uideatur. Dicit profecto non potest quanto religionis studio inflammetur, quanto propagandae fidei amore ferueat, quam concitato cursu ad summum omnium uirtutum fastigium feratur. Tui uero uidendi, Pater Beatissime, ac sanctissimos pedes osculandi quanto desiderio flagrarit, uel hoc uno potest intellegi quod, cum ipse grauissimis regni curis, aetate etiam impediretur, hunc Mancium, quem uides, ad hoc sibi genus officii uicarium substituerit, quem unum nobilitate primum, Fiungae nimirum regis nepotem [14] ac sibi multis de causis coniunctissimum, in suo regno habere uidebatur. Per eum uero id postulat ardentissime ut, oboedientiae et obseruantiae in te suae testificatione suscepta, inter Ecclesiae catholicae atque huius Beatissimae Sedis filios numerari possit.

Idem uero etiam contendit Protasius, rex Arimensis, iuuenis lectissimus, huius Michaelis, quem ad te hac de causa misit, patruelis frater. Idem Bartholomaeus, Omurae princeps, Arimensis regis ac Michaelis eiusdem patruus carissimus. Atque, ut ego hodierna die de Arimensi rege taceam, cuius exstant religionis ac fidei argumenta clarissima, de Bartholomaeo tamen facere non possum quin aliquid dicam. Hic est ille Bartholomaeus, Pater Beatissime, qui principum omnium primus fidem

para estas regiões, colocados tão longe do convívio dos seus e entre povos apartadíssimos, privados de quase todos os recursos e ajudas, favorecendo-os com singular amor e benevolência, não deixou que sentissem a falta de nada do que poderia desejar-se da parte de um rei ótimo e muitíssimo amigo da nossa religião. Foi ele quem abriu aos nossos entradas seguras para as províncias próximas, foi ele quem, mediante cartas e embaixadores, lhes conciliou a amizade e favor dos reis vizinhos. Ele, nos maiores perigos, no meio das mais arriscadas vagas e procelas das guerras, com sumo desvelo se preocupou em que os nossos ficassem a salvo e em segurança.

Para um rei tão amigo, depois de recebido dele tão grande número de benefícios e propagada a religião e a fé sobretudo graças ao seu favor, que outra coisa desejariam os nossos senão a mesma fé e religião? O negócio protelou-se mais do que gostaríamos, mas, por singular benefício de Deus todo-poderoso de tal sorte se realizaram ao cabo os votos de todos que, o quanto essa demora pode ter redundado em prejuízo do excelente rei, hoje parece que foi recuperado com inexcedível fervor de fé. Realmente, é impossível dizer-se quão grão é o zelo da religião em que se abrasa, quão grande o amor da fé em que se inflama, com quão ligeira carreira é impellido para as cumeeiras de todas as virtudes. E, Santíssimo Padre, quão grande foi o desejo em que ardeu de ver-vos e de beijar-vos os santíssimos pés, pode coligir-se só por este facto de que, encontrando-se impedido pelos gravíssimos cuidados da governação e também pela idade, se fez substituir para este tipo de encargo por este Mâncio, que aqui vedes, que no seu reino parecia deter a primazia em nobreza, pois era neto do rei de Fiunga, e estava muito estreitamente a ele ligado por inúmeros laços. E por mediação dele pede veementemente que, depois de recebido o testemunho da sua obediência e acatamento a vós, possa ser contado no número dos filhos da Igreja católica e desta Santíssima Sé.

E também solicita o mesmo Protásio, rei de Arima, jovem distintíssimo, primo co-irmão deste Miguel que te enviou por este motivo. E também Bartolomeu, príncipe de Omura, tio amantíssimo do rei de Arima e do mesmo Miguel. Mas, nada dizendo eu hoje acerca do rei de Arima, cujas claríssimas provas de religião e fé estão à vista, todavia acerca de Bartolomeu não posso deixar de dizer algumas palavras. Este é, Santíssimo Padre, aquele Bartolomeu que foi o primeiro de todos os príncipes do Japão a receber a fé cristã com o

christianam in Iapone cum baptismo suscepit, tanto animi feruore ac studio ut, deiectis ubique idolorum statuīs, eiecta ex suis urbibus superstitione, multis ob eam causam periculis aditis, toto fere principatu ac ditione expulsus, non solum a suscepta religione non discesserit, sed incredibili animi fortitudine ac praestantissimo Dei numine recuperata ditione, multo etiam quam ante constantius in sententia perseuerarit. Qui, si per se ipse praestare hodie potuisset quod per hunc Michaelem facit, ut Sanctitatis Tuae pedes osculari et apostolicam benedictionem praesens a parente posset accipere, tum uero se felicem ac plane beatum esse censeret.

O Deum immortalem, quid hoc est? In remotis adeo locis tam longe a Romana Sede, ubi numquam antea Christi nomen, numquam Euangelium auditum erat, cum primum illic religionis ac fidei lux affulsit, homines nostrorum morum insolentissimi, regno clari, copiis affluentes, bellorum gloria insignes, Romanae ecclesiae amplitudinem et dignitatem agnoscunt et magno sibi honori ducunt per eos, quos carissimos habere poterant, Summi Pontificis pedes osculari? Et erunt in uicinis adeo regionibus, ueritatis luce usque [15] adeo perspecta, qui tanto se parricidio inquinare audeant ut pulcherrimam Christi sponsam capite truncare et Romanae Sedis dignitatem, a Christo ipso constitutam, tot saeculorum spatiis confirmatam, tot sanctorum hominum sententiis fultam, tot conciliorum exemplis stabilitam, cum summa sua pernicie in controuersiam uocare audeant?

Sed continebo ipse me nec patiar hodierna die in publica omnium laetitia dolore animi longius abripi, et meam orationem eo reuocabo quod, in tanta uarietate rerum, paene unum fueram oblitus, cum tamen eiusmodi res sit quae omnium saeculorum immortalī memoria digna esse uideatur. Saepe ego quidem ac frequenter audieram nonnumquam etiam legeram, si quis absolutam omnibus numeris ac perfectam boni principis imaginem consideret, fore ut inter illum et quem clarissima luce fulgentem in medio caeli globo Solem intuemur, multis in rebus praeclare uideat conuenire. Enimvero Solem, in illa quasi arce constitutum, non ea tantum quae proxima sunt ac uicina pertingere, sed remotissimas etiam mundi partes illustrare

batismo, com tão grande fervor e zelo que, depois de serem por toda a parte derrubadas as imagens dos ídolos e expulsa das suas cidades a superstição, atitude que lhe acarretou muitos perigos, quase privado por inteiro do senhorio e governo, não só não apostatou da religião a que se convertera, mas, depois de ter recuperado o poder graças a uma extraordinária determinação e ao favor divino, perseverou fiel à sua escolha e até muito mais decidido do que antes. O qual, se hoje tivesse podido realizar pessoalmente os atos que pratica através deste Miguel, de poder beijar os pés de Vossa Santidade e de receber pessoalmente de vós a bênção apostólica, então julgaria que era deveras feliz e completamente bem-aventurado.

Oh Deus imortal, que é isto? Em lugares tão apartados da Sé romana, onde nunca anteriormente se escutara o nome de Cristo nem se ouvira o Evangelho, mal ali começa a brilhar a luz da religião e da fé, homens totalmente estranhos aos nossos costumes, ilustres pelo poder, abundantes em riquezas, afamados pela glória nas armas, reconhecem a grandeza e dignidade da Igreja romana e consideram que lhes é grande motivo de honra beijarem os pés do Sumo Pontífices por mediação daqueles a quem podiam estimar acima de todos? E existirão em regiões tão vizinhas, depois de bem manifesta a luz da verdade, [15] homens que se atrevem a manchar-se com tão grande parricídio que ousam privar da cabeça a formosíssima esposa de Cristo e, com sua total perdição, pôr em causa a dignidade da Sé romana, estabelecida pelo próprio Cristo, corroborada por tantos séculos, sustentada pelas opiniões de tantos homens santos e consolidada pelos exemplos de tantos concílios?

Mas conter-me-ei e não deixarei que hoje, na pública alegria de todos, o desgosto me arrebate para mais longe, e desviarei o meu discurso para o facto de que, entre tão grande variedade de coisas, quase esquecera uma só, conquanto seja uma coisa de espécie tal que parece ser merecedora da imortal lembrança de todos os séculos. É certo que eu amiúde e frequentemente ouvira e algumas vezes lera que, se alguém considerar a imagem a todos os títulos completa e perfeita do bom príncipe, há de ver que ele e o Sol, que com deslumbrante luz vemos brilhar no meio da esfera celeste, claramente coincidem em muitas cousas. Com efeito, o Sol, posto naquela espécie de elevada cidadela, não apenas alcança o que está próximo e vizinho, mas também ilumina com os raios as regiões mais apartadas do mundo e igualmente

radiis et, quae disiunctissima uidentur esse, ad ea quoque uirtute penetrare. Non multo aliter bonum principem, si modo hoc nomine dignus esse uelit, non domesticae familiae suae terminis regiam beneficentiam debere circumscribere neque intra paucorum domus ac manus includere, sed illius quasi radiis illustrare omnia et, quoad eius fieri possit, remotissimos etiam quosque beneficiis ornare.

Verum hoc qui praestare aliqua ex parte ualeant fortasse nonnulli, qui uero id quod ualent etiam uelint, pauci omnino reperientur. Tua uero beneficentia, Pater Beatissime, cum singulari religionis studio coniuncta, non huius tantum urbis moenibus includi, non Italiae finibus circumscribi, non Germaniae, Bohemiae, Vngariae, Poloniae, non Syriae, non Graeciae, non Dalmatiae terminis contineri potuit, quibus omnibus in locis, partim seminariis exstructis, [16] quasi munitissimis fidei arcibus, partim aliis beneficiis, immortalia tuae liberalitatis ac religionis monumenta posuisti, sed longius etiam prouecta et “extra anni” quodammodo “Solisque uias”, ut ait ille, hoc est, ultra Indorum, Brachmanum ac Sinarum terminos, ad ultimas Iaponensium oras ac fines peruenit. Cum primum enim Christi fidem, in illa regione feliciter propagari coeptam, ea potissimum ratione promoueri posse intellexisti si quam plurimos suae gentis, quorum acerrima fere sunt et acutissima ingenia, disseminandi Euangelii ministros haberet, nec deterreri sumptibus nec rei difficultate potuisti quin ibi lectissimorum adolescentium seminaria, maxima tua impensa, institui iuberet, quorum postea praedicatione, cum

penetra com a sua virtude até àquilo que parece encontrar-se muitíssimo afastado. Não de modo muito diverso, o bom príncipe, desde que queira ser digno deste nome, não deve circunscrever a generosidade régia aos familiares da sua corte nem limitá-la às casas e mãos de poucos, mas, com os raios dela, como que tudo iluminar e, até onde for possível, também ornar com benefícios todos os que se encontram mais afastados.

É certo que talvez existam alguns que em parte podem fazer isto, mas ao todo encontrar-se-á poucos que da mesma forma queiram o que podem. Mas a vossa beneficência, Santíssimo Padre, unida a um extraordinário zelo da religião, não pôde ficar apenas limitada pelas muralhas desta cidade, nem circunscrever-se às fronteiras da Itália ou encerrar-se dentro dos lindes da Alemanha, da Boémia, da Hungria, da Polónia, da Síria, da Grécia e da Dalmácia, lugares todos nos quais, em parte construindo seminários, [16] à semelhança de bem guarnecidos baluartes da fé, em parte com outras benfeitorias, erguestes imorredouros monumentos da vossa liberalidade e religiosidade, mas também se dilatou para mais longe e, em certa maneira, *além das rotas do ano e do Sol*,⁹ consoante escreveu o poeta, isto é, para além das fronteiras dos Indianos, dos Bramás¹⁰ e dos Chineses, chegou até às derradeiras plagas e confins do Japão. É que, logo que compreendestes que a fé de Cristo, que naquela região se começava a propagar com bons resultados, poderia promover-se sobretudo se tivesse como ministros para espalhar o Evangelho muitíssimos homens da sua raça, que de ordinário são dotados de inteligência muito penetrante e subtil, nem os custos nem as dificuldades da empresa puderam desviar-vos de mandardes ali estabelecer, com enormes gastos vossos, seminários para os moços mais distintos, com cujas pregações ao depois, uma vez que estivessem suficientemente adestrados nas letras e piedade, não

⁹ Virgílio, *Eneida*, 6. 795-796.

¹⁰ No original lê-se *Brachmanum*, “dos brâmanes”. Como o contexto mostra, trata-se aqui claramente de um etnónimo. Na nossa tradução optámos pelos Bramás, por ser o único povo, entre os citados pelos autores quinhentistas portugueses, cujo nome sugere o da casta sacerdotal hindu. João de Barros fazia-os confinar com o reino de Bengala e com Pegu: “dos povos Bramás, os quais confinam dentro do sertão com Pegu”, *Década* 3.^a, 2. 5; “os reinos de Tipora e Brema Limma, que rodeiam Bengala da parte oriental”, *Década* 4.^a, 9. 1.

litteris ac pietate satis essent exculti, nihil omnino superesset quod, expulsa superstitione, ad Christi fidem ac religionem non accederet.

Pro qua tam eximia tamque incredibili beneficentia, ex singulari propagandae fidei amore profecta, eo magis tum suo, tum publico suae gentis nomine tibi gratias agendas esse immortales legati censuerunt, quod eodem illo anno a te Romae designatam esse audiunt, quo principes illi ac reges nobilissimi hanc ipsam ad te legationem in Iapone decernebant, ut non illi citius de oboedientia tibi praestanda, ut filii, quam tu de illorum commodis ac salute, ut parens, beneficentissimus cogitaris. Quo magis etiam sperandum esse putant, qui sua sponte usque adeo commoti tanto hactenus studio ad fidem accurrebant, eos tuae beneficentiae stimulis incitatos, nouis praesertim militum copiis ex illis seminariis in dies succrescentibus, maiore in posterum numero et studio ardentiore ad fidem esse uenturos. Ita breui futurum es, Pater Beatissime, ut, Deo Optimo Maximo Sanctitatis Tuae uotis et minimae Societatis nostrae laboribus fauente, non iam paucas Iaponis urbes, non regna pauca (quae tibi hodierna die quasi quasdam [17] fecundissimi agri primitias offerimus), sed plura alia, quibus amplissima illa regio distincta est, et tantam hominum multitudinem, quae numero facile comprehendi nequeat, ad Christi fidem audias accessisse.

restasse absolutamente ninguém que, desterrada a superstição, não se juntasse à fé e religião de Cristo.

Perante esta tão extraordinária e tão admirável mostra de bondade, nascida de um singular amor pela propagação da fé, os embaixadores pensaram que tanto em seu nome quanto no do seu povo deveriam dar-vos eternos agradecimentos, tanto mais porque ouvem que foi por vós ordenada em Roma naquele mesmo ano no qual aqueles príncipes e reis nobilíssimos decidiam no Japão esta mesma embaixada a vós: para eles não serem mais rápidos em pensar em prestar-vos obediência, como filhos, do que vós o fostes no bem-estar e salvação deles, como o mais beneficente dos pais. Por isso também consideram que mais é de esperar que os mesmos, que de tal forma impelidos por sua espontânea e livre vontade até hoje com tamanho zelo abraçavam a fé, estimulados pelos aguilhões da vossa beneficência, sobretudo ao aumentar de dia para dia o número de soldados saídos daqueles seminários, hão de vir no futuro a juntar-se à fé em maior quantidade e com mais ardente zelo. E assim em breve, Santíssimo Padre, se Deus todo-poderoso favorecer os desejos de Vossa Santidade e os trabalhos da nossa mínima Companhia, ouvireis que se juntaram à fé de Cristo não apenas poucas cidades do Japão, nem poucos reinos (que hoje vos oferecemos como uma espécie [17] de primícias de um fecundíssimo campo), mas muitos outros, pelos quais se divide aquela vastíssima região, e uma multidão de homens tão grande que o seu número não se pode facilmente abarcar.

[18]

**AD HANC ORATIONEM AB ANTONIO BVCCAPADVLIO
SVMMI PONTIFICIS NOMINE IN HAEC VERBA RESPONSVM
EST:**

Sic me uestrae orationi iubet respondere Sanctissimus Dominus noster, iuuenes nobilissimi:

Quod Franciscus, Bungi rex, e Protasius, Arimanorum, Protasiique patruus Bartholomaeus, Omurae princeps, ab Iaponiorum insulis remotissimis uos, suos propinquos, huc ad se miserint, eius quam obtinet Dei benignitate potestatis coram uenerandae causa: pie illos sapienterque fecisse. Esse enim unam fidem, unam Ecclesiam catholicam, unum huic ipsi Ecclesiae praefectum Christique gregis uniuersi, hoc est, catholicorum omnium, qui ubique Terrarum sunt, Petri successionem pastorem, Romanum Pontificem. Hoc illos una cum ceteris fidei orthodoxae mysteriis agnoscere et profiteri laetatur, immortalesque agit gratias diuinae bonitati sanctissimus Dominus noster iudicatque hanc esse laetitiam uerissimam, a Dei gloriae atque animarum salutis studio profectam. Itaque libentissime, una cum his uenerabilibus fratribus suis sanctae Romanae Ecclesiae cardinalibus, hanc illorum fidei oboedientiae, deuotionis testificationem amplectitur. Optat atque orat ut, illorum exemplo, ceteri quoque illarum insularum totiusque orbis reges et principes, omni idolorum cultu atque errore abiecto, cognoscant Deum uerum et quem ille misit Iesum Christum, haec est enim uita aeterna.

[19]

Hisce peractis, consistorium dimissum. Legati, cum Summum Pontificem in aedes interiores de more deduxissent, ab illustrissimo cardinale S. Sixti (fratris filio Summi Pontificis) amicitiae et honoris causa, conuiuio primum excepti, dein ad ipsius Pontificis Maximi priuatum ac familiare colloquium intromissi, multa cum eo de itinere ac de religione per interpretes contulerunt. Inde ad Sancti Petri Basilicam adiere ac, sacris Apostolorum Liminibus pie salutatis, sub uesperam honorifice domum reducti sunt.

FINIS

[18]

**A ESTE DISCURSO RESPONDEU EM NOME DO SUMO
PONTÍFICE ANTÓNIO BOCCAPADULI COM ESTAS
PALAVRAS**

Nobilíssimos jovens, o nosso Santíssimo Senhor manda-me que vos responda nos seguintes termos:

Quanto ao facto de Francisco, rei de Bungo, e Protásio, de Arima, e Bartolomeu, tio de Protásio e príncipe de Omura, vos enviarem a vós, seus parentes próximos, desde as remotíssimas ilhas do Japão até aqui perante ele, a fim de publicamente honrar o poder que por bondade divina detém: tem S. S. a dizer que eles procederam piedosa e sabiamente. É que há uma só fé, uma só Igreja católica, um só chefe à cabeça desta mesma Igreja e, por sucessão de Pedro, um só pastor de todo o rebanho de Cristo, isto é, de todos os católicos que se encontram em todas as partes do mundo: o Pontífice Romano. Alegra-se S. S. por eles reconhecerem e confessarem isto, juntamente com os restantes mistérios da fé ortodoxa, e dá por isso imortais graças à bondade de Deus e julga que a mais verdadeira alegria é esta, que procede do zelo da glória de Deus e da salvação das almas. E assim de muitíssimo bom grado, juntamente com estes seus veneráveis irmãos cardeais da santa Igreja romana, recebe este testemunho da fé, obediência e devoção daqueles reis. Deseja e reza para que, com o exemplo deles, também os restantes reis e príncipes daquelas ilhas e de todo o mundo, pondo de parte toda a espécie de erros e de adoração de ídolos, conheçam o verdadeiro Deus e quem Ele enviou, Jesus Cristo, pois esta é a vida eterna.

[19]

Concluídos estes atos, terminou o consistório. Conforme é de uso, os embaixadores tinham acompanhado o Sumo Pontífice até à parte interior do palácio. O ilustríssimo cardeal São Sisto (filho de um irmão do Sumo Pontífice), como demonstração de amizade e para honrá-los, recebeu-os primeiro com uma colação. Em seguida, admitidos à fala privada e familiar com o próprio Pontífice Máximo, através de intérpretes falaram com ele acerca da viagem e de religião. Dirigiram-se dali para a Basílica de São Pedro e, após saudarem reverentemente as sagradas “Portas dos Apóstolos”, ao cair da tarde foram conduzidos a casa com todas as honras.

FIM

B)

DE TRIVM REGVM IAPONIORVM LEGATIS, qui nuper Romam profecti, Gregorio XIII Pont. Max. oboedientiam publice praestiterunt, VARIA quae Lectorem mirifice delectare et piorum omnium animos ad maximas Deo gratias agendas uehementer excitare possunt. LOVANII, ex officina Ioannis Masii, sub uiridi Cruce, 1585

[12]

**EXTRACTVM EX LITTERIS ROMA MISSIS CAL. APRILIS
ANNI 1585**

Quattuor Iaponii legati his diebus Romam uenerunt, a tribus christianis regibus eam ob causam in Europam missi ut Romanum Pontificem tamquam religionis principem consalutarent. Tribus annis magnam Oceani partem emensi multisque perfuncti casibus, his tandem diebus ad Italiam appulerunt summoque honore Pisis, Florentiae et Senis a magno Etruriae duce excepti sunt.

Cum autem ad Ecclesiae Romanae Prouinciam accessissent, innumera peditum equitumque multitudo honoris et officii causa obuiam illis processit. Duas illis equitum turmas Summus Pontifex ab Vrbe misit, quibus saepti 22 Martii, sub occasum Solis, curru undique tecto, Romam ingressi, Porta Flaminea Viaque lata, ad Sanctum Marcum et inde ad Societatis Iesu domum peruenerunt. Quo tempore, longe lateque per Urbem uarius increbuit rumor, aiebant enim quidam adesse reges noui et ignoti orbis, alii antipodas Romam uenisse: quamobrem e uestigio omnium ordinum multitudo aduolauit.

E curru deinde ad templum legati adierunt et ad maximam aram, christiano more Deum uenerati, quod eos incolumes esse uoluisset ac terra marique summis periculis benigne tutatus esset. Hoc legati dum facerent, alumni Collegii Germanici,

B)

SOBRE OS EMBAIXADORES DOS REIS JAPONESES, que recentemente foram a Roma e prestaram publicamente obediência ao Sumo Pontífice Gregório XIII, VARIADAS INFORMAÇÕES que podem maravilhosamente deleitar o Leitor e vivamente incitar as almas de todos os homens piedosos a darem as maiores graças a Deus. EM LOVAINA, na oficina de Ioannis Masius, sob a insígnia da Cruz verde, 1585

[19]

EXTRATO DE UMA CARTA ENVIADA DE ROMA NO 1.º DE ABRIL DO ANO DE 1585

Por estes dias vieram a Roma quatro embaixadores japoneses, enviados à Europa por três reis cristãos a fim de saudarem o Pontífice Romano na sua qualidade de cabeça da religião. Depois de, durante três anos, atravessarem grande parte do Oceano e de passarem por grandes percalços, por estes dias aportaram finalmente à Itália e foram recebidos com todas as honras em Pisa, Florença e Siena pelo grão-duque da Toscana.

Chegando depois aos Estados Papais, para servi-los e honrá-los veio ao seu encontro uma inumerável multidão de homens de pé e de cavalo. O Sumo Pontífice enviou-lhes de Roma dois esquadrões de cavalaria, rodeados pelos quais entraram em Roma, em carro coberto, ao pôr do Sol do dia 22 de março, e, fazendo caminho pela Porta e Via Flaminia, chegaram a São Marcos e daí à Casa da Companhia de Jesus. Por então, ao longo de toda a cidade espalharam-se vários rumores, pois certas pessoas diziam que se encontravam ali os reis do mundo novo e desconhecido, afirmando outros que os antípodas tinham vindo a Roma: motivo pelo qual uma multidão de todas a sorte de pessoas imediatamente acudiu.

Em seguida, os embaixadores dirigiram-se do carro para o templo e para o altar-mor, agradecendo ao modo cristão a Deus por ter querido que chegassem sãos e salvos e por em terra e mar benignamente os haver preservado nos maiores perigos. Ao tempo em que os embaixadores se entregavam à oração, os alunos do Colégio Germânico, repartidos por dois

duos in choros distributi, suauissimo concentu "Te Deum laudamus" aliasque preces catholico ritu decantarunt, quae sane res legatis ob egregiam pietatem fuit longe [20] iucundissima, quamobrem eorum unus, infirma ualetudine febrique uexatus, neque sedere tamen ante finem, neque saltem consurgere aut erigi uoluit. Gratiis itaque Deo pie actis, in domum Patrum ad quietem honorifice candidis cum facibus deducti sunt. Sic enim Summo Pontifici placuerat ut pars quaedam nostrae domus pulcherrime exornata iis attribueretur, quod legati nollent uel hospitio ab iis disiungi a quibus ad christiana sacra et ad christianum orbem adducti fuissent. Nihil dico quanto apparatu quantaque humanitate fuerint a Patribus excepti: parietes ipsi profecto gestire laetitiae exsultare uidebantur.

Postera die, uixdum diluxerat, cum tota Vrbs frequens et ludibundus populus, equis curribusque, loca omnia publica priuataque gratulationibus plaususque personare, illustrissimi cardinales in Vaticanum ad Summum Pontificem festinare coeperunt. Interea legati, ornatissimo curru ad Flamineam Portam deuecti, compararunt se ut in Vaticanum progredierentur. Eodem uenerat, ex tota Vrbe, nobilissimus quisque. Accesserant e Vaticano aliquot equitum turmae et cum his magna pars Heluetiae Phalangis, cubicularii quoque pontificii, complures etiam episcopi et archiepiscopi, ac tandem integrae fere illustrissimorum cardinalium familiae, praesertim uero ii qui galeros eorum honoris gratia deferre solent.

Legatis uersicolor erat uestis, opere acu picto, ad laeuam breui machaera, ad dextram Arabico pugione cincti, reliquus cultus Iaponius, nobilis quidem, sed barbarico simillimus.

Pompa omnis a Porta Flaminea ad Mausolaeum Augusti, inde ad Marmoream Suem et Fornicem Beati Apollinaris processit, hinc recta ad Pontem Elium et Arcem. Quam, dum praeterirent, ut nubes et aer tonitruis, ita uicina omnia bellicis tormentis quatiebantur. Ad plateam Vaticanam progressos, Italicum Praesidium et Heluetia

coros, com suavíssima harmonia entoaram, de acordo com o ritual católico, *Te Deum laudamus* e outras preces, cerimónia esta que, pela sua extraordinária piedade, causou aos embaixadores um enorme contentamento, [20] pelo que um deles, que se encontrava doente e tomado pela febre, mesmo assim não quis sentar-se antes do fim, nem ao menos estar de pé ou levantar-se. E deste modo, depois de piedosamente agradecerem a Deus, foram com tochas brancas honrosamente conduzidos para a residência dos Padres a fim de descansarem. É que aprouvera ao Sumo Pontífice que lhes fosse destinada certa parte da nossa Casa elegantissimamente ornamentada, uma vez que os embaixadores não queriam nem mesmo na hospedaria estar separados daqueles que os tinham conduzido até aos templos cristãos e até ao mundo cristão. Nada digo da grande magnificência e da grande afabilidade com que os Padres os receberam: as próprias paredes pareciam abrasar-se e exultar de alegria.

No dia seguinte, mal raiara a aurora, quando por toda a cidade começou o povo regozijado e em chusma a concorrer em carros e cavalos, todos os lugares públicos e privados a ressoar com gritos de júbilo e aplausos, e os ilustríssimos cardeais a apressarem-se para o Vaticano, para junto do Sumo Pontífice. Os embaixadores, entretanto, depois de levados num carro muito ornamentado até à Porta Flamínia, aparelharam-se para avançar para o Vaticano. Para ali tinham vindo, de toda a Roma, as pessoas mais nobres. Juntaram-se, procedentes do Vaticano, alguns esquadrões de cavalaria, acompanhados de quase toda a Guarda Suíça, e camareiros do Papa, bem como muitos bispos e arcebispos e, finalmente, a quase totalidade das famílias dos ilustríssimos cardeais, e principalmente os que, em sinal do prestígio dos seus amos, costumam usar barrete.

Os embaixadores trajavam roupas de cores variegadas, bordadas, cingindo à esquerda um sabre e à dextra uma adaga árabe, e a restante vestimenta ao modo japonês, indubitavelmente nobre, mas muito semelhante ao dos bárbaros.

Todo o cortejo avançou desde a Porta Flamínia até ao Mausoléu de Augusto, e daqui até à Porca de Mármore e ao Arco de Santo Apolinário, donde, em linha reta, se dirigiu para a Ponte Élia e o Castelo. Ao passarem diante deste, tudo à volta estremeceu com as salvas de canhão, à semelhança das nuvens e do ar com a trovoadas. Ao chegarem à praça do Vaticano a Guarda Italiana e a

cohors iterum bombardis, tubis tympanisque exceptit. In Regiam tandem Aulam peruenerunt, ubi omnia, quae cum regum legatis agi consuerunt, celeberrimo apparatu sunt acta.

Eos ubi uidit Summus Pontifex, et dum complecteretur, [21] cum multis aliis, saepe illacrimatus est. In Regiam itaque Aulam admissi, cum suo loco stetissent, primo lectae regum litterae, oratio deinde regum nomine habita, ad extremum, omnibus more maiorum peractis, cum Summus Pontifex consurrexisset, legati pontificiae chlamydis limbum sustentarunt. Et 22 Martii, cum Summus Pontifex e Vaticano ad sacram aedem super Mineruam, stato sollemnique ritu, ob Dei Matris Annunciatae memoriam descendisset, hi legati supremo loco adequitarunt.

Quid plura? Dicitur non potest quanto sint in honore, quam omnium ordinum summi infimique benignitatem Dei praedicent, qui hoc tempore ad catholicam Ecclesiam multo plures a Solis ortu et occasu adducit quam malus Daemon in Aquilone seduxerit. Nemo illos Iaponiorum, omnes fratrum numero habent. Senatus hodie populi que Romani tribuni salutaturi eos et aduentum iis gratulaturi dicuntur: quod aliis regum legatis numquam factum audiui. Nec immerito, post conditum enim orbem et natos homines, nulla fuit legatio quae, studio religionis aut imperii Romani admiratione permota, ex tam longinquis et remotis gentibus ad ullum pontificem aut imperatorem umquam uenerit. A Domino factum est illud, qui lumen est ad reuelationem gentium et mortalium salus usque ad extremum Terrae. "Audient haec recti et laetabuntur, et omnis iniquitas oppilabit os suum."

Guarda Suíça receberam-nos outra vez com salvas de artilharia, trombetas e tambores. Chegaram finalmente ao Salão Régio, onde, com o mais solene aparato, se procedeu exatamente da mesma maneira que é da praxe proceder-se com os embaixadores dos reis.

O Sumo Pontífice, quando os viu, e enquanto os abraçava, [21] derramou frequentes lágrimas, à semelhança do que fizeram muitos outros. E assim, depois de recebidos no Salão Régio, postados em pé no lugar que lhes foi destinado, leram-se primeiro as cartas dos reis, pronunciando-se depois um discurso em nome dos mesmos, e, por derradeiro, uma vez tudo concluído segundo a antiga usança, ao levantar-se o Sumo Pontífice, os embaixadores seguraram a orla do manto papal. E no dia 25 de março, ao descer o Sumo Pontífice do Vaticano à igreja *sobre Minerva*, com o habitual e solene cerimonial, para comemoração da Anunciação da Mãe de Deus, estes embaixadores acompanharam-no a cavalo no lugar mais honroso.

Que mais direi? É impossível dizer-se o quanto são honrados, o como os mais altos e mais baixos de todas as classes proclamam a bondade de Deus, o qual nestes tempos atraiu para a Igreja católica muitas mais almas do Ocidente e do Oriente do que as que no Norte o ruim Demónio desviou. Ninguém os tem na conta de Japoneses, mas todos na de irmãos. Diz-se que hoje os tribunos do Senado e do povo romano irão saudá-los e felicitá-los pela sua vinda: algo que nunca ouvi que se tenha feito com outros embaixadores de reis. E com toda a justiça, pois desde que se criou o mundo e existem homens, jamais houve alguma embaixada que, impelida pelo zelo da religião ou admiração pelo império romano, se tenha apresentado diante de algum papa ou imperador, vinda de povos tão longínquos e remotos. Isto foi levado a cabo pelo Senhor, o qual é luz para a iluminação dos povos e salvação dos mortais até aos confins da Terra. “Os bons escutarão isto e alegrar-se-ão, e calar-se-á toda a iniquidade.”

3.

Testemunhas da visita a Roma

A)

O Doutor António Pinto:

Archivo General de Simancas, *lib 1549*¹, *Secretarías Provinciales*

25 de Março de 1585. De Roma para Madrid

[79]

Senhor

Os Japões que vieram nas naus da Índia do ano passado e passaram pela corte de Vossa Majestade chegaram a esta aos 22 do presente mês de Março e, per ordem do Papa, entraram quasi privadamente; e digo “quasi” porque todavia vieram com eles ãa companhia de cavalos ligeiros, que por ordem de Sua Santidade os foi encontrar daqui ãa jornada pera os segurar de ladrões, e eu os fui também encontrar a um pedaço fora da cidade², e os trouxe a Casa dos Padres da Companhia de Jesu, onde lhes tinham aprestado seu gasalhado.

Ao dia seguinte pela manhã cedo, per ordem também do Papa, assentado com os ditos padres da Companhia, se tornaram a sair da cidade a ãa Vinha que se diz de Papa Júlio, perto das portas, vestidos a uso de sua terra, e ali os foi buscar a mesma companhia de cavalos que os trouxera, e a guarda de pé do papa, e as famílias dos Cardeais com suas mulas e do Conde

¹ Neste volumoso livro se encontra reunida a correspondência que o Doutor António Pinto, na sua qualidade de agente de Portugal em Roma, enviou ao rei D. Filipe I, no período compreendido entre 15 de novembro de 1583 (data da 1.^a carta) e 28 de novembro de 1588 (data inscrita na missiva em que anuncia a sua partida de Roma, que pode ler-se no fólho 648 deste códice).

² “Sabendo-se em Casa [= conhecida por Gesù, Casa Professa de Roma da Companhia de Jesus] que vinham perto, foram por ordem de nosso Padre Geral os padres Manuel Rodrigues e Nuno Rodrigues em companhia do Doutor António Pinto e de outra gente de Sua Majestade tomá-los ua milha de Roma e os levaram em carroças mui bem ornadas.” Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões*, edição citada, 146.

de Olivares³, e a família do mesmo Papa os esperava à porta da cidade, e os três deles cada um em seu cavalo bem ornado, que mandou Jacobo [v.º] Bom Compagno⁴, cavaleiro de Alcântara, per ordem também de Sua Santidade.

Acompanhados desta maneira e com número infinito de gente popular, vieram pelo meo da cidade e foram até o palácio de S. Pedro, onde o Papa, acompanhado dos Cardeais em consistório público, os estava esperando. E ali chegados lhe beijaram o pé como embaxadores dos Reis de Bungo e d' Arima, e de D. Bartolomeu, cujas cartas, traduzidas em linguagem italiana, se leram em alta voz. E fez por eles a oração um padre da Companhia, português, que se chama Gaspar Gonçalves, mui docta, prudente e elegante, e como tal foi de todos aprovada e louvada, de que enviarei o treslado, e assi das cartas e da resposta que se lhes deu pelo secretário⁵.

Acabado o acto, ao recolher do Papa, levaram o D. Mâncio e D. Miguel a falada⁶ a Sua Santidade, como costumam fazer os embaxadores dos Reis que vem dar obediência, e em tudo e per tudo se usaram com eles as mesmas cerimónias, nem faltou a artelharia do castelo de Santo Ângelo nem a do palácio.

³ Don Enrique de Guzmán, Conde de Olivares, embaixador espanhol em Roma entre 1582 e 1591. Vide Geoffrey Parker, *The Grand Strategy of Philip II*. New Haven and London, Yale University Press, 1998, 442.

⁴ Filho natural de Gregório XIII.

⁵ "E logo, pondo-se em um lugar decente e um pouco alto para ser de todos os circunstantes melhor visto e ouvido, o padre Gaspar Gonçalves, português de nação, da Companhia de JESUS, que então residia em Roma, fez ãa oração latina, pela qual, em nome daqueles três reis de quem estes seus embaixadores eram enviados, lhe oferecia a obediência e reconhecimento como a sumo monarca da Igreja de Deus. Duraria pouco mais de meia hora, mas a ninguém pareceu comprida, porque, além do bom artifício, elegância, singular ordem que teve a sustância dela, e apoio e religioso modo com que se recitou, foi bastante para renovar as lágrimas do Papa e de todo aquele magnífico consistório, e naqueles lugares em que o padre dizia *Sanctissime Pater*, que, segundo o costume, fazia ãa profunda reverência, eles todos três também do lugar onde estavam faziam a mesura com muito acatamento e mesura. // Logo que o padre acabou saiu um da parte de Sua Santidade, o qual com ãa oração, que ainda não duraria meio quarto de hora, aceitou a obediência da parte da Sede Apostólica e em nome dela declarou que aquele era um acto de grande alegria e consolação por ser de tanta glória de Deus e aumento da Igreja." Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões*, edição citada, 156-157.

⁶ Assim no original. O mesmo que "falda, aba, orla".

O Papa e alguns Cardeais com outras muitas pessoas se comoveram tão notavelmente que houve muitas lágrimas de alegria de se verem naquele teatro embaxadores de três Reis novamente convertidos à fé católica [80] e de partes tão remotas desta cabeça da Igreja e cidade, na qual, depois de fundada, nem em tempo da República nem dos grandes Emperadores, não se lê haver jamais entrado recado nem embaxada desta gente, e foi mui benzida e louvada dos virtuosos a memória dos Reis de Portugal, predecessores de Vossa Majestade, por haverem sido autores de tão heróica, religiosa e santa obra, e a singular virtude e piedade de Vossa Majestade, que a vai reforçando.

Foram convidados aquela manhã a comer do Cardeal de S. Sisto com alguns padres da Companhia e, feita oração à tarde na igreja de S. Pedro, se tornaram à casa dos padres da Companhia, onde (como disse) estão agasalhados.

O D. Julião adoeceu dous dias antes de chegar a Roma e, posto que desejou achar-se com os outros neste acto e se aparelhou pera isso e foi até a Vinha, ali o carregou tanto a febre com um fluxo de sangue dos narizes que não se estreveu ir a cavalo: levei-o eu em coche diante, cuidando que ao menos poderia estar no consistório. Nem a isso se atreveu nem pareceu ao médico se devia fazer, por ser o acto longo, e assi o levei a beijar o pé a Sua Santidade antes que decesse ao consistório, que o recebeu com muito amor [v.º] e gasalhado, esforçando-o que não temesse a doença, que não seria nada, e esperava em Deus que com saúde tornaria à sua Pátria. E, feito isto, o mandei levar a casa no mesmo coche, e ainda hoje está mal, mas diz o médico que não será de perigo⁷.

⁷ “D. Julião, quatro dias antes de chegar a Roma, estava com febres contínuas, de modo que foi avisado pelos médicos que de nenhum modo saísse de casa nem se levantasse de cama, e o mesmo lhe diziam os padres. Todavia, pelo desejo grande que tinha de ver a Sua Santidade, nunca se deixou persuadir que não fosse com os outros, antes respondeu em latim: *Si me ducis ad pedes Pontificis et eius benedictionem habuero, salus ero*, [“Se me levas até aos pés do Papa e receber a sua bênção, curar-me-ei.”] e assim pareceu que lhe seria mais danosa a malenconia com que poderia ficar que não ir lá, e por essa razão, já que a febre lhe não dava lugar para gozar compridamente de toda a festa, fosse no mesmo coche desde Nossa Senhora del Popolo antes que os demais a tomar a bênção de Sua Santidade em sua câmara, e sentindo ele também a fraqueza em que o

Hoje, que é festa da Anunciação de Nossa Senhora, costuma o Papa vir a cavalo pontificalmente de S. Pedro até a igreja da Minerva, mosteiro da Ordem de S. Domingos, e ouvir ali missa, e distribuir certa esmola para casamento de pobres donzelas. Quis Sua Santidade que estes Japões o acompanhassem, e assi vieram com ele a cavalo no lugar dos embaxadores, e estiveram à missa no lugar outrossi de embaxadores.

Dizem que o Grão-duque de Toscana lhes fez muito gasalhado em Pisa, onde se achava quando eles por ali passaram, e depois em Florença e em Sena lho mandou fazer. O Conde de Olivares os tem visitado ontem e oferecido-lhes tudo o que lhes cumprir de sua casa e pessoa. Eu os vejo cada dia duas vezes e assi determino fazê-lo enquanto aqui estiverem, entendendo que se haverá Vossa Majestade por servido disso, e porque vejo que os mesmos moços e o Geral da Companhia folgam e se alegram disso. E avisarei do mais que suceder deles.

Nosso Senhor guarde e acrecente a vida e real estado de Vossa Majestade.

De Roma, 25 de Março de 1583

O doutor António Pinto

punha a febre e que não poderia ir a cavalo, o levou Monsiur Pinto à câmara de Sua Santidade, do qual foi recebido com extraordinários sinais de amor. E mostrando ele desejos de ficar ali para ver o consistório real, entendendo Sua Santidade que, por respeito da febre e fraqueza, passaria trabalho, lhe disse que se fosse então para casa e que tivesse cuidado de sua saúde corporal, dizendo que depois não faltaria outro consistório para que gozasse dele, e assim se tornou para casa em seu coche." Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões*, edição citada, 148-149.

Recorde-se que D. Julião Nakaura, cuja determinação, coragem física e fervor religioso aqui ficam bem patentes, virá a dar o mais sublime exemplo da firmeza da sua fé católica morrendo como mártir, no horrendo suplício da "fossa", a 23 de outubro de 1633.

Junho de 1585. De Roma para Madrid

[127]

Os Japões são também partidos mui contentes⁸, honrados e amerceados de Sua Santidade⁹, que não encurtou nada a demonstração de amor e d' obras que Papa Gregório com eles usava. Disseram-me os padres da Companhia de Jesu que lhes assignava seis mil ducados de renda cada ano na *Colletoria di Spagna* para ajuda da sustentação dos colégios do Japão, e aqui lhes dera em dinheiro, depois da morte de Papa Gregório¹⁰, para o caminho e outras cousas, perto de três mil ducados.

Armou-os Sua Santidade cavaleiros a todos quatro, com toda a cerimónia do pontifical, véspera da Ascensão, na capela, acabadas as vésperas, em presença dos Cardeais que nelas se acharam.

Vão por Veneza, Ferrara e Milão e tornar-se-ão a embarcar em Génoa. Levam breve do Papa per que os encomenda muito a Vossa Majestade.

Prazerá a Deus que aproveitem estas obras apostólicas para alumiar o entendimento daquelas gentes do Japão.

⁸ Deixaram Roma ao entardecer do dia 3 de junho de 1585.

⁹ Sisto V, eleito papa a 24 de abril de 1585.

¹⁰ Ocorrida a 10 de abril de 1585.

B)

Relationi della venuta degli Ambasciatori giapponesi a Roma, fino alla partita di Lisbona. Con una descrittione del loro paese, e costumi, e con le Accoglienze fatte loro da tutti i Prencipi Christiani, per doue sono passati. Raccolte da Guido Gualtieri. In Milano, per Pacifico Pontio, 1587

[76]

Il giorno seguente nel quale era già dal Papa intimato il Consistoro, essi in cocchio segretamente si condussero alla Vigna di Papa Giulio, che è fuori della porta del Popolo, onde i Gran Signori, Cardinali, et Ambasciatori, quando vengono à Roma, sogliono fare le loro solemni entrate. Nel qual atto ben si vide la loro diuotione, et osseruanza verso il Vicario di Christo espressa in Don Giuliano, il quale essendo (como si è detto) ammalato, et havendo tuttauia la febre, in modo che il Medico, che da' Padri à questo fino era stato chiamato giudicaua, che per niun conto gli [77] conueniua uscire, non pur di casa, ma ne anco di letto; con tutto ciò, nè per consiglio di Medico, nè per essortatione di veruno si lasciò già mai persuadere, di non andare con gli altri, dicendo che com la sola vista del Papa, tenea per certo di douer sanarsi. Pur come fu alla porta del Popolo, sentendosi crescere la debolezza, et accorgendosi, che non si hauerebbe potuto reggere tanto tempo à cauallo, fu da Monsignor Antonio Pinto in vn suo cocchio coperto menato à basciare il piè à Sua Beatitudine, da cui fu riceuuto con straordinarii segni d' amore, e mostrando esso desiderio di restarsi iui per vedere il Consistoro, Sua Santità vedendo che hauerebbe patito, gli disse, che per all' hora tornasse à casa, et hauesse cura della salute corporale, soggiogendo, che per consolatione di lui hauerebbe fatto un' altra volta Consistoro.

Fra tanto gli altri trè Signori stauano nella sudetta Vigna, aspettando che fosse in ponto tutta la caualcata, e di mano in mano giogendo la famiglie de' Cardinali, andauano à salutarli per parte de' loro padroni, il che anco da parti di Gregorio fece il suo Mastro di Casa il Vescouo d' Imola, facendo loro breuemente in nome di Sua Beatitudine vna cortese offerta, e esponendo il

gran contento che Sua Santità hauea riceuuto dalla loro uenuta, e che in ciò mandaua lui col resto della gente di suo Palazzo per accompagnarli.

Finalmente uenuta l' hora, e posto il tutto in ordine secondo il modo costumato, si inuiarono verso S. Pietro di questa maniera. Andaua inanzi tutta la caualleria del Papa, e la guardia [78] delli Suizzeri, dappoi seguuiano le Corti de' Cardinali, e le famiglie de gli Ambasciatori, che si trouauano in Roma, dietro à questi gran numero di tamburi, e trombe. Poi succedeano i Camerieri del Papa con gli scudieri, e tutti gli altri ufficiali di palazzo ordinatamente in habito rosso. Appresso li Chierici di Camera, dietro a' quali immediatamente caualcavano i trè Signori Giaponesi nel vestito del loro paese, e com le loro scimitarre à lato sopra belli caualli coperti di valdrappe di veluto nero com guarnimenti d'oro, ciascuno circondato da parecchi palafrenieri. Il primo, che era Don Mantio, hauea da due lati due Arciuescoui, gli altri due, cioè Don Michele, e Don Martino, due Vescoui, dietro grandissime moltitudine d' huomini à cauallo, e in somma il fiore della Nobiltà Romana. [...]

Arriuate à Castel Sant' Angelo furono salutati con grandissimi, e assaissimi tiri d' artiglierie, e passando auanti, da' soldati della guardia con una bella salua, e con l' artiglieria di Palazzo. [...]

Lette le [81] lettere vn Padre della Compagnia fece vn' Oratione Latina, la quale, e per la materia, che era gioconda, e per il buon modo suo fu di grande sodisfatione à tutti.

[147]

Cap. 15. Delle fattezze e costumi loro

[...] Quanto alla lingua tutti sapeuano mediocrementemente la Portoghese, e anco alcuni fra loro parlauano prontamente la Castigliana, benche con forastieri non vsauano se non la sua natiua, dichiarandosi per mezzo dell' Interprete, dell' Italiana poco appresero, se non che pur n' intendeuano qualche parte. Attendeuano anco tuttauia alla Latina, nella [148] quale per l' occupationi del viaggio, e per altri impedimenti non hauean passato molto più oltre, che della Grammatica.

4.

ORATIO HABITA A FARA D. MARTINO, IAPONIO, SVO ET SOCIORVM NOMINE, CVM AB EVROPA REDIRENT, AD PATREM ALEXANDRVM VALIGNANVM, VISITATOREM E SOCIETATIS IESV, GOAE, IN D. PAVLI COLLEGIO, PRIDIE NON. IVNII ANNO DOMINI 1587. CVM FACVLTATE INQVISITORVM ET SVPERIORVM. GOAE. Excudebat Constantinus Douratus, Iaponius, in aedibus Societatis IESV. 1588

[1v.^o]

Non immerito, reuerende admodum Pater, Veteres celeberrimam illam Gratiarum picturam posteris ita effigiatam reliquerunt ut praecipuam in earum uultu hilaritatem ostenderent et, implexis manibus, chorum ad se inuicem redeuntium exhiberent. Qua icone sapientissimi mortales et alta quadam mente praediti duas potissimum leges innuere uoluerunt quae in conferendis et accipiendis beneficiis obseruari debent, ut et conferentium uultus hilares sint et, post acceptum beneficium, cum usuris gratiarum ii qui acceperunt quam primum reuertantur.

Beneficium tu quidem in nos contulisti ita magnum et excellens ut eius ponderi et magnitudini hac sola ratione satisfacere posse uideamur si tibi uni longe maioribus nominibus quam ipsimet parentibus, a quibus uita et spiritum accepimus, obligatos nos esse fateamur. Enimvero, si Alexander ille, Macedonum imperator, Aristoteli, cui puer informandus traditus fuerat, non minus se quam patri Philippo debere affirmabat, quod a patre uiuendi, a praeceptore bene uiuendi initium accepisset: quanto nos maiori iure decet hanc erga te ingenuam grati animi confessionem usurpare, qui nos potissimum ad eam orbis partem cum legatione abire

4.

DISCURSO PRONUNCIADO POR D. MARTINHO HARA, JAPONÊS, EM SEU NOME E DOS SEUS COMPANHEIROS, QUANDO REGRESSARAM DA EUROPA, DIRIGIDO AO PADRE ALEXANDRE VALIGNANO, VISITADOR DA COMPANHIA DE JESUS, EM GOA, NO COLÉGIO DE SÃO PAULO, A 4 DE JUNHO DO ANO DO SENHOR DE 1587. COM AUTORIZAÇÃO DOS INQUISIDORES E DOS SUPERIORES. EM GOA. Impresso por Constantino Dourado, japonês, nas Casas da Companhia de Jesus. 1588

[1 v.º]

Muito reverendo Padre, não foi sem motivo que os Antigos deixaram aos vindouros aquela mui celebrada pintura das Graças, debuxada de tal maneira que nos seus rostos mostravam uma extraordinária alegria e, de mãos entrelaçadas, figuravam uma roda em que estavam voltadas umas para as outras. Mediante esta imagem os mortais mais sábios e dotados de um entendimento verdadeiramente elevado pretenderam principalmente indicar duas leis que se devem respeitar no dar e no receber benefícios: a saber, que não só o semblante dos que dão se mostre alegre, mas também que os que receberam o benefício, depois de o receberem, sem delongas o retornem e agradeçam com juros.

É certo que o benefício que nos oferecete foi de tal modo grande e excelente que dá visos de que só podemos satisfazer à sua importância e grandeza se confessarmos que unicamente a ti nos encontramos obrigados por títulos de longe maiores do que os que nos ligam aos próprios progenitores de quem recebemos a vida e a alma. De facto, se o célebre Alexandre, imperador dos Macedónios, afirmava que não devia menos a Aristóteles, a quem fora entregue em criança para que o educasse, do que ao seu pai Filipe, porque do pai tinha recebido o princípio da vida, do mestre os princípios do viver bem¹¹: com quão maior justiça nos convém confessar estes sentimentos de sincera gratidão diante de ti, que mais do que tudo quiseste que nós fôssemos àquela

¹¹ Plutarco, *Alexandre*, 8.

uoluisti, ex qua et bene uiuendi legibus et pietatis obseruandae normis tamquam e fonte delibatis, rudis a parentibus natura data, longe pulchrior, humanior ac limatior euaderet.

[2] *Nunc igitur, quia iam ad te reuertimur, nauigatione absoluta, hilares (ut par est) et gratulabundi adsumus: atque ego unus, reliquorum nomine, quam maximo fieri potest animi affectu tibi pro immortalis beneficio gratias ago et habeo immortales. Quicquid uero in hac longissima peregrinatione decoris, quicquid humanitatis et amplitudinis nobis est, omnium fere populorum ac principum concessu, impertitum, tibi gratulamur tibi que uni acceptum referimus. Sed gaudes tandem procul dubio, Pater amantissime, quattuor his filiis felicissime receptis, atque ita gaudes ut hanc animo tuo exundari laetitiam nec possis dissimulare, si uelis, nec uelis, si possis. Facit hoc amor eximius erga nos tuus, qui quo magis antea de aduentu ac successu nostrarum rerum incertus cruciabatur, eo nunc iucundius in nobis, post difficillimam ac periculosam nauigationem, feliciter recuperandis aduentu optatissimo gestit ac triumphat.*

Molestum admodum fuit nobis, iamiam tuo suauissimo conspectu perfrui exspectantibus, uariis casibus impediri, saepe saepius in tantis laboribus ac periculis uersari, morti exponi, denique in ipso Mosambicho hiberna agere, sed iucundius ac utilius fuit, Deique prouidentia tamquam praeclarum munus nobis concessum,

parte do mundo com uma embaixada, para que dela a nossa natureza, que os pais nos tinham dado rude, surdisse muito mais formosa, humana e polida, como se fosse uma fonte donde retirássemos as leis do viver bem e as regras de observar a piedade¹².

[2] Por conseguinte, agora, porque já regressámos para junto de ti, concluída a navegação, estamos contentes (como é justo) e congratulamo-nos: e eu só, em nome dos restantes, o mais que me é possível agradeço do fundo do coração e digo um infinito obrigado por este infinito benéfico. É que a ti agradecemos e só a ti devemos tudo quanto nesta dilatadíssima viagem por consenso de quase todos os povos e dos príncipes recebemos em honrarias, bom acolhimento e altas distinções. Mas, amantíssimo Padre, finalmente sem dúvida te regozijas com estes quatro filhos muito felizmente regressados, e de tal maneira te regozijas que na tua alma transbordante nem poderias, se quisesses, dissimular esta alegria, nem quererias, se pudesses. Faz isto o teu singular amor em relação a nós, amor que quanto mais anteriormente se atormentava com a incerteza da nossa chegada e do bom sucesso da nossa empresa, com tanto maior alegria agora triunfa e exulta ao ditosamente nos recuperar com a nossa desejada chegada.

A nós, que já proximamente esperávamos gozar da tua presença, foi-nos sobremaneira penoso sermos impedidos por diversos acontecimentos imprevistos, mui amiudadas vezes padecermos tão grandes trabalhos e perigos, expormo-nos à morte e, por derradeiro, esperar pela monção em Moçambique, mas foi mais alegre e mais proveitoso, e como uma singular dádiva a nós concedida pela providência de Deus, aprendermos com a experiência quão

¹² Sobre a importância na cultura nipónica do tipo de relação aqui aludida, apraz-nos citar as seguintes palavras de um ilustre japonólogo português: “Valerá a pena frisar a importância da relação mestre-discípulo, fundamental em todas as escolas japonesas. (...) Embora o letrado ou erudito nunca tenha atingido no Japão a posição de relevo que tinha na China ou Coreia, o professor sempre foi muito estimado e honrado pela sociedade japonesa, mas sempre mais como pedagogo do que como depósito de conhecimento ou erudito. Como transmissor de conhecimento era frequente ser equiparado a um pai e receber as honras atribuídas aos progenitores”, José Miguel Pinto dos Santos, “A contribuição do cristianismo no ensino no Japão: séculos XVI-XXI”: *Actas do Colóquio Cristianismo no Japão: Universalismo Cristão e Cultura Nipónica*. Lisboa, Fundação AIS / SVD, 2009, 125-154.

experimento ediscere, quantos labores ac molestias perferant quantaque mortis pericula in longissima nauigatione subeant ii Societatis [2 v.º] patres qui ob nostram salutem Iaponicas insulas petunt. Praeclare experti sumus nimiam Societatis in Iaponios caritatem tuumque erga nos singularem amorem ac prouidentiam qua, etsi incertus de nostra incolumitate, tamen, amore paterno motus, non semel, sed bis, breui temporis interuallo, cum per epistolas tuas, tum etiam per res ad uictum necessarias, nos – in tanta solitudine ac omnium rerum penuria positos –, inuisere iussisti summaque laetitia afficere uoluisti. Agnoscimus uenerabundi omnes imisque praecordiis excipimus istam pectoris indulgentissimi ac uere paterni significationem, ut filii quos nulla umquam aetas, Deo bene iuuante, ingratos amori tanto accusabit. Quod, si non leue est argumentum grati animi, non re modo se debitorem, sed uerbis etiam libere profiteri, non inuitus me audies dum, quae animo sentio, oratione patefacio, quae, dum praestitero, ceterorum quoque sodalium cogitata me retulisse uelim arbitreris.

Si totus ego, Pater omni religione ac cultu uenerande, in linguas uerterer, si uox ferrea sonaret, si ora ipsa forent adamantina, nondum satis esse crederem ut tuorum erga nos beneficiorum uel minimam partem perstringerem, quando ne mente quidem ipsa facile possunt comprehendi. Quid enim dicam de tua illa ardentissima caritate qua nos gentemque nostram prae ceteris nationibus decorare uoluisti?

Iacebamus paucos ante annos, et quidem [3] errorum caligine sepulti misere iacebamus, deprauatae legis superstitioni mancipati, et aeternae perditionis laqueis irretiti, cum tu, citra merita nostra, solo amore ductus, miserrimam sortem nostram miseratus, a caligine in lucem, a seruitute in libertatem, a perfidia nos subito in uerae fidei cognitionem uindicasti.

grandes trabalhos e incómodos suportam e quão grandes perigos de morte afrontam em longuíssima navegação os padres da Companhia [2 v.º] que por causa da nossa salvação demandam as ilhas do Japão. Experimentámos claramente o incomensurável amor da Companhia pelos Japoneses e o teu carinho e providência em relação a nós, com a qual, ainda que incerto acerca da nossa segurança, mesmo assim, movido de afeto paternal, não uma única vez, mas duas, em breve prazo de tempo, não apenas mediante cartas tuas, mas igualmente com provimentos necessários para o sustento, ordenaste visitar-nos – a nós que nos encontrávamos em tão grande desamparo e míngua de todas as coisas – e quiseste dar-nos uma grande alegria. Todos nós confessamos respeitosa e recebemos no mais fundo do coração esse testemunho de um peito excepcionalmente indulgente e deveras paternal, como filhos aos quais jamais tempo algum (com a ajuda de Deus) há de acusar de ingratos a um tão grande amor. Por isto, se não é prova escassa de gratidão o devedor reconhecer liberalmente que o é, não apenas com factos, mas também com palavras, não será contrariado que me hás de escutar enquanto exponho neste discurso o que sinto na alma, e, ao fazer isto, desejaria que pensasses que eu também transmitti os pensamentos dos meus companheiros.

Se eu inteiramente, ó Padre admirável por toda a espécie de predicados de religiosidade e cultura, se eu inteiramente me transformasse em línguas, se a minha voz troasse com timbre férreo, se a própria boca fosse de diamante, eu cuidaria que não seria suficiente para abranger sequer a mais pequena parte dos favores que nos fizeste, visto como nem mesmo com o próprio entendimento se pode facilmente abarcá-los. De facto, que hei de dizer acerca daquele abrasadíssimo afeto com que quiseste honrar-nos, a nós e ao nosso povo, diante das demais nações?

Há poucos anos jazíamos, e na verdade [3] mofinamente jazíamos sepultados nas trevas dos erros, escravizados à superstição de uma religião corrupta, e enredados nos laços da perdição eterna, quando tu, sem merecimentos da nossa parte, mas impellido unicamente pelo amor, compadecido da nossa infelicíssima sorte, libertaste-nos, fazendo-nos subitamente passar das trevas para a luz, da escravidão para a liberdade e da infelicidade para o conhecimento da verdadeira fé.

O beneficium admirabile! O pietatem uere tuam! Itaque nos primum sacro baptismatis lauacro renasci uoluisti, renatosque statim nutrici omnium officiosissimae, id est, almae Societati Iesu, alendos instruendosque tradidisti, atque ad hoc ab Europa saepe illam in Iaponem, remotissimam toto orbe insulam euocasti, ut, quemadmodum nutrices Lacedaemonias quod ceteras in orbe feminas in filiis educandis doctrinae ratione ac seueritate antecellere credebantur, remotissimae gentes euocabant, ut earum disciplinae filios suos a primis incunabulis nutriendos informandosque committerent: ita plane hanc uenerabilem Societatem, quae in animarum educatione ceteris facile palmam praeripere uidetur, ab remotissimis Terrarum partibus, per immensa marium spatia, in Iaponem disiunctissimam insulam uel, ut uerius dicam, alterum orbem, euocatam nobis tamquam nutricem euigilantissimam adhibuisti.

Hic ego quid dicam de istius nutricis cura ac studio quo, te humanissimo patre imperante, tam ardentem in Iaponiorum educationem incubuit ut iucundissimos iam suorum laborum fructus iucundissime [3 v.º] percipere mereatur? Verum enimuero, tametsi omnes qui in Iapone, falso deorum cultu abdicato, iterata quodammodo generatione, in filios Ecclesiae transformantur, gremio excipit exceptosque fouet atque lactat beneuolentissime, nos tamen, o sodales optimi, longe artioribus caritatis uinculis sibi totos habet (habebitque dum uixerimus) obligatos: quibus ut facilius abundantiusque uirtutum optimarum suauissimum lac in animos instillaret, in collegia semper recepit, intra domesticos parietes habere uoluit, ut ne puncto quidem temporis ab ipso sinu, ab amplexu, ab caelestis doctrinae ubere fecundissimo discederemus.

Iam uero quantus sit in eadem amoris feruor atque uis uel illud aperte monstrat quod nullis umquam laborum fluctibus exstingui, nullis periculorum turbinibus conuelli queat. Itaque in ipsis laborum tempestatibus, quae in Iapone magnae sunt, opprimitur quidem saepe, sed non deprimitur: si quos uero illa noxa errorum satrix exitiabiliumque rerum conciliatrix turbines persecutionum excitat,

Oh benefício admirável! Oh piedade deveras própria de ti! E deste modo quiseste que nós primeiro renascêssemos através do sagrado baptismo, e, depois de renascidos, imediatamente nos entregaste para sermos alimentados e instruídos pela mais serviçal de todas as amas, ou seja, a nutridora Companhia de Jesus, e para isto chamaste-a frequentes vezes para a ilha do Japão, a mais afastada do mundo inteiro, a fim de que, da mesma maneira que os povos mais remotos mandavam vir amas espartanas porque se julgava que se avantajavam às restantes mulheres do mundo no método e rigor de educar os filhos, para desde o berço confiarem à disciplina delas a criação e formação dos seus filhos: exatamente assim tu nos ofereceste, chamando-a para nós como se fosse uma mui desvelada ama, esta venerável Companhia, que na educação das almas parece facilmente arrebatá-la a todas as restantes, fazendo-a vir de apartadíssimas regiões do mundo, através de imensas extensões de mares, para a afastadíssima ilha do Japão, ou, para falar com mais verdade, para um outro mundo.

Que direi eu aqui acerca do cuidado e zelo desta ama, com os quais, sob a tua humaníssima direção de pai, se aplicou tão ardentemente à educação dos Japoneses que já merece muito alegremente receber os alegres frutos dos seus trabalhos? [3 v.º] Mas todavia, embora a todos os que no Japão, após renunciarem ao falso culto dos deuses, se mudam em filhos da Igreja através de uma espécie de segunda geração, os receba no seu seio e, depois de recebidos, os acalente e muito benevolmente os aleite, a nós porém, ó meus excelentes companheiros, a nós tem-nos (e ter-nos-á enquanto vivermos) a si totalmente ligados por laços de amor muito estreitos: e para com eles mais fácil e abundantemente nos instilar nas almas o suavíssimo leite das melhores virtudes, acolheu-nos sempre nos colégios, quis ter-nos dentro das paredes domésticas, para que nem sequer por um instante estivéssemos afastados do seu próprio seio, do seu abraço e do abundantíssimo úbere da doutrina celestial.

Além disso, quão grande é nela o fervor e força do amor mostra-o com toda a evidência o facto de nunca os conseguirem extinguir nenhuma tempestade de trabalhos nem abalar nenhuns turbilhões de perigos. E, assim, nas próprias procelas de tribulações, que no Japão são violentas, sem dúvida que é amiúde reprimida, mas não abatida, e se aquela nociva semeadora dos erros e fatora das coisas funestas levanta alguns turbilhões de perseguições,

quo hanc optimam filiorum educationem inturbet, agitata quidem ingemiscit, sed non deficit.

Haec nos igitur suis laboribus ac uigiliis in ueritatis lucem editos nutrix educauit, quo factum est ut, breui tempore, in eam aetatem adoleuerimus quae et gentibus admirationi fuerit et Societati gloriae nullo umquam tempore periturae. Enimuero, non iam contenta [4] quod nos ad illam aetatem non sine periculis ac molestiis perduxit, rem est aggressa tuis auspiciis, Pater religiosissime, dignam, nostris quidem meritis longe imparem, sed ita tamen gloriosam ut illi pro dignitate numquam satis respondere posse uideamur. Nam, quemadmodum nutrices ceterae facere solent, quae, absoluto nutritionis tempore, alumnos, in sinu nitidos cum alacritate, ad ipsas parentes deferunt, ita demum Societas, postquam nos in Iapone caelesti doctrina nutrierat, sinu exceptos longe maiori iucunditate, per immensa maria Romam detulit ut Ecclesiae matri repraesentaret.

Postulabat hic locus, Pater reuerende, uim oratoris in dicendo maximam, ut, quae nobis in hac longissima peregrinatione memoratu digna contigerunt, uenuste eleganterque composita tuis auribus inculcarentur. Verum, cum hic ego non tam oratorem agam, quam tuorum erga nos beneficiorum gratum professorem, dabis mihi hanc ueniam si quae dixero (dicam uero paucissima) non tam uerborum prae se tulerint apparatus, quam nudam atque simplicem narrationem.

Multa quidem in hoc itinere uidimus, multa cognouimus, multa uel ipsis manibus contrectauimus, sed nihil nostros animos tam detinuit ac tam plene satiauit quam Ecclesiae parentis suprema maiestas, caritas diuina deuotioque angelica. Audiebamus quidem in Iapone multa de Ecclesia, de Summo Pontifice multa, sed cum illud a natura [4 v.º] comparatum sit ut quae auribus usurpamus, non tam moueant animos quam quae ipsismet oculis intuemur, eueniebat prorsus ut, quamuis de Ecclesiae dignitate magnifice loquentibus aliquo modo fidem haberemus, minus tamen ipsa rerum maximarum narratio animos excitaret. At postquam, relicta patria

para inquietar esta excelente educação dos seus filhos, ela geme decerto perturbada, mas não desfalece.

Por consequência, a nós que nascemos para a luz da verdade, com os seus trabalhos e desvelos esta ama educou-nos, com o que veio a suceder que, a breve trecho, alcançamos uma tal maturidade que foi motivo de admiração para os povos e de uma glória imorredoura para a Companhia. É que, não já satisfeita [4] porque nos conduziu até àquela maturidade não sem perigos e enfadamentos, empreendeu uma ação digna dos teus auspícios, ó religiosíssimo Padre, e decerto muito acima dos nossos merecimentos, mas, todavia, de tal maneira gloriosa que parece que nunca podemos corresponder-lhe de modo assaz proporcionado. De facto, da mesma maneira que costumam fazer as restantes amas, as quais, passado o tempo da aleitação, com alegria levam às próprias mães, nédios e gordos no seu colo, os petizes que alimentaram, de igual modo a Companhia, depois de nos ter nutrido no Japão com doutrina celestial, carregando-nos ao colo com alegria incomparavelmente maior, levou-nos a Roma através dos imensos mares a fim de nos mostrar à madre Igreja.

Reverendo Padre, esta ocasião pedia do orador a máxima capacidade de elocução, por forma a te dar a ouvir, formosa e elegantemente ordenado, o que nesta longuíssima jornada nos aconteceu digno de se lembrar. Mas, uma vez que eu aqui não desempenho tanto o papel de orador, mas antes o de quem confessa reconhecido os teus benefícios para connosco, perdoar-me-ás se o que eu disser (e direi pouquíssimo) mostrar não tanto o esmero das palavras, mas antes uma desataviada e singela narração.

Muitas, é certo, foram as coisas que vimos nesta viagem, muitas foram as que conhecemos, muitas as que palpámos com as próprias mãos, mas nada cativou tanto as nossas almas e tão plenamente as encheu como a suprema majestade, a caridade divina e a devoção angélica da madre Igreja. É verdade que no Japão ouvíamos muitas coisas acerca da Igreja, muitas coisas acerca do Sumo Pontífice, mas como a natureza [4 v.º] dispôs que aquilo de que temos conhecimento através dos ouvidos não nos impressiona tanto como aquilo que divisamos com os próprios olhos, acontecia, em suma, que, embora de alguma maneira déssimos crédito aos que falavam brilhantemente acerca da dignidade da Igreja, todavia a narração por si das coisas mais elevadas impressionava

superatoque Oceano, Europaeum orbem intrauimus atque adeo in aeternam illam Urbem, propugnaculum pietatis, aram omnium gentium, sedem Summi Pontificis, feliciter penetrauimus: pro superi immortales!, quanta iam animos peruasit admiratio, quantus prope dicam stupor, cum Gregorium illum Pontificem Maximum, alto sedentem solio, augusta canitie uenerandum, frequentissima purpuratorum patrum corona stipatum, supplices adorauimus!

Reginam¹³ Saba, quae longissimis itineribus in Iudaeam uenit ut Salomonis audiret ac sapientiam, postquam illum throno faberrime elaborato sedentem uidit, aulae apparatus, clientelam numerosam et conspicuam, supellectilem pretiosissimam contemplata est, prae stupore extremo fere spiritu laborasse Sacrae testantur Paginae. Admiratione digna esta haud multum sunt quae in aula Salomonis admirata est regina, si cum Romanae aulae magnificentia conferantur. Adiit illa quidem Salomonem ut aenigmatibus illis suis sapientiam eius exploraret, at nos Gregorium decimum tertium, Sixtum deinde Pontifices Maximos, Christi [5] vicarios in Terris, in fastigio rerum diuinarum atque humanarum constitutos, ut oboedientiam humilem ac deuotum obsequium ad pedes sacrosanctos aduoluti praestaremus. Illa regiae Salomonis mirabatur splendorem et cultum, nos duorum Pontificum aulas magnificentissimas, utpote in quibus omnium gentium opes enitescunt. Magnates illa Iudaeorum coram Salomone astantes uestibusque sericis atque aureis decoratos suspiciebat, nos illustrissimos cardinales circa Patrem Beatissimum sedentes purpureisque uestibus ad terram usque effusissime fluentibus longe lateque fulgentes, quorum grauitatem in uultibus admirabilem nobis contemplantibus, illud Cineae, Thessaliae hominis prudentissim,i dictum occurrit, qui, cum Romam legatus a Pyrrho mitteretur ut eius nomine de pace cum Romanis ageret, reuersusque ad regem ac ab illo interrogatus de statu Urbis et senatus, respondit senatum sibi maximorum regum consessum fuisse uisum. Et quidem (ut

¹³ *Regina* in editione principe.

menos o espírito. Depois, porém, que, deixando a pátria e cruzando o oceano, entrámos no mundo europeu e penetrámos felizmente naquela célebre Cidade Eterna, baluarte da piedade, altar de todos os povos e assento do Sumo Pontífice: oh santíssimo Deus!, quão grande foi a admiração que então se apoderou das nossas almas, quão grande – atrever-me-ia a dizer – o espanto, quando, em postura humilde, reverenciámos aquele Soberano Pontífice Gregório, assentado em alto sólio, venerável pelas augustas cãs e cingido pela numerosa coroa dos padres purpurados!

O Livro Sagrado conta que a rainha de Sabá, a qual, depois de longuíssimas viagens, veio à Judeia para escutar a sabedoria de Salomão, depois que o viu sentado naquele trono artisticamente trabalhado, contemplou o luxo da corte, o numeroso e brilhante séquito e a preciosíssima baixela, ficou assaz espantada como fora de si¹⁴. Tudo isto que a rainha olhou com espanto na corte de Salomão não é muito digno de admiração, se se compara com a sumptuosidade da corte romana. Ela certamente que visitou Salomão a fim de pôr à prova a sua sabedoria por meio de enigmas, ao passo que nós viemos a Roma a fim de, prostrados diante dos sacrossantos pés, prestarmos humilde obediência e dedicada submissão a Gregório XIII e depois a Sisto, Sumos Pontífices, vigários de Cristo [5] na Terra, postados na posição mais cimeira dos negócios divinos e humanos. Ela olhava com admiração o esplendor e luxo de Salomão, nós as cortes sumptuosíssimas de dois Pontífices, visto nelas luzirem as riquezas de todas as nações. Ela contemplava os grandes senhores judeus postados diante de Salomão e ataviados com roupas de seda e oiro, nós, os ilustríssimos cardeais assentados em roda do Santíssimo Padre e resplandecendo ao longe e ao largo com as suas vestes purpúreas que de modo profuso caíam até ao chão: a nós, que olhávamos para a admirável gravidade das suas posturas, acudiu-nos à lembrança o celebrado dito de Cíneas, discreto varão tessálio, o qual, tendo sido enviado por Pirro a Roma, a fim de em seu nome tratar da paz com os Romanos, uma vez regressado para junto do seu rei e por este interrogado acerca da situação da cidade e do senado, respondeu que o senado lhe parecera uma reunião dos maiores reis¹⁵. E, de facto (falando só por

¹⁴ 1 Rs 10. 1-13; 2 Cr 9. 1-12.

¹⁵ Cf. Plutarco, *Pirro*, 19.

de me tantum loquar) purpuratorum patrum conuentus ille augustissimus tantum mihi admirationis iniecit ut, non iam regum amplissimorum, sed diuorum praeclarum illum ac supra mortales constitutum chorum ante oculos mihi propositum esse statuerem.

Iam uero seruorum multitudo mirabilis reginae uidebatur: at nos quales et quot uidimus cum Romae tum in reliquis Europae partibus Summo Pontifici addictos [5 v.º] seruos! Omisso enim christiano populo, propemodum infinito, habet Summus Pontifex principes, reges, imperatores, dynastas in Europa multos ita sibi officiosissime seruiantes ut eius submissi uestigia ac pedes deosculari non modo non dedignentur, sed loco etiam praeclari muneris concupiscant. Quod, si reginam in patriam reuertentem, Salomon liberalitate sane regia donis amplissimis cumulauit, non fuit procul dubio Romanorum Pontificum in nobis ornandis aliqua ex parte inferior benignitas atque liberalitas: immo tanto sublimior ac praestantior quanto debent sacra profanis, diuina humanis¹⁶ praeponderari. Nam, exceptis his quae maioris ponderis sunt, tam Summorum Pontificum quam regis Philippi indefessa liberalitas, perennis instar fontis, omnium rerum nobis in Italia, in Hispania atque in longissima nauigatione copiam uberrimam suppeditauit.

Non nos fefellerunt, Pater integerrime, tuae pristinae de Europa narrationes, non ceterorum patrum quotidianus sermo. Vidimus sicut audiuius et quidem longe auditis maiora oculis conspeximus. Denique, ut cum regina Saba loquar: uerus est sermo quem audiuius in terra nostra; non credebamus narrantibus donec ipsi uenimus et oculis uidimus et probauimus quod media pars nobis nuntiata non fuerit; maiora sunt opera et immensitas rei quam rumor quem audiuius. Beati oculi qui tali uident et beati nos qui uidimus! Sed beatior [7] tu, Alexander, uirtutibus magne, qui praecipua in causa fuisti ut nos tanti boni participes essemus!

¹⁶ *humana diuinis* in editione principe.

mim), aquela augustíssima assembleia de padres purpurados suscitou-me tão grande admiração que pensava que tinha diante dos olhos, não já um ajuntamento dos reis mais poderosos, mas aquele nobilíssimo coro dos santos, colocado acima dos mortais.

Por outro lado, à rainha parecia-lhe espantoso o grande número de servidores: mas de que qualidade e em quão grande número eram os servidores que vimos às ordens do Sumo Pontífice, tanto em Roma como nas restantes regiões da Europa! [5 v.º] É que, deixando de parte o povo cristão, em número a bem dizer infinito, o Sumo Pontífice tem na Europa muitos príncipes, reis, imperadores e soberanos a tal ponto obedientes ao seu mando que não só não acham indigno das suas pessoas beijarem submissamente as suas pegadas e pés, mas também vivamente o desejam como uma grande mercê. Pelo que, se quando a rainha regressou ao seu país, Salomão, com liberalidade régia, a cumulou com consideráveis presentes, sem qualquer dúvida a benignidade e largueza dos Pontífices Romanos em prover-nos de forma alguma foi inferior: ou antes, foi tanto mais elevada e avantajada quanto as coisas profanas devem ser menos apreciadas que as sagradas e as humanas que as divinas. Com efeito, sem referir-me àquilo que mais importa, a liberalidade incansável, incessante como a de uma fonte, tanto dos Sumos Pontífices como do rei D. Filipe, proveu-nos com enorme abundância de todas as coisas na Itália, na Península Ibérica e na prolongada viagem por mar.

Virtuosíssimo Padre, nem as tuas anteriores narrativas acerca da Europa nem as conversações diárias dos restantes padres nos enganaram. Vimos o que ouvimos e, na verdade, o que divisámos com os olhos era bem maior do que o que ouvimos. E para acabar de falar com a rainha de Sabá: são verdadeiras as palavras que escutámos na nossa terra; não dávamos crédito a quem nos contava até que viemos pessoalmente e vimos com os olhos e comprovámos que não se nos narrou a metade; as obras e a imensidade da realidade são maiores do que as vozes que escutámos. Bem-aventurados olhos, que veem tais coisas, e bem-aventurados nós, que as vimos! Mas mais bem-aventurado [7] tu, Alexandre, magno em virtudes, que foste a causa principal para que parti-lhássemos de tão grande bem!

Nouam hic exigere orationem suo quasi iure uidebatur incredibilis illa regum ac principum maximorum beneuolentia, qua in nobis excipiendis et ornandis insigniter admodum decertare uisi sunt, sed, rerum magnitudine deterritus, sigillatim de omnibus dicere non audeo: hoc solum meminisse iuuerit – quod, quia pietatem religionemque concernit, praetermitti absque piaculo non posse uideo –, quo amore, qua beneuolentia ac pietate cunctis in locis nos prosecuti sunt et quibus, prae gaudio, effusis lacrimis nos amplexi sunt omnes cardinales, pontifices atque religiosi.

Non dicam quam fuerit praeclara Philippi regis, omnium quos Europa tenet potentissimi, benignitas, qua publice ac priuatim nos allocutus est, nullam praetermittens, non dicam regis, sed amici in nos officii significationem. Albertus uero, eius sorore nepos, omnium uirtutum laude praestantissimus princeps, qui Lusitaniae clauum moderatur, nulla se uinci a reliquis beneuolentiae aut pietatis specie passus est. Quid in medium adducam illustrissimos cardinales, Romanae Sedis ornamentum? Quid reuerendissimos antistites, omni sanctitate praeditos? Quid amplissimum Senatum Venetum ac Genuensem? Quid Italiae duces maximos atque potentissimos principes, dynastas, satrapas, qui omnes in honoribus nobis decernendis, [7 v.º] collatis quodammodo signis, dimicare uidebantur? Nam, de Brigantiae duce, unico Lusitaniae lumine, Theodosio eiusque patruo Theotonio, archiepiscopo Eborensi, nihil attinet in praesentia loqui, nec enim breuiter illa narrare decet quae nec longa quidem oratione satis possunt comprehendere. Quid demum singulorum in nobis excipiendis studi referam? Quid alacritatem et apparatus? Quid principum pompam illam, militum, equorum ac currum quibus obuiam nobis, effusis in agros populis, honorificentissime processerunt? Raptim ista et confuse commemoro prudens ac sciens, ne uidear honorum laudumque nostrarum impudens ostentator.

Venio nunc ad secundum illum nostrae peregrinationis fructum, nobis non minus iucundum et qui nostros animos ita exhilarauit ut cumulum ceteris rebus omnibus addidisse uideatur. Hunc autem percepimus ex Societatis, quam ueluti

Neste ponto, parecia quase por direito próprio exigir um novo discurso aquela extraordinária benevolência dos reis e dos principais Senhores, com que, no acolher-nos e honrar-nos, pareceram emular de modo assaz notável, mas, dissuadido pela grandeza das matérias, não me atrevo a falar de modo particularizado acerca de todos: tão-só me aprazeria lembrar – algo que, porque tange à piedade e à religiosidade, estou ciente que não pode ser passado em silêncio sem crime de impiedade – o amor, a benevolência e o carinho com que em todos os lugares nos acolheram, e as lágrimas, derramadas devido à alegria, com que nos abraçaram todos os cardeais, prelados e religiosos.

Não direi quão extraordinária foi a benignidade do rei D. Filipe, o mais poderoso de todos os que a Europa tem, benignidade com que nos falou tanto em público como em privado, não descurando, em relação a nós, nenhuma das demonstrações, não direi da obrigação do rei, mas do amigo. E D. Alberto, seu sobrinho por parte de sua irmã, príncipe que muito se avantajava pelo merecimento de todas as virtudes, que está à frente do governo de Portugal, não tolera que os demais o vençam em nenhuma espécie de benevolência ou afeto. Porque hei de trazer à colação os ilustríssimos cardeais, ornamento da Sé Romana? Ou os reverendíssimos bispos, providos de toda a santidade? Ou os ilustríssimos Senados veneziano e genovês? Porque hei de referir-me aos maiores e mais poderosos duques, soberanos e grão-senhores da Itália, que, em tributar-nos honrarias, todos pareciam [7 v.º] travar batalha pelejando entre si? Ora, sobre o duque de Bragança D. Teodósio, luzeiro singular de Portugal, e o seu tio D. Teotónio, arcebispo de Évora, não cumpre de momento dizer nada, pois não é justo narrar com brevidade aquilo que nem mesmo num longo discurso se pode abarcar de forma satisfatória. Porque hei de, em suma, referir os desvelos de cada um em receber-nos? O entusiasmo e aparato? Porque hei de descrever aquele cortejo dos grandes senhores, dos soldados, dos cavalos e coches, com que do modo mais honroso vieram ao nosso encontro, enquanto o povo se espalhava pelos campos? De caso pensado e sensatamente essas coisas relembro-as de passagem e desordenadamente, para que não pareça um impudente louvaminheiro das nossas honrarias e elogios.

Vou agora referir-me ao segundo fruto da nossa viagem, para nós não menos aprazível e que de tal forma alegrou as nossas almas que a todas as demais cousas parece ter trazido o coroamento. Ora, este recebemo-lo da gran-

matrem amplectimur, colimus, ueneramur, amplitudine existimationeque toto orbe celeberrima, quam ubique gentium, ut audiuimus, uidimus, probauimus, admirati sumus. Vidimus Romanam illam domum, quam uocant Professam, ubi primum Societas, tamquam arbor seminata, in tantam magnitudinem excreuit ut iam illam Nabuchodonosor arborem et uiriditate frondium, et pomorum suauitate ac brachiorum longitudine et robore longe uincat. Nam, si [8] mirabilis illa propterea uisa est Assyriorum regi quod et proceritate sua caelum et latitudine terminos uniuersae Terrae contingeret, ac propter foliorum pulchritudinem auiculae caelestes in ea festiuissime luderent, fructuum uero exuberantia pasceret omnes Terrae animantes: quis iam non uideat Societatis in his omnibus praestantiam et excellentiam? Quae, quantum diuini amoris ui ad caelum usque atque adeo ad ipsum Deum extollitur, tantum amore proximorum ad ipsos orbis Terrarum fines dilatatur. Virtutum uero folia tam gratam prae se ferunt ac tam uiridem pulchritudinem ut caelestes uolucres, id est, angeli, in eius ramis, non sine iucunditate, consideant, ut suauissimos cantus certatim emodulentur. Iam doctrinae fructus ita exundat ut et perditissimi homines, longa scelerum fame enecti, plenissime satientur, et ceteri, pietatis ac uirtutum amatores, ad eius exemplum tamquam ad umbram gratissimam reficiantur.

Vnde non iam mirum alicui uideri debet omnes Summos Pontifices, reges ceterosque uiros insignes tam sollicite ad eam ornandam amplificandamque incumbere. Illud uero nobis in ea ualde mirabile uisum est quod, non ea magnitudine contenta in quam excreuit, nouis quotidie incrementis propagata uigeat ac fructum longe maiorem in posterum polliceatur. Et quidem huiusce rei causam mihi rimanti ea potissima uisa est quod “aquam uiuam” ad pedem habet qua continenter [8 v.º] fouetur et irrigatur. Quid? Non Claudium Aquam Vivam Praepositum Generalem

deza e reputação, celeberrima no mundo inteiro, da Companhia, à qual como mãe abraçamos, respeitamos e veneramos, grandeza e reputação que por todas as partes vimos, experimentámos e admirámos. Vimos a célebre casa romana, a que chamam Professa, onde a Companhia, à semelhança de uma árvore semeada, cresceu até atingir tamanha grandeza que já de longe ultrapassa aquela conhecida árvore de Nabucodonosor, não só no viço da fronde, mas também na suavidade dos frutos e na extensão e rijeza dos ramos¹⁷. É que, se [8] aquela pareceu admirável ao rei dos Assírios porque a sua altura tocava o céu e com a sua largura os confins de toda a Terra, e por causa da formosura da folhagem nela mui alegremente folgavam as avezinhas celestes, enquanto a fartura dos seus frutos alimentava todos os animais da Terra: quem há agora que não veja a superioridade e excelência da Companhia em todos estes aspetos? A qual, na mesma medida em que pela força do amor divino se ergue para o céu até chegar ao mesmo Deus, assim, levada pelo amor dos próximos, dilata-se até aos mesmos limites da Terra. E as folhas das virtudes exibem uma tão aprazível e viçosa formosura que as aves celestiais, isto é, os anjos, poisam não sem alegria nos seus ramos para entoarem à compita suavíssimos cantos. O fruto da doutrina por tal guisa se difunde que não só os homens mais perversos, exauridos devido à sua insaciável fome de pecados, ficam totalmente satisfeitos, como igualmente os restantes, que amam a piedade e as virtudes, seguindo o exemplo dela, como que restauram forças sob uma sombra muitíssimo deleitável.

Por isso, já a ninguém deve parecer espantoso que todos os Sumos Pontífices, reis e demais varões insignes tão solícitamente se apliquem a distingui-la e acrescentá-la. Mas o que nela nos pareceu sobremaneira admirável foi o facto de que, não satisfeita com esta grandeza que alcançou, todos os dias prospera, dilatando-se com novos aumentos, e promete para o futuro frutos muito mais grados. E decerto que, ao esquadrinhar a principal causa disto, a mim me pareceu que residia no facto de ter ao pé dela *água viva*¹⁸, que incessantemente a [8 v.º] aviventa e rega. Pois quê? Não tem em Roma Cláudio Acquaviva como Prepósito Geral, com cujas abundantíssimas águas de

¹⁷ *Dn* 4.

¹⁸ Alusão ao sobrenome do então geral da Companhia de Jesus, o napolitano Cláudio Acquaviva (1543-1615), como aliás imediatamente a seguir o Autor esclarece.

Romae habet, cuius uirtutum ac sapientiae uberrimis aquis et noua frondium ac fructus ubertate pullulat? Itaque undique floret Societas sancta, undique tota lucida est et eximio diuini Solis, hoc est, Iesu Christi, a quo nomen accepit, splendore circum uestita, unde fit ut splendidior sit splendore huius Solis quem uidemus. Iste quidem quo latius effunditur, eo magis infringitur, at Societas quo longius propagatur, eo lucidior efficitur. Ille nobis et antipodis simul lucere non potest, haec ubique suos spargit radios ac nobis etiam, qui aduersam Europae uestigia urgemus, mirabilem splendorem elargitur: splendorem, inquam, clarissimorum patrum, quibus ornata fulget.

Pro Deus immortalis! Quam multos uidimus patres in Europa, egregiae sanctitatis, eximiae sapientiae, incomparabilis probitatis ornamentis mirabiliter decoratos! Plena sunt collegia amplissima et celeberrima, plenae domus professorum multae, et ipsa paupertate nobiles ac diuites, plena denique seminaria: quae omnia conspici ac lustrari possunt oculis, dici uero et excogitari pro dignitate non possunt.

Hic iam mihi, quoniam longius progredi dicendo non possum, exclamare ex intimis praecordiis liceat:

O Societas gloriosa! O nobile pietatis contubernium! O lucidum Ecclesiae iubar! O castrorum acies ordinatissima! Quam fidei desertores [9] impii uerentur, quam Styx horrenda extimescit, quam Tartarus ipse Furiarum omnium sedes taeterrima exhorrescit! Te Summus Pontifex in oculis gerit; principes sacri ac profani uenerantur; Ecclesia ut parens amat et fouet indulgentissime: nos tibi tantam gloriam, tam celebre nomen, tam claram apud omnes mortales auctoritate gratulamur, ut filii in quos nobilissimae parentis gloria et felicitas etiam redundat. Deum precamur, effectorem omnium rerum, ut haec omnia laudum ornamenta nouis in te semper incrementis augeat et te in dies celebriorem clarioremque efficiat, donec, caelesti coniuncta Societati, fastigium felicitati imponas nullo umquam aeuo periturum.

virtudes e sabedoria ela medra com nova fartura de fronde e de frutos? E, assim, a santa Companhia floresce por toda a parte, brilha a corpo inteiro e revestida pelo singular esplendor do divino Sol, isto é, Jesus Cristo, de quem recebeu o nome, donde resulta que é mais resplandecente que o resplendor deste Sol que vemos. É que este, quanto mais largamente se derrama, tanto mais se debilita, ao passo que a Companhia, quanto mais ao longe se propaga, tanto mais brilhante se torna. Aquele não pode luzir ao mesmo tempo para nós e para os antípodas, mas ela esparze por toda a parte os seus raios e oferece-nos, generosa, até a nós, que pomos os pés no chão oposto ao da Europa, o seu admirável esplendor: o esplendor, digo bem, dos ilustríssimos padres, ornamentada com os quais ela resplandece.

Oh Deus imortal! Que grande número de padres vimos na Europa, maravilhosamente ataviados com os ornamentos de singular santidade, extraordinária sabedoria e incomparável probidade! Estão cheios os vastíssimos e frequentadíssimos colégios, cheias as muitas, e nobres e ricas na sua mesma pobreza, casas de professos e, por derradeiro, cheios os seminários. Tudo isto pode ver-se e percorrer-se com os olhos, mas não pode dizer-se nem imaginar-se de modo proporcionado à sua grandeza.

Que agora aqui me seja permitido bradar do mais íntimo do peito, já que com o discurso não consigo ir mais avante:

Oh gloriosa Companhia! Oh nobre camaradagem da piedade! Oh luzente luminar da Igreja! Oh disciplinadíssimo esquadrão do arraial, do qual se arreceiam os ímpios desertores da fé, [9] do qual sente medo a horrenda Estige, perante o qual se apavora o próprio Tártaro, morada terrível de todas as Fúrias! O Sumo Pontífice estima-te deveras; os príncipes da Igreja e do século veneram-te; a Igreja, como uma mãe, ama-te e mima-te com a máxima indulgência: nós damos-te graças por tão grande glória, por tão grande nomeada, por tão brilhante autoridade junto de todos os mortais, como filhos sobre os quais também recai a glória e a felicidade da nobilíssima progenitora. Rogamos a Deus, autor de todas as coisas, que sempre, com novos acréscimos, te aumente estes ornamentos de merecimentos e de dia para dia te torne mais célebre e mais ilustre, até que, unida à Companhia celestial, alcances o cume da bem-aventurança que jamais há de acabar.

Nunc ad te redeo, Pater reuerendissime, a te enim principium sumpsit, ac in te desinet haec mea oratiuncula.

Ecce tibi praesentes adsumus, quattuor filii quos in Europam miseris ut sacrosanctos Summi Pontificis pedesdeoscularemur. Imperata fecimus animis, ut par erat, libentissimis. Nunc, legatione obita, reuertimur ac tuo, quod ardentissime desiderabamus, aspectu perfruimur.

Illud ego postremo a te, Pater admodum colende, non sociorum modo, sed omnium Iaponiorum nomine peto suuplex et obtestor. Quid uero peto? Quid obtestor? Magnam rem quidem certe, sed amore dignam nostro: da te nobis, quando cetera dedisti. Sic tu beneficiis in nos collatis [9 v.º] cumulum addes, Iaponia quidem uniuerso utilissimum, tibi non modo apud mortales, sed (quod caput est) apud Superos ipsos maxime gloriosum.

Alexander ille, cui cognomen ex potentia Magnus fuit, posteaquam partem aliquam Indiae subegit, cum cetera suis armis pacata circumspiceret, asserente Anaxagora mundum esse alium, ad quem penetrare armatus nequaquam posset, illacrimasse dicitur, generosae mentis imperator, quod imparem se illo mundo oppugnando sentiret. Indiam tu quidem fere totam, o Alexander, non iam "magne", sed illo Magno longe maior, Christi armis uictam et pacatam habes. Nunc orbis ille Iaponius tibi restat: non facile expugnabitur, nisi ab uno Alexandro. Transiens ergo in Iaponem magno cum exercitu tantorum ac pene celestium militum, quibus

Agora regresso a ti, reverendíssimo Padre, pois foi em ti que começou, e em ti concluirá, este meu pequeno discurso.

Eis-nos presentes diante de ti, quatro filhos que enviares à Europa para beijarmos os sacrossantos pés do Sumo Pontífice. De muito boa vontade, como era de justiça, cumprimos o que se nos ordenou. Agora, cumprida a embaixada, regressamos e gozamos da tua presença, algo que ardentissimamente desejávamos.

Venerando Padre, suplicante te faço e dirijo um derradeiro pedido, não apenas em nome dos meus companheiros, mas de todos os Japoneses. Ora, que peço eu? Que rogo? Decerto um grande favor, mas digno do nosso amor: pedimos-te a ti mesmo, Padre, dá-te a nós, visto que deste as demais coisas. Assim, aos benefícios que nos ofereceste [9 v.^o] ajuntarás uma derradeira mercê, indubitavelmente muitíssimo útil para todo o Japão, que há de redundar em máxima glória tua, não só diante dos mortais, mas (que é o que importa) diante da Corte celestial.

Aquele célebre Alexandre, a quem, devido ao seu poder, se atribui o cognome de Magno, depois que subjugou alguma parte da Índia, ao considerar o restante que submetera com as suas armas, porque Anaxágoras afirmava que existia outro mundo no qual de modo algum poderia entrar armado, diz-se que chorou, ele, general de briosos espíritos, por saber-se incapaz de acometer contra aquele mundo¹⁹. Tu, ó Alexandre, não já *magno*, mas muitíssimo maior que aquele Magno, tens vencida e submetida com as armas de Cristo quase a Índia inteira. Resta-te agora aquele orbe japonês: não será facilmente subjugado senão por um Alexandre. Portanto, passando ao Japão com um exército de tão poderosos e quase celestiais soldados, dos quais estás à testa por determinação

¹⁹ Cf. Plutarco, *Sobre a tranquilidade de ânimo*, 4: “Alexandre chorou quando escutou de Anaxarco que existiam infinitos mundos, e, ao perguntarem-lhe os amigos o que acontecera, respondeu: *Não vos parece digno de pranto que, sendo infinito o número dos mundos, nós ainda nem sequer nos senhoreámos de um único?*” – Curiosamente, o erudito e poeta seiscentista português João Franco Barreto, fazendo uma tradução sumária deste mesmo passo, parece ter presente um texto plutarquiano diferente do que seguimos e mais acorde com a versão do latinista nipónico: “Diz Plutarco em o livro *Da tranquilidade do ânimo* que, quando ouvia que Anaxágoras dizia que havia mundos infinitos, chorava muito porque nem de um só (dizia ele) era senhor.” João Franco Barreto, *Micrologia Camoniana*. INCM, Lisboa, 1982, 58.

diuinitus praees, expugna prouinciam diuinis armis, uince beneficiis, assere ex atrocissimi inimici manibus in ueram libertatem oppressam patriam nostram. Iaponii te uocant ac desiderant, arrident uenti, maria tranquilla sunt, patent portus: eia, Pater amantissime, rumpe moras omnes, proficiscamur! Sic enim fiet ut, si tecum in Iaponem intrauerimus, multo maiorem simus aduentu nostro laetitiam regibus illis tibi multas ob causas addictissimis ac ceteris nostrae gentis hominibus allaturi.

de Deus, acomete aquele país com as divinas armas, vence-o com benefícios, dá a verdadeira liberdade à nossa oprimida pátria e arranca-a das mãos do crudelíssimo inimigo. Os Japoneses chamam-te e desejam-te, os ventos sopram de feição, os mares mostram-se bonancosos, os portos estão abertos: sus, amantíssimo Padre, deixa toda a tardança, partamos! É que assim sucederá que, se entrarmos contigo no Japão, ocasionaremos com a nossa chegada muito maior alegria não só àqueles reis a ti estreitissimamente unidos por inúmeros motivos, mas também aos restantes homens da nossa raça.

5.

Brevis et compendiosa narratio missionum quarundam Orientis et Occidentis. Excerpta ex quibusdam litteris a PP. Petro Martinez, Prouinciali Indiae Orientalis, P. Ioanne de Atienza, Prouinciali Peruanae, et P. Petro Diaz, Prouinciali Mexicanae Prouinciarum, datis anno 1590 et 1591, ad Reueren. P. Generalem Societatis IESV, et collecta per P. Gasparum Spitilli eiusdem Societatis. Antuerpiae, Excudebat Martinus Nutius ad insigne duarum cyconiarum, Anno 1593.

[12]

Exemplar epistolae Don Michaelis oratoris Don Protasii, regis Arimae, et Don Bartholomaei, principis Omurae, ad felicis memoriae Gregorium XIII D. Theotonio, archiepiscopo Eborensi inscriptam

Illustrissime et Reuerendissime Domine:

Perduxit nos Deus Dominus noster saluos et incolumes in Iaponii regna, optatum peregrinationis susceptae finem, in portumque Nangasachi 21 Iulii anno 1590 cum Patre Visitatore Societatis et sedecim tam patribus quam [13] fratribus eiusdem Societatis delati sumus, omnesque ab uniuersa christianitate, maxime uero ab matribus nostris et amicis, ea exsultatione et applausu excepti quem litteris non explicem, ita ut et ipsi ethnici gratulabundi nos complecterentur, stupescens et attonitis hoc nostro felici appulsu paene omnibus.

5.

Breve e resumida relação de certas missões orientais e ocidentais. Extratada de algumas cartas dos Padres Pedro Martins, provincial da Província da Índia Oriental, João de Atienza, provincial da Província do Peru, e Pedro Díaz, provincial da Província do México, escritas nos anos 1590 e 1591 ao reverendíssimo Padre Geral da Companhia de Jesus e coligida pelo Padre Gaspar Spitilli da mesma Companhia. Antuérpia, Martinus Nutius, junto da insígnia das duas cegonhas, 1593.

[12]

Cópia da carta de D. Miguel, embaixador de D. Protásio, rei de Arima, e de D. Bartolomeu, príncipe de Omura, ao papa Gregório XIII, de feliz memória, escrita ao Senhor D. Teotónio²⁰, arcebispo de Évora

Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor:

Deus nosso Senhor conduziu-nos sãos e salvos até aos reinos do Japão, termo desejado da viagem que empreendemos, e desembarcámos no porto de Nagasaki a 21 de julho do ano de 1590 juntamente com o Padre Visitador da Companhia e dezasseis padres e [13] irmãos da mesma Companhia²¹, e todos fomos acolhidos por todos os cristãos, mas sobretudo pelas nossas mães e amigos, com aquele contentamento e aplauso que me é impossível expor por carta, de tal sorte que até os próprios pagãos nos abraçaram felicitando-nos, quase toda a gente se mostrando pasmada e atónita com esta nossa feliz chegada.

²⁰ D. Teotónio de Bragança (1530-1602), filho do duque de Bragança D. Jaime, esteve à frente da arquidiocese de Évora desde 1578 até à sua morte. Foi grande protetor das missões jesuíticas no Japão e recebeu principescamente os quatro jovens fidalgos quando passaram pela capital alentejana. Veja-se *De Missione*, edição citada, 358-360 e 650-652. À munificência deste prelado se deve a monumental edição das *Cartas de Japão*, já aqui citadas, e publicadas por Manuel de Lira, em duas partes, em Évora, no ano de 1598.

²¹ Fróis, *Historia de Japam*, o. c., V, 186, apresenta uma data diferente para a chegada: “Neste ano de 1590 chegou a nau de Henrique da Costa a Nangazaqui aos 18 de Julho, e nela vinha o Padre Visitador com os quatro fidalgos que foram a Roma, japões.” Pela sua parte, Diego Yuuki, o. c., 9, sem indicar a fonte, aponta a data “28 de Julho”.

Quod ad christianarum rerum statum spectat, quoniam eum Illustrissima Dominatio Vestra ex litteris reuerendi Patris Visitatoris singillatim intelliget, hoc solum dicam, uideri iam deferbuisse fidei oppugnationem atque ita composita haec regna ut uniuersa facile ad christianam fidem transeant, cum Quabacondono totam Iaponiam occuparit, reportata de octo regnis, quae supererant et ei parere recusabant, uictoria: quem, si Deus ad complectendam fidem aut saltem ad christianis fauendum permoueat, merito sperare possumus maximam in gentilium animis mutationem et ad christianam religionem accessum.

Comitamur Patrem Visitatorem, a Quabacondono uocati, confidimusque, oblata commoda occasione admirabiles et maximas Europae res, quas oculis nostris conspeximus et quibus pleni sumus, narrandi, eas autem maxime quae ad diuinum cultum pertinent, dataque nobis audientia, facile, Deo auxiliante, nos effecturos ut ab infidelitate ad fidem conuertatur, praesertim uero si beneuolentiam et fauorem, quo in nos usa est Illustrissima Dominatio Vestra, recenseamus, ob quae perpetua quadam cum obligatione, tam nostro [14] quam matrum, amicorum totiusque christianitatis, quae hic est, nomine infinitas gratias ago.

Quam mire recrearunt ab Illustrissima Dominatione Vestra, praeter cetera munera, datae binae imagines pictae excellenter ac magnifice et opulenter exornatae, quibus similes Iaponia hactenus non uidit.

Don Protasius Arimandono et Don Mancius Omurandono, cognatus meus, condicione, Deo laus, sunt prosperrima, floretque in eorum regno et prouincia christiana religio; nec explicari potest quantum recreati sint nostro in Iaponiam reditu. Parentes Don Mancii cum matre, consobrino et patruo in Fiungano eorum regno propagationem sanctae fidei uehementer optant. Eodem sunt desiderio patres et matres Don Martini et Don Iuliani in hoc Figensi regno.

Aliud praeterea non occurrit. Quod, ut superius dixi, ad Patris Visitatoris litteras nos referamus, parumque decens uideatur ut gloriam nostram et fructum, qui ex reuersione nostra colligitur, ipsimet referamus.

No que toca à situação da cristandade, visto que Vossa Excelência Reverendíssima dela se inteirará pormenorizadamente através da carta do reverendo Padre Visitador, limitar-me-ei a dizer que parece que já se acalmou o ataque à fé cristã e estes reinos de tal modo se pacificaram que todos facilmente se podem converter à fé cristã, uma vez que Quambacudono se senhoreou de todo o Japão, depois de ter vencido oito reinos que restavam e se recusavam a acatar a sua soberania: se Deus o inspirar a converter-se ou, pelo menos, a favorecer os cristãos, podemos esperar com razão uma radical mudança na disposição de ânimo dos gentios e uma adesão à religião cristã.

Acompanhamos o Padre Visitador, chamados pelo Quambacudono, e estamos confiantes em que, oferecendo-se ensejo favorável de contar as admiráveis e extraordinárias coisas da Europa, que vimos com os nossos olhos e de que estamos cheios, mas sobretudo aquelas que dizem respeito ao culto divino, e prestando-se-nos atenção, facilmente, com a ajuda de Deus, haveremos de conseguir que ele deixe a infidelidade e se converta à fé, mas acima de tudo se relatarmos a benevolência e favor com que Vossa Excelência Reverendíssima nos tratou, pelos quais vos agradeço infinitamente, como que penhorado para sempre, tanto em nosso nome [14] como das mães, amigos e todos os cristãos que há aqui.

Deleitaram de modo extraordinário as duas imagens admiravelmente pintadas e rica e opulentamente adornadas que, além dos restantes presentes, Vossa Excelência Reverendíssima ofereceu: o Japão até hoje não viu nada de igual.

D. Protásio Arimandono e D. Mâncio Omurandono, meu parente, estão de excelente saúde, graças a Deus, e a religião cristã prospera no reino e província de um e de outro, sendo impossível dizer-se o quanto se alegraram com o nosso regresso ao Japão. Os familiares de D. Mâncio, juntamente com a mãe, o primo materno e o tio paterno, vivamente desejam a propagação da santa fé no seu reino de Fiunga. Comungam do mesmo desejo os pais e mães de D. Martinho e de D. Julião neste reino de Figo.

Nada mais me ocorre dizer-vos. Pelo que, consoante escrevi mais acima, nos remetemos à carta do Padre Visitador, e pareceria pouco apropriado que nós mesmos nos referíssemos à nossa glória e ao fruto que se colhe com o nosso regresso.

Dominus Illustrissimae Dominationus Vestrae statum et condicionem promoueat et in multos annos augeat. Cum uero omnes eodem simus in illam animo et affectu, diuersum nihil est quod [discedant] Don Mancius, Don Martinus et Don Iulianus, qui rogant Illustr. D. V. has ut meas eorum nomine suscipere dignetur.

Ex portu Naogasachi 4 Octobribus anno 1590.

Illustrissimae D. V. filius et seruus

Don Michael



Que Deus prospere o estado e saúde de Vossa Excelência Reverendíssima e por muitos anos os acrescente. E como em relação a Vós todos nós partilhamos da mesma disposição de ânimo e afeto, não há motivo para que sintam diferentemente D. Mâncio, D. Martinho e D. Julião, os quais rogam a Vossa Excelência Reverendíssima que se digne receber esta carta tanto em meu nome como no deles.

Do porto de Nagasaki, a 4 de outubro do ano de 1590.

Filho e servidor de Vossa Excelência Reverendíssima

Dom Miguel

[15]

Exemplar alterius epistolae Iaponicae etiam scriptae et in Lusitanicam linguam uersae Don Sancii, Domini de Omura, ad P. M. Sixtum V, cuius erat inscriptio

Epistola Don Sancii, Domini de Omura, ad sanctitatem Sixti V

Interior uero titulus cum adiunctis litteris, sequens:

Offero praesentes magno et sanctissimo papae Sixto V, quem humillime ut Dei vicarium ueneror

Sanctissime Pater

Hoc anno 1590 ad nos rediit cum sociis Cingiuu Don Michael, regi Don Protasio et mihi cognatus, qui eiusdem regis de Arima et patris mei Don Bartholomaei nomine annis praeteritis, cum patre visitatore Societatis Iesu, hinc abierat praestititurus oboedientiam Sanctitati Vestrae, cuius regressu extrema consolatione affecti sumus, auditis fauore et honoribus, quibus et ipse eum prosecuta est et eius consilio et uoluntate reges ceteri et christiani principes: intellecta etiam cura paterna, qua B. V., [16] ueluti Iesu Christi Domini nostri in Terra uicarius et omnium ecclesiarum caput, christianos Iaponiae tuetur et protegit: perspecto praeterea auri subsidio, quod patribus Societatis contribuit, ut se et seminaria alant multosque alios sumptus, quos in Iapone faciunt releuent. Quibus ex rebus sic omnes exhilarati sumus ut par huic non uideatur esse posse exsultatio: simulque noua quadam luce perfusi sumus et ueritatis ac caritatis christianae notitia.

[15]

Cópia de outra carta também escrita em japonês, traduzida para a língua portuguesa, de D. Sancho, Senhor de Omura, dirigida ao Santo Padre Sisto V, cujo endereço dizia o seguinte:

Carta de D. Sancho, Senhor de Omura, a Sua Santidade Sisto V

Dentro, o encabeçamento, juntamente com a carta, rezavam como se segue:

Apresento esta carta ao grande e santíssimo papa Sisto V, a quem humildemente venero como Vigário de Deus

Santíssimo Padre:

Neste ano de 1590, regressou, juntamente com os seus companheiros, D. Miguel Cinjua, meu parente e do rei D. Protásio, o qual em nome deste mesmo rei de Arima e do meu pai D. Bartolomeu, há anos atrás daqui partira em companhia do Padre Visitador da Companhia de Jesus a fim de prestar obediência a Vossa Santidade.

Com o seu regresso sentimos uma enorme satisfação²², depois de ouvirmos o favor e honras com que não só V. S. os acolheu, mas também, por Vosso conselho e vontade, os demais reis e príncipes cristãos; e também depois de sermos inteirados da paternal solicitude com a qual V. S., [16] como Vigário de Jesus Cristo nosso Senhor na Terra e cabeça de todas as igrejas, vela e protege os cristãos do Japão; e, finalmente, uma vez cientes do subsídio monetário que forneceu aos Padres da Companhia, destinado a sustentarem-se a si mesmos e aos seminários e a permitir-lhes acudir a muitos outros gastos que fazem no Japão. Com estas novas de tal maneira nos regozijámos que parece não haver alegria comparável a esta, e ao mesmo tempo fomos inundados por uma espécie de nova luz e pela certificação da verdade e caridade cristãs.

²² “Ao segundo dia depois da chegada da nau ao porto de Nangazaqui veio de Vomura D. Sancho, filho de D. D. Bartolomeu, com seus irmãos e a maior parte de seus parentes e fidalgos, visitar a D. Miguel seu primo com os mais companheiros.” Luís Fróis, *História de Japam*, o. c., V, 187.

Quas ob causas, quod ad me attinet, infinitas gratias Sanctitati Vestrae habeo, et quas habere uellem maiores, nec charta nec penna comprehendam. Ac cum Don Bartholomaeus, pater meus, uita functus sit, illi successi, S. V. deuinctus et obstrictus perpetuo ob sanctae crucis lignum et gladium quae per Don Michaelem ad patrem destinauerat, quae munera maioris facio thesauro maximo, quem uel ipse uel posteri mei acquirant, asseruabimusque instar profundi pelagi et magni cumuli beneficiorum, a sanctissima uestra manu eiusque opera a Caelo ipso acceptorum. Verum mota a Quabacondono uniuersae Iaponiae domino persecutio, qua patres et harum partium christianos afflixit, oportunitatem hactenus omnem ademit ea celebritate et festo, quibus par erat, praedicta munera suscipiendi: uisumque Patri Visitatori et mihi tantisper differre dum dictus pater redeat, qui iam in iter se dedit uisitaturus, Proregis nomine cum legatione et muneribus, Quabacondono, cuius [17] profectione speramus christianis pacem restituendam, cum hac legatione nonnihil sedatus uideatur.

Sed cum ea quae in Domini nostri obsequium et patrum bonum (quorum partem magnam in meas recepi, me meaque omnia periculo exponens) et cetera quae persecutionis tempore acciderunt, V. S. ex patrum litteris intellectura sit, finem faciam, quam humillime pedes Sanctitatis Vestrae capiti meo iniiciens et sanctissimam benedictionem uestram postulans. Scribo praesentes magna cum reuerentia et humilitate B. V. debitis.

Por estes motivos, no que a mim diz respeito, dou infinitos agradecimentos a Vossa Santidade, e desejaria agradecer-lhe muito mais, de um modo que nem com a pena nem com o papel o poderei declarar.

E uma vez que, tendo morrido D. Bartolomeu, meu pai, eu lhe sucedi, fico perpetuamente ligado e obrigado a V. S. pelo santo lenho da santa cruz e pelo estoque que, por mediação de D. Miguel, V. S. oferecera ao meu pai: presentes estes a que dou mais valor do que ao maior dos tesouros que, quer eu, quer os meus descendentes, pudéssemos conquistar, e conservá-los-emos como oferendas do mar profundo e de grande monta, recebidos da Vossa santíssima mão e, por mediação sua, do próprio Céu. Mas a perseguição movida por Quambacudono, Senhor de todo o Japão, com a qual atormentou os Padres e os cristãos destas regiões, tirou-nos até hoje todo o ensejo de receber os referidos presentes com aquelas mostras de regozijo e alegria a que tinham jus, e o Padre Visitador e eu achámos por bem adiá-las até ao regresso deste Padre, o qual já se pôs a caminho a fim de, em nome do vice-rei, com uma embaixada e presentes, visitar Quambacondono. Temos esperança de que, com a sua [17] ida, se devolva a paz aos cristãos, pois parece que ele acalmou um pouco com a embaixada.

Mas uma vez que destas contrariedades que, em obséquio de Nosso Senhor e bem dos Padres (grande parte dos quais acolhi nas minhas terras, expondo ao perigo, tanto a minha pessoa como todos os meus interesses temporais), e de tudo o mais que sucedeu no tempo da perseguição, Vossa Santidade há de ter conhecimento pelas cartas dos Padres, vou concluir, colocando com a máxima humildade sobre a minha cabeça os pés de Vossa Santidade e rogando a Vossa santíssima bênção. Esta carta escrevo com a grande reverência e humildade devidas a Vossa Santidade.

*IX anno aera²³ dicta Tenscio, decimo octauae Lunae, qui est 22 Septembris
1590.*

Eleuatis manibus et summa cum reuerentia has litteras pedibus S. V. offero

Omura Scim Paciro Nobu

Ache Don Sancio

²³ *del Era* in editione Antuerpiensi.

Aos *nove* anos da era chamada Tensho,²⁴ aos dez da oitava Lua, que são aos 22 de setembro de 1590.

Com as mãos erguidas e com a máxima reverência, coloco esta carta aos pés de Vossa Santidade

Omura Scim Paciro Nobu

Ache D. Sancho

²⁴ Conforme amavelmente nos esclareceu o Dr. José Miguel Pinto dos Santos, a datação nipónica aqui apresentada, em parte por gralha do impressor e em parte, talvez, por inépcia do tradutor do original japonês para português (versão esta que esteve na base do traslado latino que aqui seguimos), falha duplamente: no ano da era Tenscho e no dia do mês. De facto, o ano 9.º da era Tenscho corresponde ao ano 1581 da era cristã, correspondendo ao mês de setembro do ano de 1590, em que a carta indubitavelmente foi escrita, o ano 18 da era Tenscho. Parece, pois, que a uma confusão inicial do tradutor português, que confundiu a era 18 com a 19, se seguiu o deslize tipográfico corrente que consistiu em elidir o primeiro algarismo romano (*I*) na representação do pretendido *XIX*. O erro na apresentação do dia correspondente ao mês lunar japonês resulta, por seu lado, de apresentar “dez da oitava Lua” como correspondendo aos 22 de setembro do recém-aprovado calendário gregoriano, quando de facto aquela datação lunar nipónica correspondeu naquele ano ao dia 8 de setembro. Consulte-se o seguinte esclarecedor ensaio do ilustre japonólogo acima citado: “Ieyasu (1542-1612) versus Ieyasu (1543-1616): Calendrical conversion tables for the 16th and 17th centuries”, *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies* 5 (2003) 9-26. A tábua de conversão que interessa ao nosso caso pode ver-se nas pp. 18-19.

[18]

Exemplar epistolae Don Protasii regis Arimae Iaponicae scriptae cum Lusitanica interpretatione, ad B. M. Sixtum V, cuius superscriptio huiusmodi erat:

**Litterae Don Protasii regis Arimae ad sanctissimum
Sixtum V**

Interior uero titulus

**Magno et sanctissimo Papae Sixto V, qui in terra Regis Caeli
locum tenet, Don Protasius, rex Arimae, magna cum reuerentia
has offert.**

Sanctissime Pater et inter omnes christianos supreme:

Decima sexta Lunae sextae (quae fuit 21 Iulii anni praesentis 90) huc appulit P. Visitator Societatis Iesu cum Cingiua Don Michael, cognato meo, Don Mancio et ceteris sociis, qui a me Romam fuerant missi ut pedibus Sanctitatis Vestrae capita sua submitterent. Quorum aduentu ita exhilaratus sum ac si mihi mille Autumni aduenissent et decem annorum milia uitae [19] meae accessissent.

Narravit Don Michael quo honore et fauore a V. S., rege Philippo et aliis principibus christianis exceptus fuerit, cuius ergo eas gratias ago quas nec penna nec charta explicem.

Reddidit etiam litteras quibus B. V. me dignata est eoque fauore prosecuta ceteris ut regibus christianis annumeraret. Detulit praeterea sacri ligni uerae crucis partem, gladium et galerum, quae V. Sanctitas solita est ad reges et principes

[18]

*Carta de D. Protásio, rei de Arima, no Japão, para o Santo Padre Xisto V, trasladada em língua portuguesa*²⁵

Ao grande e santíssimo Papa Xisto V, que na Terra tem o lugar do Rei do Céu, D. Protásio, rei de Arima, com grande reverência oferece esta carta

Santíssimo Padre e entre todos os cristãos mais alto:

Aos 16 da sexta Lua (que foi a 21 de Julho²⁶ do presente ano de 90) chegou o Padre Visitador da Companhia de IESV com D. Miguel, meu primo, D. Mâncio e outros companheiros, os quais de nossa parte foram a Roma pôr aos pés de Vossa Santidade suas cabeças, com a chegada dos quais recebi tanta alegria quanta não terei ainda que [19] alcançasse mil Autumnos e mais dez mil anos de vida.

O dito D. Miguel me deu larga conta²⁷ das honras e favores / que Vossa Santidade e a Católica Majestade del-rei D. Felipe e outros príncipes cristãos de Europa lhe fizeram, com o qual me sinto tão obrigado e agardecido que nem com pena nem com carta jamais o poderei declarar.

Recebi também a carta que Vossa Santidade houve por bem escrever-me, na qual me fez graça de me contar com honra entre os outros reis da cristandade. Além disto, me trouxe D. Miguel o santo lenho da vera cruz, o estoque e sombreiro que Vossa Santidade costuma mandar aos reis e príncipes

²⁵ O texto português desta carta é, das versões para português que aqui se oferecem, o único cuja autoria não nos pertence, encontrando-se, sem nome de autor, entre as pp. 56 v.º e 58 das *Cartas do Japão*, Lisboa, 1593, já citadas na Introdução. Com o sinal / pretendemos significar a mudança de página correspondente a esta edição.

²⁶ Conforme à tabela a que nos referimos na antepenúltima nota, cinco aqui de novo o responsável pela tradução do original japonês para português, porquanto o dia 16 da sexta Lua correspondeu naquele ano ao dia 18 de julho do nosso calendário.

²⁷ O P. Fróis informa-nos que D. Protásio de Arima entrara em Nagasaki três dias após o desembarque dos jovens fidalgos, acompanhado de seu irmão D. Leão e de grande número de fidalgos, movido pelo exclusivo propósito de saudar os recém-chegados. Vd. *Historia de Japam*, o. c., V, 187.

christianos destinare, qui fauor et studia sunt tantique a me aestimantur ut statuerim aeternae memoriae consecrare et inter praecipuos thesauros ornamentaque et monumenta posterorum meorum referre, estque hic in me collatus honor eiusmodi ut maior esse non possit in hac uita et in bonam uitam futuram redundet. Constitueram, iuxta praescriptum a S. V. in suis ordinem, utque fauor et beneficia tam magna mihi delata merebantur, apparatu et celebritate qua potest omni in regno meo maxima praedicta munera excipere. Sed habendam esse rationem tyrannidis et summi odii quo Quabacondono, Iaponiae uniuersae dominus, tres totos annos patres et christianos persecuitur, indicauit P. Visitor tamdiuque hoc festum differendum dum Meaco reuertatur, quo, Proregis Indiae nomine, cum legatione uisitaturus Quabacondono profectus est, ne, si praeuenirem hoc meo in regno sollemne, nouae alicuius commotionis et indignationis, Quabacondono materiam daret. Quare hucusque non potui ardens meum [20] desiderium exsequi ut praecipuo cum honore donata reciperem, uerum, ubi redierit P. Visitor, quam humillime excipiam et incredibili cum uoluptate, pia onera uertici iniiciam.

Intellexi denique magna illa adiumenta, quae Sanctitas Vestra liberaliter in patrum, seminariorum, ecclesiarum subsidium contulit, quae nos adeo recrearunt et refecerunt ut prae gaudio corda nostra saliant, nec enim ignari sumus augenda plurimum haec noua christianismi in Iapone germina, quae tam fidelibus oculis Sanctitas Vestra intuetur et fouet: unde infinitas gratias ago S. V., confidens futurum hinc ut in Iaponiae regnis latissime sancta lex nostra excrescat.

cristãos, os quais favores são tão grandes e de tanta estima pera mim que tenho determinado de conservar as ditas cousas em perpétua memória e principal tesouro e ornamento de meus socessores, e é tal esta honra que, além de ser a maior que eu posso neste mundo receber, resulta juntamente em bem pera a outra vida, e, conforme ao que Vossa Santidade na sua ordena e segundo merecem benefícios e favores tão sinalados, tenho assentado receber estes dões com a maior festa e solenidade que nestes meus estados se possa fazer. Mas, por causa da grande perseguição que Quambacudono, Senhor universal de Japão, de três anos a esta parte alevantou contra os Padres e cristãos, pareceu ao Padre Visitador que isto se difirisse até a sua tornada do Miaco, onde ia visitar Quambacudono com ãa embaixada da parte do viso-rei da Índia, parecendo-lhe que, fazendo-se / primeiro estas festas no meu estado, podia ser ocasião a Quambacudono de grande desgosto e indignação. Por esta causa não pude por agora cumprir os acesos [20] desejos que tinha de receber e festejar os tais dões com toda a honra possível, mas, tornando embora o Padre Visitador, os receberei humildemente e porei sobre a cabeça com grandíssima alegria²⁸.

Também entendi a grande ajuda que Vossa Santidade deu pera a sustentação dos Padres, seminários e igrejas desta cristandade, do qual ficámos todos tão alegres e consolados que nossos corações jubilam de alegria, entendendo que, pois Vossa Santidade quis pôr os olhos sobre esta nova cristandade de Japão, não poderá deixar de ir muito adiante: e eu por esta mercê que lhe fez dou infinitas graças a Vossa Santidade, confiando será ocasião de grandemente se aumentar a nossa santa lei nestes reinos do Japão.

²⁸ “Despedindo-se Arimadono [=D. Protásio] do Padre Visitador e dos mais fez grande instância que a primeira saída do Padre Visitador e dos quatro fidalgos fosse a Arima, porque queria receber com grande aparato e festa o santo lenho da cruz, com o estoque e chapéu que Sua Santidade lhe mandava. Posto que o Padre lhe propôs que não parecia tempo então, pois estávamos como desterrados e encolhidos, fazer pública festa no recebimento destas cousas, todavia no princípio foi D. Protásio duro em se fazer capaz de dilatar esta festa, dizendo que Quambacu estava então ocupado na guerra nas últimas partes de Japão, que não era inconveniente. Todavia, porque daí a poucos dias chegou nova que tinha já acabado aquela guerra e com grande vitória, e os cristãos entendiam que não convinha em nenhuma maneira fazer-se por então este recebimento, se dilatou para se fazer depois que o Padre Visitador tornasse de Miaco.” Luís Fróis, *Historia de Japam*, o. c., V, p. 189.

Haec maxima religionis euertendae tempestas, quam Quabacondono excitauit, molesta nobis omnibus non parum fuit et laboriosa, me uero maxime exercuit, qui, praeter edictum et imperium, praecipuum patrum numerum ad me recepi et regno meo conclusi, in quo adhuc num haerent, exponens me manifestissimo periculo et status mei ruinae ac euersioni, sed cum patribus orae declinandae alia non est uia et famuli Dei constituissent omnes in Iapone uitam deponere neque ulla ratione deserere quos fidei pepererant christianos, uisum est rationi conforme ut me meaque omnia pro Dei mei obsequio discrimini subiicerem, qui paterna sua prouidentia non modo me hucusque e periculis eruit, sed etiam auxit erexitque plurimum, cum eodem tempore ex ethnicis et gentilis superstitionis perierint multi, [21] qui rerum euentus christianis Iaponiae fidem et in Deum spem auxerunt. Confidimus omnes Patris Visitoris ad Quabacondono iter susceptum finem impositurum oppugnationi et christianorum persecutioni, quae ut hucusque tyrannum Christi exercitatio fuit quaedam, ita spe adducor ut credam incremento ingenti ad augendam in Iaponia in Christum fidem.

Cum uero sciam quod cetera ex Patre Visitatore S. V. resciscet, finem faciam, caput meum B. V. sanctissimis pedibus submittens, haecque scribo ea reuerentia et animi demissione quae S. V. debetur.

Anno IX aera²⁹ dicta Tenscio, decimo octauae Lunae, quae est 22 Septembris Anni 1590

Aduolutus pedibus Sanct. V.

Arimano, Sciurinò. Daibu Don Protasius

²⁹ X Dell Era in editione Antuerpiensi.

Nesta grande perseguição de Quambacudono contra os cristãos, se viram todos em grande tribulação e aperto, e eu em particular, pois, contra a ordem e mandado do dito rei, recebi e agasalhei a maior parte dos Padres da Companhia em minhas terras, onde agora ficam, metendo-me com isto em grande perigo de perder a vida e estado, mas como os Padres não tinham outro remédio e como servos de Deus se deliberaram a morrer todos no Japão e não deixar / esta cristandade, me pareceu rezão arriscar todo o temporal por o serviço de Nosso Senhor, o qual com Sua paternal providência não somente até esta hora me livrou dos perigos, mas em tudo me tem prosperado e acrescentado, tendo-se no mesmo tempo perdido inumeráveis Senhores gentios, [21] pelo que tem crecido com esta experiência nos Senhores de Japão a fé e confiança em Deus. E agora com esta ida do Padre Visitador a Quambacudono temos grande esperança se porá fim a esta perseguição, a qual assi como até o presente foi prova desta nova cristandade, assi confio em Nosso Senhor que dela resultará grande aumento na conversão destas partes.

E porque o mais Vossa Santidade o saberá do Padre Visitador, acabo, sojeitando humildemente e pondo a cabeça aos pés de Vossa Santidade, e esta escrevo com a reverência e humildade que se deve a Vossa Santidade.

Aos *nove* anos da era chamada Tensho, aos dez da oitava Lua, que são aos 22 de Setembro de 1590³⁰.

Prostrado aos pés de Vossa Santidade

Arimano Ciurino, Daibu D. Protásio

³⁰ Veja *supra* nota (60).

***Exscriptum alterius epistolae eiusdem Don Michaelis
ad R. Petrum Fonseca Societatis IESV***

Ex quo Dominus noster tanta nos gratia dignatus est ut ad finem optatum peregrinationis nostrae pertingeremus, ingressis nobis in Iaponia regna post decursos annos nouem, tantum enim est spatium ex quo [22] hinc abiimus, rationi non est consonum ut in mediis gaudiis nostris R. V. obliuiscamur, cui mecum alii sciunt deberi non modicam eorum partem: amor enim et officium quod sociis meis exhibuit R. V. eo tempore quo in uestra domo deuersabamur, certum me faciunt letitiae et approbationis, tam uestrae quam ceterorum patrum et fratrum qui istic agunt, intellecto felici nostro in Iaponiam reditu et prospera accessione summoque exsultantium plausu, quo excepti sumus, non solum a patribus et fratribus Societatis, qui his in locis degunt, sed a Iaponensibus uniuersis, maxime uero a matribus et parentibus nostris, quodque magis mirere, ab ipsis gentilibus. Quod, cum hinc cum P. Visitatore recessimus, de reditione nostra quodammodo desperassent. Quare, uidentes reuertisse non sanos modo et ualentes, sed uiros factos (pueri enim quodammodo discesseramus) ac honore ac fauore auctos, quibus nos Summus

Transcrição da outra carta do mesmo D. Miguel ao reverendo Padre Pedro da Fonseca³¹, da Companhia de Jesus

Desde que Nosso Senhor mediante tão grande graça quis que nós alcançássemos o desejado termo da nossa viagem, tendo nós regressado aos reinos do Japão depois de decorridos nove anos, pois é este o período de tempo desde que [22] partimos daqui, não é conforme à razão que no meio do nosso regozijo nos esqueçamos de Vossa Reverência, a quem, juntamente comigo, os outros estão cientes de que se deve uma grande parte do mesmo: é que o amor e deferência que Vossa Reverência mostrou para com os meus companheiros durante o tempo em que nos alojámos na vossa casa, certificam-me da alegria e gosto, tanto vosso como dos restantes padres e irmãos que lá vivem, quando souberem do nosso feliz regresso ao Japão e da próspera chegada e do imenso aplauso e grande júbilo com que fomos acolhidos, não apenas pelos padres e irmãos da Companhia, que vivem nestes lugares, mas por todos os Japoneses, e sobretudo pelas nossas mães e parentes, e, o que é mais de admirar, pelos próprios gentios. É que, quando daqui partimos em companhia do Padre Visitador, até certo ponto não acreditavam que regressássemos. Por este motivo, ao verem que regressávamos, não apenas são e rijos, mas homens feitos (pois partíramos daqui a bem dizer crianças)³² e acrescentados com as honrarias e favores com que nos cumularam o Sumo Pontífice, os prelados da

³¹ Bem conhecido como exímio mestre dos estudos metafísicos, desempenhava as funções de prepósito da Casa Professa de S. Roque ao tempo em que os moços japões estiveram em Lisboa.

³² “Porque nem os de cá conheciam a D. Miguel nem aos outros que vieram, pelos ver tão crescidos e mudados do que como quando partiram, nem eles conheciam seus primos e parentes que deixaram moços, porque como com a idade e com o tempo os de uma parte e da outra fizeram em sua filosomia e rostros mui grande mudança, e passaram oito anos e meio de tempo que se não viram, estavam espantados quando se davam a conhecer uns aos outros, olhando fixamente e dizendo que se não conheciam. E assim D. Miguel não se conhecia com seus primos, posto que ele bem conheceu logo a Arimandono, porque o deixava já homem ao tempo que de Japão partiu. E D. Martinho não conheceu seu irmão nem seu irmão a ele; e, o que mais é, que a mãe de D. Miguel não conheceu seu filho; e a mãe e o pai de D. Martinho também o não conheceram, e os irmãos não conheciam a D. Julião; e o mesmo aconteceu depois a D. Mâncio, quando sua mãe do reino de Fiunga o veio visitar a Nangazaqui.” Luís Fróis, *Historia de Japam*, o. c., V, 188.

Pontifex, sanctae Ecclesiae praesules, Maiestas Catholica, praecipui quique principes et dynastae Europae cumularunt, ipsaque adeo Societas ornauit, stupent et mirantur omnes, recreati plurimum de effuso in nos amoris affectu, et Patris Visitoris curae ac sollicitudini euento respondente, qui nos abduxit et Iaponensibus, Domini auxilio, saluos restituit.

Noua quae significari possunt haec sunt:

Versari nos in portu Nangasachi et infra paucos dies Meacum cum P. Visitatore meditari, qui voluntate Proregis Indiae muneribus [23] ab eodem onustus ad Quabacondono proficiscitur. Speramus in Domino Patris Visitoris et nostro Meacum accessu, Quabacondono in pedes erecturum patres, totamque christianitatem felicius quam ante promouendam. Vt hoc credamus, faciunt externa quaedam signa et uoluntatis notae, de quibus nobis constat. Nam, intellecto P. Visitoris aduentu, auditis legatione, muneribus, generoso equo, quibus eum Prorex donat, exhilaratus est plurimum et quaedam nauigia expediri iussit, quibus nobiles et honoratae personae uehuntur, ut dictum Patrem excipiant et Meacum comitentur. Vbi naues appulerint, Meacum uersus soluemus, quod ab hoc portu nonaginta miliaribus abest, quae ducenta 70 Italica faciunt.

Iaponia hodie ad suscipiendam admittendamque christianam fidem aptior compositiorque est quam umquam fuit. Cum enim Quabacondono uniuersae imperet, adepta magna uictoria de Bandou extrema Iaponiae parte octoque imperio suo adiectis regnis, quae dominationem aspernabantur, si, lumine diuino illustratus, christiana sacra amplectatur aut saltem oppugnatione, ut annis superioribus fecit, intermissa,

santa Igreja, o Rei Católico e todos os principais senhores e soberanos da Europa, e com que até a própria Companhia nos ornou, todos se espantam e ficam admirados, sobremaneira deleitados com o ilimitado sentimento de amor para conosco, e a que correspondeu na prática o cuidado e solicitude do Padre Visitador, o qual nos levou e, com a ajuda do Senhor, nos restituiu sãos e salvos aos nossos concidadãos Japoneses.

As novidades que posso dar são as seguintes:

Encontramo-nos no porto de Nagasaki e dentro de poucos dias pensamos partir para o Meaco com o Padre Visitador, o qual, por vontade do Vice-rei da Índia, [23] carregado de presentes deste, se põe a caminho para se encontrar com Quabacondono. Temos esperança no Senhor de que com a ida do Padre Visitador e nossa ao Meaco, Quabacondono há de restituir os padres, e que toda a cristandade deve prosperar com mais ventura do que antes. Levam-nos a acreditar nisto certos sinais exteriores e indícios dos seus sentimentos, de que temos notícia. Com efeito, quando soube da vinda do Padre Visitador e ao escutar o que lhe disseram acerca da embaixada, dos presentes e do galhardo cavalo, que o Vice-rei lhe oferece, alegrou-se sobremodo e mandou aparelhar certas embarcações, em que se transportam pessoas nobres e honradas, para receberem o referido Padre e o acompanharem até ao Meaco. Logo que as naus chegarem, daremos à vela para o Meaco, que dista noventa milhas deste porto, que correspondem a duzentas e setenta das italianas³³.

O Japão encontra-se hoje em melhores e mais propícias condições do que nunca para acolher e receber a fé cristã. De facto, uma vez que Quabacondono reina sobre todo o país, depois de ter alcançado uma grande vitória sobre Bandou, a parte mais afastada do Japão, e de haver juntado ao seu império oito reinos que não reconheciam a sua soberania, se, iluminado pela inspiração divina, abraçar a religião cristã ou, pelo menos, cessando a perseguição, como

³³ “Estando ainda Quambacu nas guerras do Bandou e sabendo lá da vinda do Padre Visitador e do presente que trazia, alegrando-se muito com isso, ordenou a Asano Danjo, muito seu privado, que tratava diante dele nossos negócios, que mandasse ir o Padre para o Miaco, e ele ordenou a um fidalgo que no fim de Novembro viesse com embarcações para o levar. E porque depois da vinda de Quambacu para o Miaco se tornaram a alevantar alguns senhores do Bandou foi forçado a Asano Danjo ficar lá e deter-se mais do que cuidava, e assim se deteve também o fidalgo que havia de ir com as embarcações para levar o Padre.” Luís Fróis, *Historia de Japam*, o. c., V, 270.

christianis faueat, exspectari aliud non potest quam ut gentilium superstitione imbuti posito errore ad ueram Creatoris sui notitiam deueniant.

Cetera quae scribi possent P. Visitor sigillatim suis complectetur, quare aliud non addam quam primo quoque tempore curaturos ut longa et diuturna haec nostra peregrinatio [24] fructus aliquos referat, mirabilium et eximiarum rerum narratione, quas Romae, quas passim alibi in Europa uidimus et manibus attigimus. Nam hac commemoratione tam christiani quam ethnici reficiuntur et recreantur plurimum fidemque dictis adhibent, animo firmiter impressis iis, quae hactenus ex ore patrum hauserant, non ignari nos, qui eiusdem patriae sumus, non narraturos quae Iaponicis praecellant, nisi reuera meliora et magnificentiora essent. Eandem fidem habent narrationi de Deo rebusque ecclesiasticis, quos etiam sermones gustant auidius, confirmati plurimum oculorum nostrorum testimonio.

Aliud non occurrit nisi ut me sanctis sacrificiis R. V. plurimum commendem.

Nangasachi octauo Octobris 1590

R. V. filius et seruus

Don Michael

fez nos anos anteriores, favorecer os cristãos, não pode esperar-se outra coisa senão que, aqueles que se encontram dominados pela superstição pagã, ponham de lado o erro e alcancem o verdadeiro conhecimento do seu Criador.

O mais que poderia escrever-se há de dizê-lo pormenorizadamente o Padre Visitador na sua carta, pelo que nada mais acrescentarei senão que nos próximos tempos também teremos a preocupação de que esta nossa longa e prolongada viagem produza [24] alguns frutos, mediante a narração das cousas espantosas e extraordinárias que, em Roma e noutros lugares por toda a Europa, nós vimos e tocámos com as mãos. É que, com esta evocação, tanto os cristãos como os pagãos sobremaneira se deleitam e consolam, e dão crédito ao que se lhes conta, que lhes fica mais firmemente gravado no espírito do que aquilo que até hoje tinham ouvido da boca dos padres, ao estarem cientes de que nós, que somos seus compatriotas, não iríamos contar coisas que se avantassem às japonesas, a menos que fossem deveras superiores e mais esplêndidas³⁴. Dão o mesmo crédito ao que contamos acerca de Deus e das matérias eclesiásticas, conversas estas que até saboreiam mais avidamente, ao sentirem-se sobremodo certificados pelo testemunho dos nossos olhos.

Nada mais me ocorre dizer senão recomendar-me assaz aos santos sacrifícios de Vossa Reverência.

Nagasaki, 8 de outubro de 1590

Filho e servidor de Vossa Reverência

D. Miguel

³⁴ “(...) folgando todos estranhamente de lhe ouvir contar as maravilhas que em Europa viram e as honras e gasalhados que lhe fizeram. As quais cousas eles sabem mui bem contar e dizer com tanto afecto que os Japões se espantam e não temos necessidade de mais pregadores para dar a entender aos Japões nossas cousas, porque põe admiração ver quão miudamente as notaram e quão vivamente lhes ficaram impressas na memória. E daqui se pode conjecturar quão grande é a prudência dos Japões, porque estes, com ser ainda meninos, quando estavam em Roma mostravam que se não espantavam de nenhuma cousa que viam, por grande que fosse, todavia notavam todas de tal maneira que agora as sabem contar e referir muito melhor do que o sabem alguns dos nossos que estiveram em Roma.” Luís Fróis, *Historia de Japam*, o. c., V, pp. 225-226.

